

Leonardo Gasparly Salles

**Nova Direita ou Velha Direita com *Wi-Fi*?:
Uma interpretação das articulações da “direita” na internet
brasileira**

Dissertação/Tese submetido(a) ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política da Universidade
Federal de Santa Catarina para a
obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia Política
Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Salles, Leonardo Gasparly
Nova Direita ou Velha Direita com Wi-Fi? : Uma
interpretação das articulações da "direita" na internet
brasileira / Leonardo Gasparly Salles ; orientador,
Jacques Mick, 2017.
167 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Política, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Sociologia Política. 2. Análise de redes
sociais. 3. Direita. 4. Brasil. I. Mick, Jacques.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III.
Titulo.

Leonardo Gasparly Salles

Nova Direita ou Velha Direita com *Wi-Fi*?: Uma interpretação das articulações da “direita” na internet brasileira

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Sociologia Política e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis/SC, Abril de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jacques Mick
(Presidente/Orientador)
PPGSP/UFSC

Prof. Dr. Ernesto Seidl
(Membro)
PPGSP/UFSC

Prof. Dr. Raúl Burgos
(Membro)
PPGSP/UFSC

Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima
(Membro/via skype)
UFES

Prof. Dr. Ernesto Seidl
(Subcoordenador)
PPGSP/UFSC

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente com singelas, porém sinceras palavras, a minha mãe, Marcia, e a meu pai, Marcelo, assim como a seus respectivos companheiros, Beto e Clau. Os quais forneceram generoso apoio, material e espiritual, sem os quais esse trabalho não existiria.

Gostaria também de agradecer a meu orientador, o grande professor Jacques Mick, que além de ser colorado, forneceu - sempre com grande paciência - apoio durante meus muitos momentos de hesitação e insegurança. Também foram providenciais suas muitas sugestões e *insights*, além do fato de ter corrigido - inúmeras vezes - todos os trechos desta dissertação, os quais eu, invariavelmente, sempre entregava na iminência do esgotamento de todos os prazos (sim, eu fiz ele trabalhar no domingo).

Mereceram elogios todos os membros da banca: o Prof. Dr. Ernesto Seidl, que além das parcerias musicais para fora da academia (baita gaiteiro bagual!), fez inúmeras observações e sugestões - com seu característico rigor -, jamais desistindo de tentar inculcar um saudável rigor científico a este trabalho (todas as falhas neste sentido devem ser atribuídas unicamente a meu espírito ensaístico, típico de alguém passou mais tempo “surfando” na blogosfera do que lendo os clássicos da sociologia e ciência política). O Prof. Dr. Raul Burgos, cuja paixão pelo tema sempre foi um grande incentivo para que eu seguisse adiante. Também realizou importante contribuição ao me fazer ler Gramsci, o qual eu, até então, conhecia apenas a partir da visão daqueles que o julgavam culpado pela origem de praticamente todas as mazelas de nosso tempo. O Prof. Dr. Fabio Malini, pioneiro das humanidades digitais: sem o contato com suas cartografias - descobertas acidentalmente entre os *hyperlinks* da *web* - eu sequer teria sabido que era possível fazer um trabalho como este. Faço menção também ao Prof. Dr. Ricardo Silva cujas sugestões de leitura durante a qualificação de meu projeto foram cruciais para a finalização desta dissertação.

Seria impossível não fazer menção a Nathalia, que me acompanhou, incentivou e, em incontáveis ocasiões, cuidou de minha saúde mental e física nesta longa trajetória do mestrado, do início ao fim. Sem você eu não teria conseguido!

Agradeço a todas as muitas amigas e amigos que de alguma forma ou outra participaram desta jornada, e tiveram a paciência de me ouvir tagarelar sobre meu trabalho.

Muito obrigado a todos!

“Research shows that if people are talking and listening to like-minded others, they become more dogmatic, more unified, and more extreme. Personalized Facebook experiences are a breeding ground for misunderstanding and miscommunication across political lines and, ultimately, for extremism.”

Cass Sunstein

“Essa é minha maneira de contribuir para esclarecer algumas coisas. O intelectual não pode fazer nada, não pode fazer a revolução. As revoluções feitas por intelectuais são sempre muito perigosas.”

Umberto Eco

RESUMO

Durante o heterogêneo ciclo de manifestações de 2013, percebeu-se um novo elemento político no país: atores claramente ligados à direita tomando as ruas, território tradicional das esquerdas. Do Movimento Brasil Livre propondo a privatização do transporte público em oposição às demandas do Movimento Passe Livre às esvaziadas manifestações pelo retorno dos militares ao poder: ao final, os protagonistas de esquerda, mobilizados ao início das manifestações, haviam perdido o protagonismo para uma massa amorfa indignada, acima de tudo, com o governo federal do Partido dos Trabalhadores. Grupos de direita aumentam suas mobilizações nos anos subsequentes, culminando no afastamento de Dilma Roussef em 2016. Tais grupos receberam o rótulo de “nova direita”, em diversos artigos jornalísticos e científicos. As redes sociais tiveram papel essencial enquanto meio para a organização destes grupos e difusão de suas ideias. Esta dissertação se divide em três etapas. A primeira consiste na conceitualização da web 2.0 (GEHL, 2010; MARWICK, 2010), e em interpretações críticas (KEEN, 2009; SUNSTEIN, 2007). A segunda realiza um estudo das definições de direita e esquerda, a partir de autores como Bobbio (1994), Levin (2014) e Hayek (apud OSTERMANN, 2014a), das tradições político-filosóficas conservadoras (COUTINHO, 2014; LEVIN, 2014) e liberais (MERQUIOR, 1981, 1991; MISES, 1981; EBELING, 2006; HAMOWT, 2008; SPRINGER et al, 2016). A partir destes autores, e em dialogo com o universo a ser estudado, elabora-se uma tipologia dos grupos de direita, desdobrada numa análise de um mapa de redes, constituído por páginas de direita no Facebook. Os mapas foram realizados com o programa de computador *Gephi*, através de dados “minerados” do Facebook com o *crawler* Netvizz. Finalmente, as tipologias são aplicadas às páginas da amostra, formando uma imagem estática de ideias em movimento. O trabalho argumenta que, na constelação de forças políticas que configuram a direita brasileira hoje, há grupos que de fato merecem ser designados como “novos”, enquanto outros representam a continuidade de perspectivas há muito existentes no panorama político do país.

Palavras-chave: Análise de redes sociais. Direita. Brasil.

ABSTRACT

A new political element was perceived during the 2013 heterogeneous demonstrations: the presence of undisputed right-wing demonstrators, into which was a traditionally left-wing territory. From the proposed privatization of public mass transport systems, by the Free Brazil Movement (Movimento Brasil Livre), in opposition to the demands of the Free Ticket Movement (Movimento Passe Livre), to the emptied demonstrations asking for a return of the military into power, the left-wing actors, which began the demonstrations, lost their protagonism to an amorphous mob, infuriated specially with the federal government of the Workers Party (Partido dos Trabalhadores). Right-wing groups increased their mobilizations in the following years, eventually impeaching, into 2016, Workers Party president Dilma Rouseff. Several journalistic and scientific articles labeled these groups as the “new right”. Virtual social networks provided the essential environment into these groups organized and their ideas were spread. This dissertation is divided into three sections. The first one revolves around the concept of web 2.0 (GEHL, 2010; MARWICK, 2010), and on some of its critics (KEEN, 2009; SUNSTEIN, 2007). The second search for political definitions of right and left, through Bobbio (1994), Levin (2014) and Hayek, political and philosophical conservative (COUTINHO, 2014; LEVIN, 2014) and liberal thought (MERQUIOR, 1981, 1991; MISES, 1981, EBELING, 2006; HAMOWT, 2008; SPRINGER et al, 2016). Through these authors and a dialogue with the universe being studied, ideal types of the right wing groups were elaborated, culminating in a network map analysis, constituted by Facebook fanpages. These maps were made with the *Gephi* computer software, with data “mined” from Facebook with the *Netvizz crawler*. Finally, the new right ideal types are applied to the mapped fanpages, forming an ecstatic image of ideas in a flux. The dissertation argues that, in the political constellation of the Brazilian right, there are groups that indeed deserve to be designated as “new”, when others represent the perseverance of perspectives long present in the Brazilian political landscape.

Keywords: Social Network Analysis. Right. Brazil.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura – 1 Cartografia das Redes de Ódio no Facebook.....	42
Figura 2 – O Diagrama de Nolan	81
Figura 3 – Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 sem filtros, tamanho dos nós vinculados a CA).	123
Figura 4 - Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 sem filtros, tamanho dos nós vinculados a CI).....	126
Figura 5 – Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 com filtro ($GE \geq 9$), tamanho dos nós vinculado a CA).....	129
Figura 6 - Cluster 5 da rede de conexões da direita no Facebook (2016, com filtro ($GE \geq 9$), tamanho dos nós vinculados a CA)	134
Figura 7 – Post de Olavo de Carvalho a respeito do <i>impeachment</i>	140

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Filosofias políticas da modernidade e sua distribuição de acordo com a díade Emancipação/Tradição	85
Quadro 2 - Filosofias políticas da modernidade e sua distribuição de acordo com uma díade cognitiva.....	85
Quadro 3 – Categorias tipológicas em grandes grupos	117

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Porcentagem da População Brasileira que usa Redes Sociais por Rede Social (2015).....	48
Tabela 2 – Distribuição dos tipos ideológicos no <i>cluster</i> 0 (2016)	130
Tabela 3 - Distribuição das categorias descritivas no <i>cluster</i> 0 (2016)	131
Tabela 4 - Distribuição das categorias descritivas no <i>cluster</i> 1 (2016)	132
Tabela 5 - Distribuição das categorias descritivas no <i>cluster</i> 0; 2016.	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1.1 O problema da pesquisa	30
1.2 O desenho da pesquisa	35
1.2.1 Notas sobre a elaboração da classificação tipológica	39
1.2.2 Notas sobre a elaboração da Cartografia	40
2 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO AMBIENTE DA PESQUISA: A WEB 2.0	47
2.1 Os Discursos sobre a Web 2.0.....	48
2.2 A Ideologia Californiana	50
2.3 Os Discursos Críticos sobre a Web 2.0	51
2.3.1 O Culto ao Amador: A Crítica Elitista de Andrew Keen	51
2.3.2 Câmaras de Eco e Polarização Política: a crítica de Cass Sunstein	54
2.3.3 Enclausuramento Digital: a crítica de Robert W. Gehl	55
2.4 Self-Branding e a atuação dos produtores de conteúdo na internet	56
2.5 A Blogosfera e a Inteligência de Enxame	58
2.6 Considerações finais sobre a Web 2.0.....	59
3 UMA NOVA DIREITA?	61
3.1 O debate teórico a respeito da distinção <i>direita</i> e <i>esquerda</i>	65
3.2 Norberto Bobbio e a igualdade enquanto critério de distinção da díade	67
3.3 Yuval Levin e a gênese da direita e da esquerda a partir do debate entre Edmund Burke e Thomas Paine	70
3.4 Modelos alternativos de formulação: as alternativas liberais ...	78
3.5 Considerações a respeito das formulações analisadas anteriormente	82
3.6 A tipologia das ideologias da modernidade de Dino Cofrancesco	84
3.7 Os múltiplos liberalismos.....	86
4 TIPOLOGIA UTILIZADA NA CARTOGRAFIA	95
4.1 O grupo ideológico conservador	95
4.1.1 Conservadorismo Liberal	95
4.1.1.1 Representantes do Conservadorismo Liberal.....	101
4.1.1.2 Conservadorismo Guerra Fria.....	103
4.1.1.2.1 A Guerra Fria não acabou! A teoria de Jeffrey Nyquist ...	104
4.1.1.2.2 A <i>guerra fria</i> segue na América Latina: Olavo de Carvalho e o Foro de São Paulo.....	105
4.1.1.2.3 A Estratégia Gramsciana e o Marxismo Cultural.....	106

4.1.2.4 Antiglobalismo.....	107
4.1.2.5 Aproximações e distinções entre o conservadorismo guerra fria e o conservadorismo populista.....	109
4.1.2.6 Representantes do Conservadorismo Guerra Fria	111
4.1.3 Aproximações e distinções entre conservadores liberais e conservadores guerra fria	112
4.1.4 O Conservadorismo Moralista.....	112
4.2 O grupo ideológico liberal	114
4.2.1 Liberais-Conservadores, Liberistas e Liberais Sociais	114
4.2.2 Libertarianos	116
4.3 Quadro final das categorias tipológicas	117
5 CARTOGRAFIA DAS REDES DA NOVA DIREITA.....	119
5.1 Cartografia da nova direita durante o processo de <i>impeachment</i> em 2016	120
5.1.1 Análise do cluster 0 - Liberais/Libertarianos	130
5.1.2 Análise do <i>cluster</i> 1 – Fora PT/Manifestações	132
5.1.3 Análise do cluster 2 – Políticos DEM.....	133
5.1.4 Análise do cluster 3 – MBL	133
5.1.5 Análise do <i>cluster</i> 4 – Fora PT/Pró-Polícia	133
5.1.6 Análise do <i>cluster</i> 5 – Conservadores	133
5.1.7 Análise do cluster 6 – Políticos PSDB e outros	137
5.2 Considerações finais sobre a cartografia	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
Considerações tipológicas <i>ou</i> tentando responder a pergunta <i>nova</i> <i>direita ou velha direita com wi-fi?</i>	144
Considerações sobre o alcance do estudo.....	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

INTRODUÇÃO

Não lembro exatamente quando e como tive o meu primeiro contato com um texto de Olavo de Carvalho; deve ter sido durante alguma noite ociosa perdida vagando na internet pulando de *hyperlink* em *hyperlink* sem saber aonde se quer chegar. Na época, em algum momento de 2005, eu era um adolescente que se sentia um tanto deslocado na pequena cidade litorânea em que vivia, para o qual o mundo da internet era um incrível repositório de conhecimentos e ideias absolutamente inovadoras e diferentes de tudo aquilo que eu ouvia entre meus colegas, amigos e familiares.

O filósofo de Campinas era então como um profeta pregando no deserto: suas ideias me pareciam tão extravagantes – embora sempre muito bem encadeadas e elegantemente escritas – que eu chegava a sentir certa vergonha alheia, uma espécie de pena daquele senhor – figura excêntrica, megalomaniaca, com seu sotaque do interior de São Paulo, seu arsenal de palavrões e ironias, sempre com seu cigarro – com teorias extravagantes sobre a ONU ser parte de uma conspiração comunista global. Mesmo achando os textos um tanto malucos, eu sempre retornava para ler mais um: pela qualidade de sua escrita, erudição, riqueza de informações e, admissão envergonhada, por concordar em parte com algumas críticas pontuais à esquerda¹. Até então, jamais imaginava que qualquer pessoa que eu pudesse conhecer pessoalmente fizesse alguma ideia de quem era Olavo de Carvalho.

Foi só em 2006 – quando eu já havia saído da casa de minha mãe para estudar em Santa Maria - RS, durante os depoimentos do mensalão², que pela primeira vez um amigo meu repetiu aquele nome: Olavo de Carvalho. Aquele amigo era então estudante de Direito e estava apaixonado por *Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão em 38 Estratagemas* de Schopenhauer, lançado no Brasil com extensos comentários de Olavo de Carvalho. Posteriormente – nos anos seguintes – conheci mais algumas pessoas que sabiam da existência do filósofo de Campinas, e ele já escrevia alguns artigos em grandes jornais

¹ Naquela época, assim como hoje, a compilação de seus textos pode ser encontrada em dois *sites*, o <<http://www.midiasem mascara.org/>>, organizado Olavo, mas que também publica textos de outros autores brasileiros, além de

² Único período em minha memória no qual as pessoas sintonizavam suas televisões na TV Senado quando queriam assistir alguma coisa enquanto estavam à toa.

no país, embora permanecesse ainda desconhecido, pelo menos entre os jovens universitários com os quais eu convivía na época.

Lembro que então Olavo havia dito que o Brasil era um país essencialmente conservador, e que os partidos de esquerda haviam dominado a cena política durante a redemocratização apenas porque a direita tinha se acovardado no cenário nacional após o fim do governo militar. Procurando por artigos de Olavo desta época, encontrei um com esta temática, publicado na *Zero Hora* em 2006, intitulado *Por que o brasileiro vota na esquerda*:

Se no Brasil ocorre esse fenômeno aberrante de um eleitorado conservador votar maciçamente em candidatos de esquerda, o motivo da contradição aparente é claríssimo [...]

Desde logo, o conservadorismo não tem canais partidários ou culturais de expressão e se tornou politicamente nulo. Não há políticos conservadores: ninguém pode votar em candidatos inexistentes.

[...]

O PFL poderia ser um partido de direita, mas, como só quer cargos e não tem nenhuma perspectiva de poder, consentiu em tornar-se uma filial do PSDB. O PMDB é esquerdista desde a origem e está repleto de comunistas. O PSDB, a “direita da esquerda”, é a boca de funil para onde converge o que possa restar de direitismo hipotético nesses outros partidos. Tal como o PT, esse partido nasceu na USP, e sua única função no conjunto da estratégia comunista uspiana é impedir que os descontentes com o PT acabem se aglutinando numa direita genuína. (CARVALHO O, 2006, s/p).

O PSDB como partido de esquerda era uma das ideias de Olavo que mais me chamavam a atenção na época³.

Nos anos seguintes continuei a acompanhar Olavo de Carvalho e o *Midia Sem Máscara*, e comecei a perceber que havia também outros

³ Era inconcebível a mim na época, com a memória ainda fresca do governo FHC, pensar o PSDB como sendo de esquerda. Agora o PSDB de FHC quase parece de esquerda, olhando retrospectivamente e comparando-o ao PSDB encarnado por Geraldo Alckmin em São Paulo.

autores com ideias explicitamente conservadoras⁴, e durante um episódio em particular também percebi que existiam vertentes e rachas no que se convencionou chamar de direita. Este episódio particular foi o do “barraco” público entre Olavo de Carvalho e o então desconhecido blogueiro Rodrigo Constantino, na época colaborador ocasional no *Mídia Sem Máscara*⁵. A disputa evidencia algumas características importantes: a) permite identificar a principal fonte de divergência na chamada *nova direita brasileira*, a separação entre *conservadores*, *liberais* e *libertarianos*; b) mostra bem o ambiente no qual se desenvolveu e se disseminou o pensamento desta *nova direita*: blogs, redes sociais e fóruns de discussão, com suas vaidades e picuinhas, interação entre autores e leitores, a tomada de posição dos leitores, as discussões entre o público e os autores, as discussões dos leitores entre si nas seções de comentários⁶, e a velocidade rápida na qual estas discussões se iniciam, desenvolvem e terminam⁷.

O estopim da desavença foi a publicação, no blog de Rodrigo Constantino em 8/2/2007, do texto *O Túmulo do Fanatismo* (CONSTANTINO, 2007a), uma crítica agressiva à religião, embasada em Voltaire, na qual defende a razão perante a fé⁸. A ordem dos acontecimentos seguintes é difícil de se determinar, mas Olavo – defensor da importância da herança judaico-cristã para o Ocidente – criticou Constantino em algum grupo do finado *Orkut*, no qual se seguiu a discussão. Nesse primeiro momento é possível ver o caráter ativo da comunidade que segue esses blogueiros: a seção de comentários do artigo de Constantino em seu blog está repleta de críticas que ecoam a de Olavo de Carvalho, e, em menor número, de defensores da posição de Constantino; em algum momento um claro defensor de Olavo de

⁴ Olavo tinha razão quanto a que realmente as ideias conservadoras não pareciam ter espaço na mídia de então. Lembro que na Veja já havia Diogo Mainardi, mas Mainardi sempre me parecera mais um comediante do que um intelectual.

⁵ Posteriormente foi colunista da Veja e autor de livros como *Esquerda Caviar*, um nome provavelmente conhecido da maioria dos leitores.

⁶ A leitura das seções de comentários é sempre muito rica, sendo palco de discussões às vezes mais longas até do que os próprios textos nas quais estão centradas. A observação dos comentários permite ver reações, posicionamentos e divergências dos leitores, além das relações destes com os autores.

⁷ Uma discussão sobre a dinâmica da relação autor/leitor em blogs pode ser encontrada em: CHAGAS (2007).

⁸ Relaciona rapidamente o marxismo ao cristianismo, ao dizer que “Marx é o Jesus dos comunistas” (CONSTANTINO, 2007a).

Carvalho⁹ envia os links para o debate no Orkut, com a seguinte chamada: “Rodrigo Constantino sendo reduzido a pó de traque por Olavo de Carvalho no Orkut [...]”.

Um dia depois, em 9 de fevereiro de 2007, Nivaldo Cordeiro, economista e colaborador regular do *Mídia sem Mascara*¹⁰, publica um texto bastante agressivo intitulado *O Bestialógico do Constantino* (CORDEIRO, 2007). No dia 11 de fevereiro sai um texto resposta do próprio Olavo de Carvalho, *Rodericus Constantinus Grammaticus: o anti-estudante ou O Homem do Mim* (CARVALHO O, 2007a) no qual desqualifica pessoalmente seu adversário, atacando seu caráter e sua gramática. No dia 12 de fevereiro, Constantino escreve *Resposta a Olavo* (CONSTANTINO, 2007b), no qual acusa Olavo de Carvalho de já ter sido comunista – acusação grave no meio –, insinuando que ele apenas trocou um fanatismo, o comunismo, por outro, o fundamentalismo cristão.

No dia 13 de fevereiro de 2007, Olavo publicou a segunda parte de *Rodericus Constantinus Grammaticus: o anti-estudante ou O Homem do Mim* (CARVALHO O, 2007a), e no mesmo dia Constantino publica *Fides et Ratio* (CONSTANTINO, 2007c), mais uma vez opondo ciência a religião, com breve menção a Olavo de Carvalho.

No dia 15 de fevereiro é publicado por Olavo um texto no *Jornal do Brasil* online, em que também ataca Constantino – embora o faça sem citar nomes – com o título de *Barbárie Mental* (CARVALHO O, 2007b): “Outro dia, em discussão na internet, um rapaz que de vez em quando escreve artigos políticos assegurou que todos os santos e profetas da cristandade só queriam poder e dinheiro, que Jesus nasceu de um adultério e que os judeus são um povo de ladrões”.

No mesmo dia Rodrigo, Constantino publicou uma resposta em seu blog, intitulada *A Desonestidade de Olavo* (CONSTANTINO, 2014d), na qual acusava Olavo de Carvalho de desonestidade intelectual, de ter distorcido suas palavras, afirmando também que seus seguidores formam uma espécie de seita em torno do “guru”, encerrando com o

⁹ Os seguidores fervorosos de Olavo de Carvalho eram por vezes chamados de “Olavetes”, título que passaram a assumir com orgulho, havendo no *site* do seminário de filosofia de Olavo de Carvalho - <http://www.seminariodefilosofia.org/>- uma loja virtual com os dizeres “Eu sou uma Olavete”.

¹⁰ O fato de um autor menor do grupo ir à defesa do mestre demonstra a coesão dos conservadores alinhados com Olavo de Carvalho.

seguinte: “não dá para esperar muito de quem afirma que Sir Newton espalhou o vírus da burrice pelo ocidente”¹¹.

No dia 16 de fevereiro Olavo publica *Disfarçando o mico* (CARVALHO O, 2007c), discutindo o *Fides et Ratio* de Constantino, no qual diz que não buscou comparar *religião* e *ciência*, e sim o *cristianismo* em relação a ideologias modernas como *iluminismo*, *marxismo* e *cientificismo-evolucionismo*, defendendo o caráter tolerante do cristianismo em relação às intolerâncias e aos assassinatos em massa cometidos em nome das ideologias modernas. Ataca Voltaire e encerra com palavras simpáticas: “Em matéria de disfarce, o Sr. Constantino não é um lobo em pele de cordeiro. É um mico em pele de jumento”.

No dia 17, Olavo publica a terceira parte de *Rodericus Constantinus Grammaticus: o anti-estudante ou O Homem do Mim* (CARVALHO O, 2007a), de caráter bastante pessoal, falando que Constantino havia fugido da discussão com ele no *Orkut* para lhe criticar em um blog “lá do Rio Grande do Sul”. Em 18 de fevereiro, Constantino responde com um texto também de caráter pessoal, intitulado *A Vaidade de Olavo* (CONSTANTINO, 2007e).

Após um intervalo, no qual as discussões parecem ter se estendido pelo *Orkut*, Constantino publica *O prego do Olavo* (CONSTANTINO, 2007f), no dia 27 de fevereiro. Neste texto, expõe alguns dos elementos da crítica dos liberais aos conservadores, por considerar que estes últimos – conservadores religiosos – fazem muito mal para a causa liberal. Aponta para a paranoia conservadora, a qual vê comunismo em todos os cantos¹², dizendo ter sido acusado de “esquerdista”, pelo fato de ser ateu, por seguidores de Olavo de Carvalho. Também parte para o ataque pessoal, dizendo novamente que Olavo havia sido comunista quando jovem, expondo uma foto deste com Fidel Castro¹³.

Olavo publica no dia 28 de fevereiro a quarta parte de *Rodericus Constantinus Grammaticus* (CARVALHO O, 2007a). Aponta a mediocridade de Constantino – que teria apenas 243 debatedores em sua comunidade pessoal do *Orkut*, contra os 2.749 dele próprio, e também o

¹¹ Olavo de Carvalho eventualmente encarna o físico e crítica figuras como Newton e Einstein.

¹² Cita o caso de James Forrestal, secretário de Defesa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, que após ser internado em um hospital, cometeu suicídio pulando da janela, supostamente por ter imaginado que os comunistas estavam invadindo seu país.

¹³ A qual Olavo de Carvalho posteriormente afirmou ser uma montagem.

acusa de fazer comentários anônimos elogiando a si próprio. Finalmente, no dia 3 de março, no texto *Recado atrasado a Rodrigo Constantino* (CARVALHO O, 2007d), faz mais algumas observações e encerra, aparentemente, a contenda.

Um ano depois, em 12 de fevereiro de 2008, Constantino ainda publica *Uma Vez Embusteiro...* (CONSTANTINO, 2008a), no qual indica que Olavo ainda o atacava em seu programa ao vivo *True Outspcak*¹⁴; neste texto, ele continua a onda de ataques pessoais entre ambos, novamente apontando para a natureza “fanática” de Olavo de Carvalho, que já havia sido comunista “fanático”, astrólogo “fanático” e agora haveria se tornado católico “fanático”. Dia 19 de fevereiro de 2008, publica *O Desespero de Olavo* (CONSTANTINO, 2008b), em resposta a algo que Olavo teria falado sobre ele no Orkut.

Em 4 de maio de 2012 – cinco anos depois do início da contenda! – Olavo de Carvalho publica seu último texto em referência a Rodrigo Constantino, *Demolindo Otávio de Ramalho* (CARVALHO O, 2012). Neste texto Olavo sintetiza algumas características do conservadorismo em oposição ao liberalismo, faz uma breve análise da direita no Brasil e dos *think tanks* liberais, como o Instituto Millenium e o Ludwig Von Mises, além de um apêndice reclamando da falta de investigação científica sobre a astrologia. Finalmente, Rodrigo Constantino responde com um vídeo no *youtube* chamado *A direita tacanha e o astrólogo embusteiro* (CONSTANTINO, 2012), no qual critica o que considera uma direita retrógrada que idealiza a Idade Média.

Apresentou-se este debate de forma tão extensiva, e com tantas citações, para mostrar os seguintes aspectos deste universo político dos blogs de direita: o personalismo, o jogo de vaidades¹⁵, a forma como ambos os debatedores durante a disputa se atacam sempre de olho no público, na plateia de leitores/seguidores, e, novamente, o papel ativo

¹⁴ *Talk Show online* interativo de Olavo de Carvalho, ativo desde pelo menos 2006. Em 2005 ele era exibido em formato mais convencional por dois canais a cabo, em Curitiba e São Paulo, pela TV Millennium.

¹⁵ Realmente chama a atenção o fato de Olavo de Carvalho ter levado ao Jornal do Brasil uma disputa aparentemente pequena iniciada através do *Orkut*; talvez isso faça mais sentido se pensarmos na necessidade deste de se legitimar perante seus “seguidores”: um detalhe importante sobre Olavo de Carvalho é de que parte de seus rendimentos advém dos cursos de filosofia que ministra pela internet, o que poderia explicar a necessidade por sua parte de esmagar seu adversário para se legitimar perante seu público. Os cursos custam entre R\$30 e R\$50 por mês, e duram de 4 a 5 anos.

dos leitores/seguidores nos rumos da discussão; além de sugerir que ambos dispunham de quantidade considerável de tempo ocioso¹⁶.

Esta polêmica permite também destacar as divergências entre conservadores e liberais, as quais giram basicamente em torno de questões morais, em especial aquelas de cunho religioso. Os liberais acusam os conservadores de quererem impor seu modelo de vida aos outros através do próprio Estado, o que faria deles *coletivistas*, incompatíveis com o ideal *individualista* do liberalismo. E os conservadores atacam os liberais por rejeitarem – ou não valorizarem o suficiente – os valores cristãos-judaicos que acreditam serem essenciais para o próprio capitalismo e para a democracia; dizem eles que um capitalismo sem valores morais religiosos se transformaria em materialismo hedonista vazio, o que tornaria os liberais pouco melhores que os marxistas. Argumentam também que, ao ajudarem a derrubar os valores judaico-cristãos, estariam fazendo o “jogo do inimigo”, pois o objetivo do *marxismo cultural* seria justamente o de destruir esses valores para depois destruir o capitalismo¹⁷.

Em 30/01/2014 Olavo e Constantino fizeram uma trégua, chegando a participar de um *podcast* mediado por Lobão (WOERDENBAG F., 2014), o qual foi bastante publicizado dentre os grupos de direita na internet pelo fato de Lobão ter conseguido unir os dois ícones e rivais em um debate amistoso, no qual ambos frisaram a necessidade de conservadores e liberais deixarem de lado, momentaneamente, suas diferenças e se unirem para tirar o PT do poder.

Alguém poderia ler este relato e pensar: qual a importância dessas pessoas? É algo sério ou uma piada? Uma molecagem de internet? Qual a relevância disso tudo?

Durante muito tempo, pensei que Olavo de Carvalho e todos os outros eram solitários pregando no deserto, e que nunca seriam nada além de uma minoria anônima raivosa. Porém, em algum momento de 2012 notei que algo havia mudado, que chavões do Olavo de Carvalho

¹⁶ Embora seja necessário considerar que, devido à natureza do trabalho de ambos, a participação ativa nestas discussões seja na verdade uma exigência do ofício, dada a necessidade de, no mundo volátil da internet, se manter em destaque e evidência.

¹⁷ É preciso esclarecer aqui um aspecto importante da *cosmologia olaviana*: a elite financeira e globalista do mundo seria o verdadeiro poder por trás do *esquerdismo* em seus mais variados aspectos, visando acabar com a soberania das nações e instituir um governo global através da ONU, a qual, todos sabem, é uma organização controlada por comunistas. Nessa cosmologia, os liberais ateus seriam mais uma peça no plano de dominação global desta elite.

como *idiotas úteis*¹⁸, *Foro de São Paulo e marxismo cultural*, a paranoia de ameaça “comunista”, começaram a se tornar comuns em todo o tipo de discussão na internet, passaram a ser utilizados por pessoas que eu conhecia, se tornaram a regra em certas *fanpages* de Facebook como a UFSC¹⁹; eventualmente essas ideias foram repetidas por pessoas de carne e osso, pelos líderes do grupo de direita que invadiram a ocupação por grupos de esquerda da Reitoria da UFSC em 2014, durante o chamado “levante do bosque”. Esses chavões passaram a ser repetidos por comentaristas de televisão: Rachel Sheherazade²⁰ e Paulo Eduardo Martins²¹; colunistas da Veja, como Reinaldo Azevedo e Felipe Moura Brasil; artistas como Roger, Lobão e Danilo Gentili; sacerdotes católicos em programação de *webtv* da Igreja Católica, como o Padre Paulo Ricardo²²; políticos como Marcos Feliciano²³, Jair Bolsonaro, Ronaldo Caiado e, mais recentemente para pegar a “onda”, Eduardo

¹⁸ *Idiotas úteis* são aqueles que defendem – cheios de boas intenções – as bandeiras da esquerda.

¹⁹ Encontrada no link: <<https://www.facebook.com/groups/480398705306616/>>. Importante reiterar que esta página não tem nenhum vínculo institucional com a UFSC e tem sido notoriamente dominada por grupos de direita, daqueles que não poupam palavrões e chavões para desqualificar seus adversários, e no qual, notoriamente, um estudante compartilhou uma imagem racista que está lhe rendendo um vultuoso processo por parte do Ministério Público. A página é frequentada por muitos que não estudam na universidade e nem moram em Florianópolis.

²⁰ Apesar dela não utilizar estes chavões diretamente, suas opiniões a colocam no campo conservador, no qual ela é bastante respeitada.

²¹ Ex-comentarista da Rede Massa – afiliada do SBT no Paraná – que lançou candidatura a Deputado Federal pelo PSC. partilha claramente da cosmologia conservadora, falando que: “Os valores cristãos são obstáculos para que os socialistas, os engenheiros sociais, implantem suas ideias mirabolantes e façam possível o tal ‘outro mundo’. Por isso, essa gente precisa destruir os valores do cristianismo para poder inserir seus novos valores no lugar” (MARTINS, 2013).

²² O Padre Paulo Ricardo Azevedo Junior, na Web TV da Canção Nova – do movimento católico Renovação Carismática – deu uma “aula” a respeito dos perigos do Marxismo Cultural (AZEVEDO JR., 2012). Este mesmo sacerdote se pronunciou à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, então presidida por Marco Feliciano, para falar contra o aborto (AZEVEDO JR., 2013).

²³ Marcos Feliciano se pronunciou em defesa de Olavo Carvalho durante uma de suas falas em uma sessão da Câmara dos Deputados em 2014 (FELICIANO, 2014).

Cunha; mulheres comuns se dirigindo a subcomissões da Câmara reproduzindo teorias conspiratórias sobre a existência de um movimento abortista internacional financiado por grandes fundações (BLACKSMITH OLIVER, 2012); professores universitários, como Sérgio Colle, de engenharia da UFSC (PEREIRA, 2014); filósofos como Felipe Pondé; militares reformados como o Coronel Carlos Brilhante Ustra²⁴, e até meu próprio irmão, que um dia desses apareceu com um livro do Olavo de Carvalho debaixo do braço, ironicamente me recomendando sua leitura.

Independentemente da minha opinião sobre estas ideias²⁵, é inegável que estão em processo acelerado de difusão, de que elas influenciam o país em que vivemos, e que os cientistas sociais não podem mais ignorá-las. O objetivo deste trabalho é analisar esta *nova direita*, a partir de sua atuação em redes sociais na *internet*, identificando discursos e linhas de pensamento²⁶; identificando atores coletivos e individuais de relevância, os “nós” destas redes; buscando realizar uma análise crítica destes discursos e linhas de pensamento, para por fim, a partir de um debate mais amplo dos significados históricos de esquerda e direita, com foco no Brasil, pensar a validade, ou não, do rótulo de *nova direita* atribuído a estes grupos e discursos.

Assim, o objetivo primário desta pesquisa é o de responder à pergunta: *nova direita ou velha direita com wi-fi?* Partindo da análise de atores coletivos e indivíduos os quais, começando com jornalistas e blogueiros, passaram a ser chamados de *nova direita*, atores estes que tem em comum a difusão de suas ideias a partir de meios não-tradicionais, o universo da web 2.0, e que, gradualmente, foram se

²⁴ Reconhecido pela justiça como torturador durante o regime militar.

²⁵ Até uns poucos anos atrás, sempre me considerei de esquerda, embora nunca tenha me identificado com as correntes mais radicais – marxistas e anarquistas – , recentemente tenho me identificado com o liberalismo, embora também de maneira não radical. O resultado de meu perfil ideológico no Diagrama de Nolan é *centro*. Considero-me um defensor das liberdades tanto econômicas quanto pessoais, embora reconheça que elas devam ser limitadas em alguns casos. De qualquer forma, não acredito em soluções únicas para problemas políticos e sociais: algo que funciona em determinado local, época ou circunstância pode não funcionar em outro.

²⁶ Inspirado em Martinuzzo e Malini (2010), utilizarei também a cartografia deleuziana, a qual aplicada ao estudo das ideias trabalha com o conceito de rizoma: “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.16).

inserindo nos debates políticos mais amplos da nação. Estes atores serão analisados a partir de um ambiente específico, a *internet*, e a partir da classificação de suas diversas linhas discursivas em um número reduzido de tipos ideais, estes serão confrontados com a literatura a respeito dos significados de esquerda e direita e das tradições político-filosóficas nas quais se inserem para que se possa responder, de forma separada a cada tipo ideal elaborado: a) se estes podem ser considerados *direita* b) caso sim, se existe alguma diferença substantiva em relação a manifestações de *direita* mais antigas que permitam, dentro do contexto nacional, falar em uma “nova” direita.

Os objetivos secundários são:

- a) A elaboração de uma classificação de tipos ideais das linhas discursivas dos atores estudados.
- b) A elaboração de grafos que permitam visualizar a atuação destes atores e como estes formam ligações entre si a partir de suas páginas na rede social *Facebook*.

1.1 O problema da pesquisa

Ao final do regime militar no Brasil, a direita civil se encontrava extremamente desarticulada: fora alijada dos principais processos decisórios da nação pelos militares²⁷, e ao mesmo tempo desacreditada perante a sociedade por seu apoio ao regime, apoio este que variou daquele explícito e apaixonado nos primeiros anos, para um posteriormente silencioso e envergonhado, algo arrependido do monstro criado pelo regime militar, mas incapaz de derrubá-lo.

É significativo desse estado de coisas que, após as marchas de Pátria, Família, Deus e Liberdade, em 1964, levariam quase 50 anos – até Junho de 2013 – até haver novamente no Brasil manifestações nas ruas claramente ligadas à direita²⁸. Consequentemente, houve, durante

²⁷ Elio Gaspari (2004) narra à forma como os militares expurgaram da vida pública parte significativa dos grandes atores políticos que os haviam apoiado em 1964, como Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda e Adhemar de Barros; narra também a desinstitucionalização do empresariado e o esvaziamento do poder das entidades patronais entre 1964 e 1968.

²⁸ As manifestações de 2013 começaram a partir de grupos ligados à esquerda, por uma causa pontual: a mobilidade urbana; mas tomaram progressivamente outros rumos, tornando-se socialmente heterogêneas e multifacetadas em suas propostas, tendo havido a tentativa – parcialmente bem-sucedida –, por parte de grupos de direita, de as transformarem em manifestações anticorrupção voltadas

muitos anos após a redemocratização, receio por parte de diversos atores políticos em assumir o rótulo de “direita” ou “conservador” (CASTRO, 2011; CHALOUB, PERLATTO, 2016; PIERUCCI, 1987).

Tal situação vem mudando nos últimos anos, gradualmente desde a ascensão política do lulismo em 2003: ganha fôlego a partir do escândalo do mensalão e culmina no retorno da direita às ruas em 2013, com nova intensificação no movimento pelo *impeachment* de Dilma Roussef em 2015. Uma das principais características do ressurgir da direita²⁹ é que ele não se deu a partir dos veículos usuais – partidos políticos e mídia tradicional –, mas impulsionado pela internet, por uma extensa rede de blogueiros com relativamente pouco contato com o mundo tradicional da política e da mídia, nos quais eles gradualmente conquistaram espaço até o ponto de um de seus ícones, Olavo de Carvalho, ter um livro na lista de obras mais vendidas no Brasil na categoria não-ficção em 2013 (AZEVEDO, 2013), e estender sua influência a artistas como Lobão e Roger, além de humoristas, dando à direita uma inserção em um campo – o artístico-cultural – tradicionalmente dominado pela esquerda. Adicionalmente, a nova direita ocupa espaço cada vez maior nas colunas de opinião de grandes veículos: Rodrigo Constantino e Marco Antonio Villa em *O Globo*, Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé na *Folha de São Paulo*, Reinaldo Azevedo, Felipe Moura Brasil, Leandro Narloch na *Veja*; além de espaço considerável na Rádio Jovem Pan, a qual abriga figuras como Rodrigo Constantino, Rachel Sheherazade e Madeleine Lackslo. Algumas dessas figuras fazem parte do grupo de blogueiros pioneiros da nova direita, enquanto outras são personagens inseridas anteriormente no campo jornalístico ou acadêmico e que, gradualmente, se inscreveram nas fileiras da nova direita.

Os atores de direita se organizam em vários grupos mais ou

ao governo federal, transformando-se no que Singer (2013, s/p) chamou de “Jornadas de Juno, cada um vindo nas nuvens levantadas nas ruas a forma de uma deusa diferente”.

²⁹ Não que a direita tenha deixado de existir em algum momento: a que perdeu visibilidade foi aquela direita a que Dreifuss (1989) chama de *ideológica*; a outra direita, a *fisiológica*, nunca desapareceu, mas também nunca teve identidade clara como direita, confundindo-se em meio aquilo que se convencionou chamar “centrão”. Outro fator do “ressurgimento” da direita é que ela passou a disputar territórios durante muito tempo monopolizados pela esquerda - como, por exemplo, a vitória de uma chapa de direita para o DCE da UFRGS em 2013, a qual escolheu como data de sua cerimônia de posse a “comemoração” dos 45 anos do AI-5.

menos articulados, os quais têm em comum o combate às esquerdas, em especial ao PT³⁰, em diversas frentes: economia, moral, religião, gênero etc., e tem por característica a oposição ao que se entende, por parte dos autores de direita, como uma hegemonia cultural das esquerdas.

Jornalistas e *blogueiros* têm utilizado o termo *nova direita*³¹ para se referir aos grupos que encabeçam o ressurgir da direita no Brasil. Este trabalho almeja descrever as formas tomadas pelos discursos dessa “nova direita” brasileira na internet; quem são seus atores, como se comportam e se organizam; o que os une, o que os distingue; como se ligam a outros grupos, dentro e fora da internet; e como atuam, dentro e fora da internet. A questão norteadora aqui é: pode-se falar de fato na existência em uma *nova* direita, ou se trata apenas da *velha* direita com *wi-fi*? Ou seja, existem novidades substanciais nesses grupos em relação àqueles da direita concebida como tradicional, ou as diferenças percebidas são apenas devidas ao impacto da *internet* nas formas de se fazer e perceber a política?

A pesquisa se orienta, com reservas³², pelos conceitos gramscianos de *hegemonia* e *intelectuais orgânicos*. Tais conceitos foram elaborados por Gramsci quando este buscou compreender o domínio das classes superiores a partir não apenas do controle da máquina coercitiva do Estado, mas principalmente a partir do *consenso*,

³⁰ Alguns setores da direita denunciam o que acreditam ser uma *infiltração gramscista* na sociedade brasileira, a qual visa conquistar uma hegemonia no plano das ideias com vistas à implementação de um regime comunista. Tal visão é defendida por Olavo de Carvalho (1994) e Rodrigo Constantino (2014).

³¹ O termo aparece, por exemplo, em entrevista de Rodrigo Constantino ao jornal *O Povo* (CORLONANO, 2014); em entrevista do professor aposentado de filosofia da USP Paulo Eduardo Arantes à Folha de São Paulo (LUCEMA, 2014); no *Diário do Centro do Mundo* (NOGUEIRA, 2014); em matéria de *O Globo* intitulada *jovens se organizam e tentam criar legendas de nova direita* (VOITCH, 2012); e também em artigo na revista *Insight Inteligência*, por Chaloub e Perlatto (2016).

³² Com reservas, pois discordo de uma concepção importante de Gramsci (2001, p.24), a de que é essencial a relação entre os *intelectuais orgânicos* com um partido político que os organize. As manifestações de junho de 2013 demonstraram o descompasso entre os partidos políticos e as demandas da sociedade. A globalização e a proliferação de *think tanks*, movimentos sociais e organizações do terceiro setor parecem demonstrar que os partidos políticos passaram de emissores a receptores das ideias e concepções de mundo, perdendo parte significativa de sua importância no processo de disputa hegemônica.

o qual se daria com a construção da *hegemonia*, entendida enquanto a coordenação dos interesses de um grupo dominante aos interesses gerais de outros grupos e à vida do Estado (HALL, 2009, p.293-294). O *consenso* seria obtido com a construção de uma autoridade moral e social de alcance amplo em determinada sociedade, autoridade esta que não se daria apenas a partir da dominação econômica, mas também através de um domínio, no mundo das ideias, das concepções éticas e morais que moldam as visões de mundo. Dessa forma, Gramsci rompe com a ortodoxia marxista de seu tempo, entendendo a ideologia dominante não como superestrutura determinada por uma estrutura econômica, mas como componente fundamental para a manutenção ou transformação das estruturas econômicas, propondo para o movimento socialista italiano uma estratégia diversa daquela de Lênin: se Lênin pretendia primeiro tomar o Estado e depois modificar a sociedade, Gramsci defendia como primeiro passo o combate hegemônico, de ideias. Tal batalha se daria no campo da *sociedade civil*, do consenso, ao qual Gramsci (2001, p.20-21) contrapõe o da *sociedade política do Estado*, do domínio direto coercitivo. Os agentes da batalha seriam os *intelectuais orgânicos*, entendendo intelectuais em sentido amplo, como todo indivíduo que tem função “[...] diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é, intelectual” (GRAMSCI, 2001, p.25), ou seja, todo aquele envolvido na disputa pela formação das concepções de mundo. O que nos interessa aqui é a ideia de que os confrontos políticos não se dão apenas através das disputas pelo Estado, mas também – ou até mesmo principalmente – no mundo das ideias, em locais a princípio insuspeitos, em formas de agir, pensar e ver o mundo. Assim serão tratados os discursos de direita na internet, não apenas como disputas políticas eleitorais – PT vs. PSDB –, mas como disputas mais amplas, de visões de mundo em choque, em suma, disputas simbólicas.

Adicionalmente, trata-se de um estudo de cibercultura, dos impactos da *internet* na construção das subjetividades. Tentei tirar o melhor proveito possível das dissertações de Gehl (2010) e Marwick (2010), que buscam compreender a natureza da Web 2.0 dentro da *perspectiva da construção social da tecnologia e da ciência*. Neste sentido o *design* da Web 2.0 é carregado, intencionalmente ou não, da ideologia de seus criadores, descrita por Marwick (2010) como *Ideologia Californiana*. Este *design* cria novas formas de aquisição de capital social e financeiro, através da *internet* - um conjunto de práticas sintetizadas na ideia de *self-branding*, através das quais os indivíduos: a) se dividuam, criando personagens de si; b) realizam trocas afetivas conscientes buscando a aquisição de capital social; c) tornam públicas

parcelas de suas vidas na tentativa de controlar a forma como são vistos, visando adquirir capital social. O conjunto de práticas de *self-branding* é fundamental para entender a atuação dos formadores de opinião na *internet*. Também tentei contemplar as ideias de Sunstein (2007) e Keen (2009), autores que focaram seus esforços em apresentar alguns dos impactos negativos da *internet* na vida social.

Ainda no campo da cibercultura, utilizo estudos como os de Malini (2007; 2008; 2012) e Malini e Martinuzzo (2010), os quais se utilizam de metodologias e recursos computacionais específicos para o estudo de fenômenos localizados na *internet*, abordando-a enquanto um campo político. Ao utilizar o método de Análise de Redes Sociais proposto por Malini (2014), esta pesquisa se torna também uma cartografia, no sentido dado por Deleuze³³, a qual busca acompanhar um processo, mostrar uma área – o espaço político de direita na internet – de um determinado ângulo em um determinado momento, uma cartografia dos *agenciamentos*, daquelas relações singulares de força que se mobilizam estrategicamente em torno de objetivos, realizando articulações de saber-poder e feitos de subjetividade, enfrentamentos micropolíticos nos quais a constituição dos sujeitos está em questão (PRADO FILHO, TETI, 2013). A cartografia deleuziana, aplicada ao estudo das ideias, trabalha com o conceito de rizoma, como um sistema epistemológico sem raízes, cuja estrutura é elaborada simultaneamente a partir de diversos pontos, e na qual se formam linhas de pensamento e de organização fixadas por grupos ou conjuntos de conceitos afins, os quais definem territórios relativamente estáveis. Tal abordagem permite compreender o trabalho coletivo realizado na construção de conhecimento, típico da *internet*, que Malini e Martinuzzo (2010) chamam de *inteligência de enxame*, ou seja, como uma enorme multiplicidade de atores situados em pontos diversos da rede produz, a partir de uma heterogeneidade, uma linha de pensamento comum. Não se trata de analisar as ideias específicas de Olavo de Carvalho ou de Rodrigo Constantino, pois, embora eles sejam pontos importantes na rede, suas ideias são apropriadas e ressignificadas de formas diversas, até compor um construto coletivo sem autoria definida que pode ser chamado de discurso de direita, conservador ou liberal. Faz-se então relevante analisar estas ideias em movimento, enquanto linhas que percorrem redes maleáveis, enquanto ideias coletivas que diferem um pouco aqui e ali, mas as quais compartilham uma essência comum que as torna passíveis de categorização. Faço aqui uma ressalva importante:

³³ Inspirado por Foucault (PRADO FILHO, TETI, 2013).

a este trabalho interessam os aspectos dos conceitos de Deleuze e Guattari da forma como são entendidos e utilizados por Malini (2010) para compreender as dinâmicas da Web 2.0 e o funcionamento da *inteligência de enxame* – como os conceitos de rizoma e cartografia –, não havendo pretensão por parte deste autor em utilizar estes conceitos para além dos usos operacionais que eles têm nas metodologias de análise de redes sociais. Foi inevitável, no curso deste trabalho, realizar uma análise mais rigorosa dos significados e definições de direita e esquerda – localizada no capítulo 6 *Uma nova direita?* – analisando definições da díade a partir de Bobbio (2004) e Levin (2014), e explorando as nuances dos pensamentos conservadores e liberais a partir de Merquior (1981; 1991), Coutinho (2014), Levin (2014), dentre outros.

Finalmente, este trabalho dialoga com diversos outros, antigos e recentes, que analisam a direita – e os discursos de direita – no Brasil, como os trabalhos de Chaloub e Perlatto (2016), Pierucci (1987) e Dreifuss (1989) e Ostermann³⁴ (2014a).

A minha crítica aos estudos anteriormente citados que analisam a direita e os discursos de direita é a seguinte: estes ou analisam algum grupo específico da direita, ou fazem pouca distinção entre os diversos grupos que a compõem. Considerando-se então esta lacuna, a contribuição que este trabalho almeja é a de buscar compreender como se articula o discurso da direita brasileira em um espaço específico – a internet – e em um espectro amplo, como um campo cheio de contradições, distinções e disputas entre diversos grupos; fornecendo uma tipologia que permita compreender melhor a direita brasileira em sua complexidade. Do ponto de vista dos estudos de cibercultura, este trabalho busca fazer uma cartografia, partindo da rede social *Facebook*, buscando ligações entre grupos produtores de conteúdo, difusores, *think tanks*, atores políticos tradicionais e a mídia.

1.2 O desenho da pesquisa

³⁴ A dissertação de Ostermann (2014), um liberal e também um dos atores presentes neste estudo, trata justamente de questionar a díade esquerda e direita, argumentando sobre a dificuldade de encaixar o liberalismo em uma escala unilinear. Conforme veremos adiante, o liberalismo realmente é de difícil classificação, podendo estar à direita ou à esquerda conforme a utilização de diferentes critérios. Justifico aqui minha inserção deste autor/ator político à direita por sua atuação orgânica junto ao que se tem convencionalizado chamar nova direita durante os últimos grandes atos políticos do país.

Este estudo busca descrever as formas tomadas pelos discursos desta “nova direita” brasileira na internet; quem são seus atores, como se comportam e se organizam; o que os une o que os distingue; como se ligam a outros grupos, dentro e fora da internet; e como atuam, dentro e fora da internet. Neste processo, será questionada a validade, ou não, de se falar na existência de uma *nova* direita, ou seja: existem novidades substanciais nestes grupos em relação aqueles da direita tradicional³⁵, ou as diferenças percebidas são apenas aquelas devidas ao impacto da *internet* nas formas de se fazer e perceber a política?

Desta forma, o estudo pode ser classificado como exploratório, no sentido de que não se preocupa em verificar teorias anteriores, mas sim descrever um universo até então inexplorado (MAZZOTI, GEWANDSZNAJDER, 2001, p.150), neste caso a multiplicidade dos discursos de direita na *internet*.

Para atingir estes objetivos serão realizadas, de forma paralela e conjunta, duas tarefas:

1) a elaboração de uma **classificação**, através da formulação de tipos ideais no espírito weberiano, ou seja, de categorias generalizantes que simplifiquem o real, tornando a complexidade imensurável da vida social em algo inteligível a partir de traços essenciais;

2) a construção de uma **cartografia** dos grupos de direita na rede social *facebook*, focando na identificação de: a) grupos produtores de conteúdo, b) centros de difusão de conteúdo, c) *think tanks*, d) ONG's, e) atores políticos tradicionais, f) grande mídia³⁶, g) editoras.

Estas duas tarefas se complementarão, colaborando para o processo de focalização do problema, fornecendo critérios para: a) o estabelecimento de fronteiras; b) inclusão e exclusão para a filtragem das informações recebidas e c) decisões sobre enquadramento de atores e análise de cenários (MAZZOTI, GEWANDSZNAJDER, 2001). A elaboração da **classificação** ajudará a estabelecer os limites da cartografia, e as informações obtidas no processo de construção da

³⁵ A direita tradicional aqui será compreendida como aquela que atua a partir do fim do regime militar, com foco nas décadas de 1980 e 1990, conforme as descrições de Dreifuss (1989), Singer (2000) e Pierucci (1987).

³⁶ *Grande Mídia* aqui será entendida como grupo composto por: redes nacionais de televisão; grandes jornais, em especial o Estado de São Paulo, O Globo, Folha de S. Paulo e Valor Econômico; grandes revistas, como *Veja*, *Isto É* e *Época*; e grandes portais de notícias, tanto aqueles ligados a outros grupos de mídia, quanto portais nativos da *internet*, como o *UOL*.

cartografia auxiliarão no refino da taxonomia, formando um circuito retroativo.

Evidentemente, a escolha do objeto de pesquisa e do campo onde serão colhidos os dados é proposital e mesmo que, dada a natureza do método cartográfico e do próprio objeto, não seja possível indicar no momento a totalidade dos sujeitos envolvidos na amostra, é possível indicar alguns deles e, mais importante, a forma pela qual os demais serão selecionados³⁷. A pesquisa se apoia na ferramenta metodológica de etnografia virtual³⁸, na qual as dinâmicas comunicacionais, tanto entre os objetos observados, como na reação pesquisador-objeto acontecem em uma dinâmica de tempo-espaço diferente daquela da etnografia tradicional (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). Uma das principais diferenças entre as duas formas de etnografia é que a virtual permite que o pesquisador observe uma comunidade durante seu funcionamento, fora do espaço fabricado para pesquisa, sem precisar necessariamente interferir diretamente no processo como participante fisicamente presente (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008); ao mesmo tempo, permite ao pesquisador, no processo de imersão e em momentos de sua escolha, fazer contato com indivíduos específicos desses grupos, os quais podem fornecer *feedbacks* relevantes ao pesquisador sobre suas conclusões preliminares. Amaral, Natal e Viana apontam para a seguinte limitação da etnografia virtual: ela não forneceria informações a respeito do grupo social estudado em si, mas sim a respeito das formas como este grupo utiliza certas tecnologias de comunicação (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). Porém, neste trabalho, considero uma das conclusões de Marwick (2010) em sua etnografia sobre a *tech community* no norte da Califórnia: quando todos, ou praticamente todos, os atores de um determinado grupo social estão conectados em redes através da internet, e considerando-se também que nos grupos nos quais a internet é bastante difundida as pessoas usam diversas combinações de meios para se comunicar³⁹, torna-se difícil, e infrutífero, separar o real

³⁷ Conforme as sugestões para delimitação do campo dadas por Mazzotti e Gewandsznader (2001, p. 162).

³⁸ Ela também pode ser chamada de *netnografia*, termo mais utilizado por pesquisadores da área do marketing e da administração (AMARAL, NATAL, VIANA, 2009).

³⁹ Facilmente uma pessoa com acesso na internet utiliza uma ou mais das seguintes formas de comunicação em seu dia-a-dia: conversas presenciais ou *face-to-face*, mensagens de texto por telefone ou internet, e-mail, chat de vídeo,

do virtual. As interações em meio virtual afetam efetivamente as relações presenciais, e vice-versa; assim sendo, Marwick conclui que uma antropologia da internet na Web 2.0 precisa quebrar as divisões entre virtual e real, entre *online* e *offline*. Uma das consequências da quebra desta divisão é que, ao analisar atores através de redes sociais nas quais elas não são anônimas, é necessário pensar que elas existem em uma localização geográfica, em um contexto real e ocupando determinada posição na sociedade.

É evidente que, como em toda etnografia, as lentes utilizadas pelo observador afetam profundamente a forma como ele coleta suas informações e, no caso da etnografia virtual, a relação do pesquisador com o seu objeto é especialmente entrelaçada, pois, ao participar e acompanhar grupos a partir de uma plataforma de comunicação *online*, como uma rede social, o pesquisador é simultaneamente um estranho e um nativo. Sendo assim, é fundamental que o pesquisador esclareça algumas de suas posições e a forma como realizou sua imersão nos grupos investigados. Pois bem: eu acompanho grupos e criadores de conteúdo da direita na internet desde 2006, quando a maior parte da movimentação ocorria através de blogs e da rede social *Orkut*, e acompanhei o processo de transição deles para a rede social *Facebook*, a qual, por suas características específicas, mudou a forma de interação desses indivíduos, em especial a relação entre os autores produtores de conteúdo e seus leitores-consumidores-interlocutores. Desta forma, ao iniciar a elaboração do projeto, eu já possuía experiência significativa na compreensão das dinâmicas desses grupos, e de seus discursos, de forma que a imersão etnográfica prévia ao projeto – e na verdade prévia também à ideia de que um dia isto poderia se tornar uma pesquisa – pôde me prover do que Mazzotti e Gewandszneider (2001) chamam de *conhecimento tácito*, ou seja, aquilo que o pesquisador “sabe”, embora não consiga expressar sob forma proposicional.

O conhecimento tácito e a imersão no campo, em diálogo com a bibliografia consultada, me permitiram, já durante a fase inicial de elaboração do projeto, elaborar uma classificação preliminar da “nova” direita brasileira, focalizada no que considero ser a cisão entre seus dois maiores grupos: conservadores e liberais, e seus subgrupos. Tais grupos são diversos entre si, o que enseja múltiplos conflitos e disputas, tanto

por direção política e autoridade moral, como pelo próprio conceito do que é ser de direita⁴⁰.

Da mesma forma, a imersão prévia orientará o processo cartográfico. Abaixo, explicarei em maiores detalhes como se darão os dois principais processos da pesquisa, a classificação e a cartografia, e também como ambos serão instrumentais para, junto à bibliografia consultada, responder à pergunta de pesquisa: *nova direita ou velha direita com wi-fi?*

1.2.1 Notas sobre a elaboração da classificação tipológica

Disponho de uma classificação preliminar, realizada com base na intuição provida pela imersão prévia no campo, pelo conhecimento tácito e por leituras anteriores de expoentes da nova direita, assim como pelo acompanhamento de suas contendas e de transformações no campo. Pretende-se que esta taxonomia seja refinada, em confronto com o processo de cartografia. Este refinamento se dará de três formas:

a) Observação etnográfica: acompanhamento contínuo dos grupos conhecidos e a serem conhecidos, tendo em vista as três dimensões da fala propostas por Austin (*apud* SILVA, 2009): não só o caráter *locucionário*, ou seja, o conteúdo proposicional manifesto na fala destes atores, como também o caráter *ilocucionário* – o que o agente está fazendo ao dizer, sua intenção explícita – e o caráter *perlocucionário*, ou seja, os efeitos produzidos pela fala na audiência. O que implica em não apenas observar o conteúdo dos discursos dos atores, mas também as reações de suas audiências, o que nas redes sociais e blogs pode ser feito através da observação das seções de comentários. É importante ter em vista, neste momento, que o ambiente observado é instável, e que as marés conjunturais e evoluções do contexto implicam que tanto os locutores como os interlocutores são, em certo grau, mutáveis; os objetos da *Web 2.0* têm, de forma geral, um caráter efêmero.

b) Análise Documental: Frequentemente a observação etnográfica em uma rede social como o *Facebook* remete a *sites* divulgadores de conteúdo e *blogs*, nos quais atores produtores de conteúdo produzem material escrito. Estes materiais serão tratados como documentos. A

⁴⁰ É justamente esta a principal lacuna que pude observar em outros estudos sobre o tema, a desconsideração – ou relegação a segundo plano – do caráter conflituoso dos grupos aglutinados no conceito de direita, alguns dos quais, como os libertários e alguns liberais, inclusive rejeitam o rótulo “direita” para si.

pesquisa documental difere da pesquisa bibliográfica por tratar de documentos que não receberam tratamento científico, que não são reconhecidamente do domínio científico (SÁ SILVA *et al*, 2009, p.6), e fornecem pistas importantes para a compreensão dos posicionamentos políticos-ideológicos dos próprios produtores de conteúdo da nova direita, os quais, em sua grande maioria, não participam da comunidade acadêmica tradicional, vista muitas vezes por eles como um ambiente dominado pelas esquerdas. Embora eu também realize análises bibliográficas mais tradicionais, com vistas a uma compreensão do espectro político que permita posicionar os tipos ideais da classificação – em especial as obras de Bobbio (2001), Levin (2014) e Merquior (1991) –, opto intencionalmente por privilegiar a forma como os próprios atores estudados se autoidentificam e posicionam seus discursos como, por exemplo, na obra de Ostermann (2014a); o foco será analisar as *webs of beliefs* destes atores, aqueles conjuntos de crenças condicionalmente ligadas umas às outras (SILVA, 2009, p.316), que juntas são mais que a soma simples de seus fragmentos individuais⁴¹, o que vai de encontro à ideia de linhas de pensamentos da cartografia de inspiração deleuziana proposta por Martinuzzo e Malini (2010).

Adicionalmente, a pesquisa documental – que geralmente lida com textos mais pontuais e pessoais – tem o benefício de acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social, favorecendo a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, comportamentos, mentalidades e práticas (SÁ SILVA *et al*, 2009, p.2)

1.2.2 Notas sobre a elaboração da Cartografia

A cartografia digital é uma metodologia que tem sido utilizada

⁴¹ Por exemplo, tanto liberais quanto conservadores acreditam nas benesses de um sistema de livre-mercado, mas o comprometimento dos conservadores a respeito de certas tradições e normas sociais implica em um entendimento diferente daquele dos liberais a respeito de como deve operar o livre-mercado. Ou seja, o conceito de livre-mercado desses conservadores só faz sentido em conexão com suas posturas a respeito da conduta social dos indivíduos, ao mesmo tempo em que seu entendimento da conduta social vai diferir daqueles conservadores não comprometidos com o livre-mercado, mas com os quais compartilhem, por exemplo, o mesmo respeito pelas tradições cristãs. É nesse sentido que as crenças não podem ser compreendidas isoladamente, mas sim enquanto redes de crenças, *webs of beliefs*.

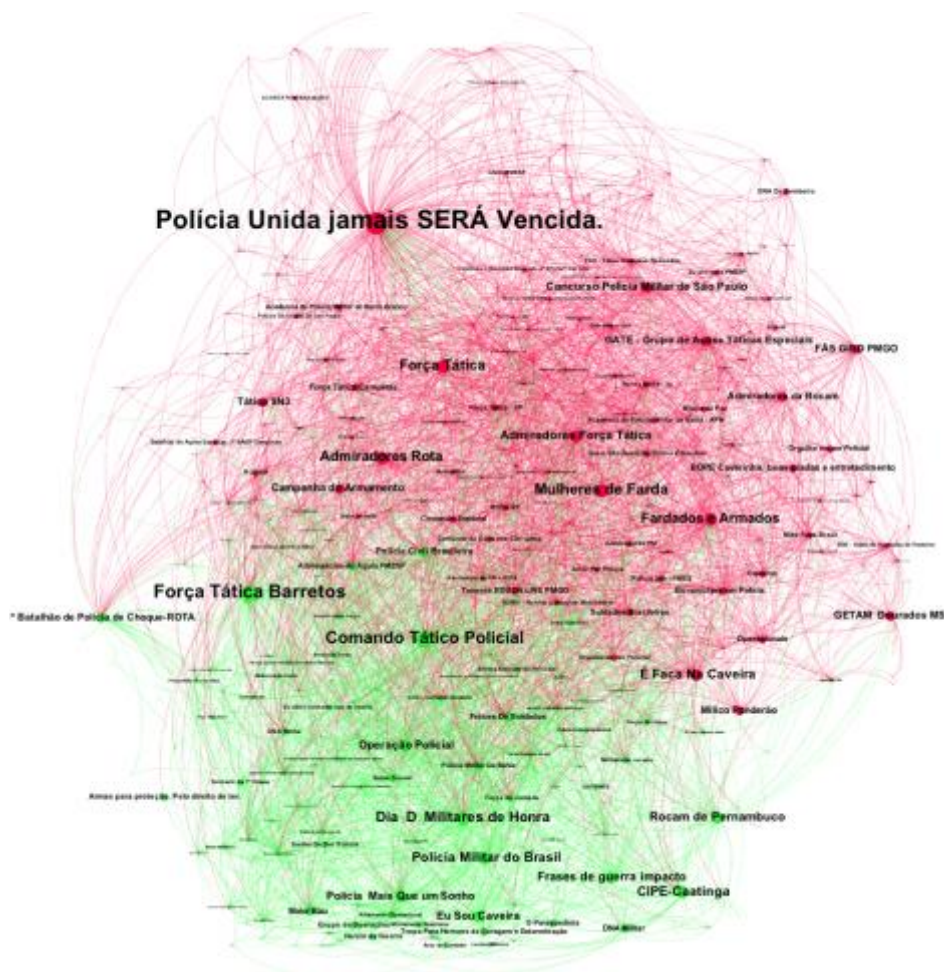
nas ciências humanas por uma área que vem sendo denominada de *humanidades digitais*, cuja definição – longe de ser definitiva – pode ser a de uma “trandisiplina” que incorpora os métodos, os dispositivos e as perspectivas heurísticas das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo em que mobiliza as ferramentas e as perspectivas singulares abertas pela tecnologia digital (SOUSA, 2011). Dentre as inovações tecnológicas das quais se aproveitam as humanidades digitais estão às novas formas de visualização e compilação de informações, apoiadas por programas que permitem o tratamento de informações qualitativas e quantitativas em uma escala impossível sem o auxílio da computação.

A cartografia a ser realizada neste trabalho se apoiará no programa de computador conhecido como Gephi, uma ferramenta de manipulação de grafos gratuita e colaborativa, que pode ser aplicada em diversas áreas. Nas ciências humanas um dos primeiros projetos a fazer uso do Gephi para compilação de dados é o mapeamento da chamada República das Letras (CHANG *et al*, 2009) – da Universidade de Standford – que analisou 55 mil cartas enviadas dentro de um círculo de 6400 intelectuais proeminentes nos séculos XVII e XVIII, apontando a conexões geográficas e o volume de correspondências da comunidade científica da Europa ocidental no período, gerando um banco de dados que pôde dar suporte a dezenas de outras pesquisas.

No Brasil, o Gephi, utilizado em conjunto de um script chamado NAR⁴², foi utilizado pela equipe do Labic para produzir a cartografia *Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit* (LABIC, 2014), cuja metodologia foi explicada pelo coordenador do projeto, Fabio Malini, em entrevista a Patrícia Cornils, da revista Carta Capital (CORNILS, 2014). A cartografia aponta um mapa de comunidades no Facebook – Figura 1 – que formam o que o autor denomina “redes de ódio”, “[...] dedicadas a defender o uso de violência contra o que chamam de ‘bandidos’, ‘vagabundos’, ‘assaultantes’, fazer apologia a linchamentos e ao assassinato, defender policiais, publicar fotos de pessoas injustiçadas ou mortas violentamente, vender equipamentos bélicos e combater os direitos humanos” (CORNILS, 2014).

⁴² Script desenvolvido pelo Labic da UFES para analisar a semântica e a movimentação interativa nas fanpages do Facebook (MALINI, 2013).

Figura – 1 Cartografia das Redes de Ódio no Facebook.



Fonte: LABIC, 2014.

O procedimento para a criação do gráfico, conforme relatado pelo próprio Malini (CORNILS, 2014), é o seguinte:

O pesquisador cria uma fanpage no Facebook e passa a dar “like” num conjunto de fanpages ligada à propagação da violência. Em seguida, usamos uma ferramenta [o script NAR] que identifica quais os sites [outras fanpages] que essas fanpages curtem. E, entre elas, quais estão

conectadas entre si. Se há conexão entre uma página com outra, haverá uma linha. Se “Faca na Caveira” curte “Fardados e Armados” há um laço, uma linha que as interliga. Quando fazemos isso para todas as fanpages, conseguimos identificar quais são as fanpages da violência mais conectadas e populares [nós]. Isso gera um grafo [através do Gephi], que é uma representação gráfica de uma rede interativa. Quanto maior é o nó [a bolinha no gráfico], mais seguida é a página para aquela turma. No grafo, “Polícia Unida Jamais será vencida” é a página mais seguida pela rede. Não significa que ela tem mais fãs. Significa que ela é mais relevante para essa rede de violência. Mas a ferramenta de análise me permite ver mais: quem são as páginas mais populares no Facebook, o que elas publicam, o universo vocabular dos comentários, a tipologia das imagens que circula etc.

O que esta pesquisa pretende é aplicar uma metodologia similar a do Labic (2014) – mas com o uso do aplicativo *Netvizz* em vez do *script* NAR – em um conjunto diverso de páginas, com vistas a compreender o universo da nova direita brasileira na internet, e em especial, no *Facebook*. Como isto será realizado? Quais serão os pontos de partida?

Produzi múltiplas cartografias a partir de uma coleta de dados realizada em 1 de Junho de 2016, no auge das movimentações pelo *impeachment* de Dilma Roussef, momento no qual começam as cisões na grande coalizão direitista, entre aqueles que buscaram alianças com a classe política, como o MBL, e os que se posicionaram a favor de uma “limpa” geral da classe política exigindo, por vezes, eleições antecipadas. A análise cartográfica foi feita a partir de um conjunto diverso de nós, as páginas dos então principais grupos a chamar as manifestações pelo *impeachment* de Dilma Roussef: o Movimento Brasil Livre/MBL⁴³, principal protagonista das manifestações, e um exemplo exímio de como mobilizações encabeçadas por grupos de direita conseguiram transpor o mundo virtual para as ruas; o Revoltados

⁴³ Ele é formado principalmente por integrantes e ex-integrantes do Estudantes Pela Liberdade, mas se destaca por ter um objetivo pontual, o *impeachment* de Dilma Roussef, e por, mesmo formado predominantemente por liberais e libertarianos, não antagonizar os conservadores, buscando uma posição comum em torno da oposição ao PT.

On Line, que se caracterizou pela defesa de uma intervenção militar; o Vem Pra Rua, supostamente ligado ao PSDB; e o Movimento Liberal Acorda Brasil, oriundo de um racha com o Vem Pra Rua, e posteriormente abandonou a aliança com os outros grupos nas marchas pelo impeachment com a acusação de que o Vem Pra Rua tentou se apropriar do movimento ao fazer contato com lideranças do PSDB (ACORDA BRASIL, 2015) e pedir para que Aécio Neves participasse das mobilizações com a leitura de uma carta ao povo brasileiro (RODRIGUES, 2015). O segundo conjunto, consistindo em doze nós, consiste em uma seleção de páginas visando dar conta das duas principais vertentes da “nova” direita preliminarmente identificadas nas fases iniciais deste trabalho, conservadores e liberais/libertarianos:

a) Conservadores: Mídia Sem Máscara e Olavo de Carvalho;

b) Liberais/Libertanos⁴⁴: Considero aqui principalmente os grupos apontados por Ostermann (2014a) em seu estudo sobre o movimento liberal no Brasil, o Instituto Liberal/IL, o Instituto Millenium/IMIL, o Instituto Ludwig Von Mises – Brasil/IMB, o Libertários/LIBER, o Partido NOVO e a Rede de Estudantes pela Liberdade/EPL. A esta lista eu adiciono o Instituto Ordem Livre/IOL, e os portais produtores de conteúdo mais ligados ao libertarianismo: Libertarianismo, LiberZone e Mercado Popular.

No universo cartografado, as páginas serão analisadas através de métricas quantitativas como o pelo número de usuários do *facebook* que as *curtem*, assim como pelo número de *menções* feitas globalmente por usuários e páginas⁴⁵; e por meio das métricas produzidas pelo programa *Gephi* no tratamento dos dados obtidos através do *Netvizz* as quais permitem, a partir de critérios diversos – identificar as páginas – *nós* – mais relevantes na cartografia. Posteriormente, as páginas mais relevantes na rede serão individualmente verificadas para ver estão ligadas a algum *site* ou *blog*, indicação de que possa ser produtora de conteúdos mais extensos do que aqueles permitidos pelo limite de 60.000 caracteres em postagens no *Facebook*.

A análise cartográfica irá focar o olhar na busca das seguintes características:

⁴⁴ Liberais e Libertarianos são agrupados, pois costumam ocupar os mesmos espaços, o libertarianismo é uma expressão mais radical do liberalismo.

⁴⁵ Quando um usuário ou página mencionar outra página em forma de *link* em algum *post* ou *comentário*. A métrica disponibilizada pelo *facebook* com esta informação é referente aos sete dias anteriores aquele no qual o dado é coletado (DIGITAL VISITOR, 2013).

- a) Grupos ou indivíduos produtores de conteúdo;
- b) Grupos ou indivíduos difusores de conteúdo;
- c) *Think Tanks*;
- d) ONG's;
- e) Atores Políticos Tradicionais;
- f) Grande Mídia⁴⁶;
- g) Editoras de livros.

Eventualmente páginas desprovidas de qualquer caráter político surgem na cartografia, nos casos onde estas possam prejudicar a cartografia – por exemplo, surgir à página oficial do *Facebook*, detentora de um número tão elevado de seguidores e menções que invisibiliza nós mais relevantes para os propósitos deste trabalho –, aonde e quando isto ocorre estas são manualmente excluídas da cartografia antes do cálculo das métricas, estas exclusões são devidamente comunicadas na apresentação dos dados.

É importante notar que, como a maior parte do conteúdo publicado por essas páginas é republicado de outras páginas, elas formam redes de perspectivas comuns. É o mapeamento de quais são estas perspectivas comuns e a partir de onde elas são difundidas que pode trazer dados relevantes ao processo de elaboração da classificação tipológica da “nova direita”.

A escolha da rede social *Facebook* como ambiente a ser realizada a cartografia se deve ao fato dele se conectar com praticamente todas as outras interfaces da *Web 2.0*, como *Twitter*, *Instagram*, *Blogs*, *Youtube*, assim como com as interfaces da *web 1.0*, os grandes portais. É praticamente impossível compreender qualquer coisa que acontece no *Facebook* sem acabar clicando em um *hyperlink* que lhe remeta a um *site* externo. Adicionalmente o *Facebook* conjuga recursos textuais, visuais e audiovisuais, enquanto outras redes sociais costumam priorizar algum sobre outros: o *Twitter* só trabalha com recursos textuais, o *Instagram* prioriza os visuais, e o *YouTube* os audiovisuais.

A análise cartográfica aqui proposta têm diversas limitações. Primeiramente, devo admitir, a seleção das treze páginas que compõem as cartografias de maior escopo foi consideravelmente arbitrária e

⁴⁶ Repito nota anteriormente citada: *Grande Mídia* aqui será entendida como grupo composto por: redes nacionais de televisão; grandes jornais, em especial o Estado de São Paulo, O Globo, Folha de São Paulo e Valor Econômico; grandes revistas, como *Veja*, *Isto É* e *Época*; e grandes portais de notícias, tanto aqueles ligados a outros grupos de mídia, quanto portais nativos da *internet*, como o *UOL*.

contém um número desproporcional de atores do grupo liberal/libertariano, justifico a manutenção destas páginas por uma questão prática: mesmo reconhecendo no decorrer da elaboração do trabalho que poderia ter realizado uma seleção mais criteriosa e bem distribuída, é impossível coletar os dados necessários em datas anteriores à coleta, de forma que me vi obrigado a manter a mesma seleção utilizada na coleta de dados realizada em 2016 para coleta de 2017, com o propósito de poder realizar uma análise comparativa dos dois períodos. Mesmo assim, é razoável supor que como o método permite à observação dos atores mais importantes conectados a rede inicial, é improvável que atores extremamente relevantes fiquem de fora do mapeamento.

Em segundo lugar, a cartografia é limitada por ser uma representação fixa, imóvel de algo que é essencialmente fluído: discursos e linhas de pensamento no ambiente plural e caótico da *web 2.0*. Pretendi compensar ao menos parte destas limitações através da observação *netnográfica*, que possibilita compreender – mesmo que de um ponto de vista extremamente subjetivo – a direção dos processos fluídos que ocorreram antes e durante os dois períodos cartografados.

Finalmente é necessário considerar que certas coisas inerentes ao fenômeno político da *nova direita* não poderão ser captados por limitações do método: a restrição do estudo ao universo da *internet* promove um recorte tanto de classe quanto cultural dos indivíduos do universo estudado: nela predominam agentes de classe média, o que orienta os discursos ali postos.

Finalizada a cartografia e refinada a classificação tipológica, será possível obter um panorama extensivo dos discursos da direita brasileira na internet, a partir de três eixos de análise: a) o conceito gramsciano de hegemonia permitirá analisar a atuação e os objetivos de atores coletivos; b) a ideia de rizoma permitirá analisar a construção coletiva das linhas de ideias que permeiam as redes de direita; c) a ideia de *self-branding* como tática para a obtenção de status social por parte dos atores envolvidos na Web 2.0 (GEHL, 2010; MARWICK, 2010) permitirá analisar a conduta de certos atores individuais nestas redes. Junto a considerações da bibliografia consultada a respeito do espectro político será possível responder à pergunta: *nova direita ou velha direita com wi-fi?*

2 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO AMBIENTE DA PESQUISA: A WEB 2.0

A grosso modo, *Web 2.0* é um conceito guarda-chuva que serve para definir aqueles websites que combinam interação social com funções como *bookmarking*⁴⁷, compartilhamento de arquivos e criação de conteúdo (MARWICK, 2010), com foco especial na construção de conteúdo por seus usuários (GEHL, 2010). Este conceito engloba *redes sociais* – como Facebook, MySpace, Twitter –, *blogs* e sites de armazenamento e divulgação pública de vídeos e imagens, como *YouTube*, *Reddit*, *Instagram* etc.

O termo *Web 2.0* foi popularizado por Tim O’Reilly em uma conferência sobre negócios digitais em 2004, a qual buscava analisar o futuro dos negócios na internet após o estouro da bolha das empresas *dot-com*, em 2001. Em sua análise das estratégias de duas grandes empresas que sobreviveram ao estouro da bolha – Amazon e E-Bay –, ele considerou que o diferencial destas em relação às outras era a valorização do conteúdo gerado pelos usuários⁴⁸ (GEHL, 2010). A valorização da produção de conteúdo dos usuários viria a se tornar o modelo de negócio dominante na internet, pois se mostrou muito mais barato e eficiente deixar que os próprios usuários produzissem conteúdo para atrair visitantes a um *website* – como o faz o *YouTube* – do que produzir ou capturar conteúdo com a esperança de atrair visitantes, o que era o modelo dos grandes portais da *Web 1.0*, como o *Yahoo* (GEHL, 2010).

Este modelo de websites, focados na produção de conteúdo e na interação entre os usuários, modificou radicalmente a forma como as pessoas passaram a lidar com a internet e a relação delas com a cultura de massas. Antes de aprofundar nas definições, discursos e estruturas da *Web 2.0*, gostaria de apresentar alguns dados a respeito do alcance das *redes sociais*. De acordo a pesquisa *We Are Social* (2017), relativa a janeiro de 2017, 66% da população brasileira – 139,1 milhões – utilizam *internet*, e 58% - 122 milhões – utilizam alguma forma de *rede social* pelo menos uma vez por mês. Estes usuários passam, em média, 8 horas e 56 minutos por dia conectados a uma internet não-móvel, e 3 horas e 43 minutos por dia conectados a algum tipo de *rede social*. A

⁴⁷ Sistema de marcadores, como o de selecionar *fanpages* favoritas para seguir no *Facebook*.

⁴⁸ No caso destes dois sites, o sistema de avaliação dos produtos por outros usuários.

distribuição dos usuários por redes sociais, em relação à população absoluta do país, pode ser visualizada na Tabela 1.

Tabela 1 – Porcentagem da População Brasileira que usa Redes Sociais por Rede Social (2015).

Rede Social	% em relação a usuários de redes sociais	% em relação população absoluta
YouTube	63,00%	36,60%
Facebook	62,00%	36,02%
Instagram	40,00%	23,24%
Google +	38,00%	22,08%
Twitter	36,00%	20,91%
LinkedIn	29,00%	16,85%
Pinterest	21,00%	12,20%
Tumblr	17,00%	9,88%

Fonte: WE ARE SOCIAL, 2017.

Vemos aqui que o *Facebook*, a rede social privilegiada por este estudo, engloba impressionantes 1/3 da população brasileira! Desta forma ele é um veículo com formidável potencial de divulgação e de ação política.

2.1 Os Discursos sobre a Web 2.0

Para Gehl (2010), *Web 2.0* é mais um conceito discursivo do que uma nova tecnologia em si, já que não houve alterações significativas na estrutura técnica – no software – pelo qual funciona a internet, constando entre os críticos do termo o próprio inventor do *World Wide Web*, Berners-Lee, o qual afirmou que “se a Web 2.0 é, para você, blogs e wikis, então isto é o povo para o povo. Mas isto é o que a Web deveria ser desde o princípio”⁴⁹ (2006 *apud* GEHL, 2010). Nesta seção, utilizarei as análises de dois autores: Gehl (2010), que aliando tradições de análise de inspiração marxista ao construtivismo social da ciência e

⁴⁹ Tradução minha do original: “If Web 2.0 is for you blogs and wikis, then that is people to people. But that was what the web was supposed to be all along”.

tecnologia, buscou interpretar a Economia Política e Cultural da Web 2.0; e de Marwick (2010) que realizou um trabalho etnográfico com a comunidade tecnológica do norte da Califórnia, berço da Web 2.0, buscando compreender o *ethos* dos criadores da Web 2.0 e a influência deste em sua estrutura, seguindo também a tradição dos estudos de construção social da ciência e tecnologia.

A definição original, e técnica, é aquela que Gehl (2010) chama de *Web como uma plataforma*: um construto espacial, com hierarquias de camadas – *layers* – uma camada superficial – *surface* – e uma profunda – *depth*. Na superfície estão os diversos *sites* nos quais os usuários produzem conteúdo e interagem entre si; esta é a camada democrática da plataforma. Na camada profunda, existe o aparato tecnológico que analisa e guarda tais informações, transformando-as em bancos de dados valiosos de vigilância e marketing, possibilitando a construção de todo o tipo de mapas, de hábitos, tendências e dados demográficos. Esta camada profunda é pouco perceptível e anti-democrática, controlada por um punhado de grandes empresas, as quais Gehl chama de *new media companies*. Esta estrutura de plataforma é fundamental para a *economia de vigilância* que se estabelece através dela, cuja ideia básica de negócios é a seguinte: “Faça os usuários criarem conteúdo para você, capture-o, e enquanto eles o fazem, mostre-os anúncios”⁵⁰ (GEHL, 2010, p.31).

Outro discurso sobre a *Web 2.0* apresentado por Gehl (2010) é o qual ele chama de *the silicon valley is back*, o qual consiste nos discursos jornalísticos focados nos *business* de superfície da plataforma, que buscaram mostrar a *web* como um ambiente renovado de negócios após o estouro da bolha em 2001. Este discurso privilegia as oportunidades de negócios criadas pelo novo modelo, aberto ao empreendedorismo, no qual jovens como Mark Zuckerberg fizeram fortunas rapidamente. O modelo de negócios da *Web 2.0* é aquele que Chris Anderson (1999 *apud* GEHL, 2010) chama de *a cauda longa*, no qual o modelo de negócios dominantes é vender uma grande variedade de produtos em quantidades relativas pequenas para grupos diversos, o *mercado de nicho*, em oposição ao modelo então dominante do mercado de massa, dominado pelo lógica do 80/20, no qual 80% das vendas vinham de 20% dos produtos, os grandes *hits* do mercado de massas.

Sob o nome de *A New Revolution*, Gehl (2010) agrupa diversas visões utópicas sobre o potencial democrático da superfície da Web 2.0,

⁵⁰ Tradução minha do original: “get users to create content for you, capture it, and while they do so, show them ads”.

nas quais ela representaria uma quebra revolucionária com o passado, democratizando os meios de comunicação e libertando os indivíduos da homogeneização opressora da cultura de massa. Nesses discursos, a *Web 2.0* se torna uma espécie de vitrine ideal do liberalismo: um espaço desregulamentado que leva ao empreendedorismo e gera bem-estar social, ao mesmo tempo em que os indivíduos perseguem seus objetivos egoístas. É a *Web 2.0* que permite o sucesso de inventores de garagem – através de práticas como *crowdsourcing* – e o surgimento de micro-celebridades. É um ambiente de eficiência e dinamismo, oposto à inflexibilidade de instituições monolíticas como governos e grandes corporações.

Estes discursos formam aquilo que Gehl (2010, p.37) chama de *user-led mythology*, representada na edição de personalidade do ano da revista *Time* em 2006: naquele ano em vez de escolher a tradicional personalidade do ano dentre os indivíduos de destaque global, a capa da *Time* veio com a figura de um notebook da Apple com a página do YouTube visível em seu monitor, acompanhada da seguinte frase: “Você controla a era da informação. Bem vindo ao seu mundo”⁵¹ (*apud* GEHL, 2010, p.38). A matéria celebrava a superfície da *Web 2.0*, apontando para as qualidades libertadoras desta em relação à tirania dos mercados e mídias de massa.

2.2 A Ideologia Californiana

A Ideologia Californiana é o que Marwick (2010) considera por excelência a ideologia predominante na cultura do *technobusiness* do norte da Califórnia e do Vale do Silício e, levando em conta que estas tecnologias foram criadas neste contexto, é a ideologia da própria *Web 2.0* em última instância. Esta ideologia tem suas raízes em dois grupos aparentemente contraditórios. Primeiramente, nos chamados discursos contra-culturais, na cena alternativa da Califórnia: cultura hacker, zines, movimentos de base, ativistas anti-globalização. Movimentos que buscavam a possibilidade de novas formas de agência, de relações não-hierarquizadas e descentralização. A crítica institucional da contracultura foi mesclada aos ideais de um outro grupo, o dos trabalhadores de tecnologia, que acreditavam na possibilidade de o

⁵¹ Tradução minha do original “You control the information age. Welcome to your world”.

desenvolvimento tecnológico resolver os problemas apontados pelas críticas da contracultura.

A união de contracultura e tecnoutopismo deu vazão ao que Marwick (2010) chama de *Ideologia Californiana*, uma mistura de libertarianismo, tecnoutopismo e meritocracia, com ênfase em empreendedorismo e ambientes criativos de trabalho⁵². A Ideologia Californiana é fruto de seu meio: surge em uma área com um polo tecnológico gerador de imensa riqueza, mas também, desde os anos 1960, marcada por uma vibrante cena contra-cultural; a ideologia californiana aceita o capitalismo como sistema, as estruturas da indústria de tecnologia e o livre-mercado, e rejeita como relíquias do passado a propriedade intelectual, a *Big Media* e os governos.

Considerando que as tecnologias – na maioria das vezes – não são desenvolvidas ao acaso – elas o são com propósito e intenção – a Ideologia Californiana e o tipo de capitalismo cognitivo que ela engendra estão presentes na própria estrutura de funcionamento da Web 2.0, que neste sentido é, em si, um conduto do neoliberalismo⁵³ (MARWICK, 2010), como veremos adiante, nos discursos críticos sobre a Web 2.0, em especial no tipo de relações sociais que ela estimula.

2.3 Os Discursos Críticos sobre a Web 2.0

Esta seção irá contemplar quatro conjuntos de críticas: a elitista de Andrew Keen (2009); a das consequências negativas – e imprevistas – que a habilidade ilimitada de filtrar informações provida pela internet pode vir a ter sobre a democracia (SUNSTEIN, 2007); e a do enclausuramento digital e a da exploração econômica na Web 2.0, ambas de Gehl (2010).

2.3.1 O Culto ao Amador: A Crítica Elitista de Andrew Keen

⁵² A cultura “Google”, na qual os funcionários não têm horário fixo de trabalho, apenas metas produtivas, e as pessoas supostamente ficam jogando basquete ou videogame durante o expediente para relaxar a cabeça e fazer fluir a criatividade.

⁵³ Neoliberalismo aqui entendido na definição de David Harvey (*apud* MARWICK, 2010, p.11): a theory of political economic practices that proposes that human well-being can best be advanced by liberating individual entrepreneurial freedoms and skills within an institutional framework characterized by strong private property rights, free markets, and free trade.

A descrição que precede uma entrevista de Andrew Keen à revista Cult (SOCHA, 2010) o descreve da seguinte forma:

Em meados da década de 1990, Andrew Keen era um feliz empreendedor da internet no Vale do Silício, o éden da nova e então promissora economia. Criou várias empresas, algumas não deram certo. Quando chegou o estouro da bolha das “empresas pontocom” em 2001, Keen estava em vias de se transformar no anjo caído do paraíso digital. Resolveu lançar, em 2007, um livro abertamente apocalíptico contra a internet [O Culto do Amador (2009)]. (SOCHA, 2010)

O subtítulo do livro de Keen é “Como Blogs, MySpace, YouTube e a Pirataria Digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores”. Keen (2009) considera a proliferação do amadorismo – ou seja, do conteúdo produzido por usuários – na Web 2.0 como destrutivo para a cultura. Isto se daria pela passagem da “ditadura do especialista” para a “ditadura das massas”. Conforme dito por Keen em uma entrevista (SOCHA, 2010), a Ditadura do Especialista era um componente importante da era industrial, era meritocrática no sentido de que a maior parte das pessoas quer se dedicar a algumas poucas atividades bem pagas, mas para as quais há pouca necessidade de profissionais; a internet possibilitou a qualquer um se tornar economista, analista político e crítico de arte, o que leva à aparência de um poder das massas, mas que no fim acabaria em tirania.

Outro ponto da crítica de Keen é ao analfabetismo digital, a incapacidade das pessoas – em especial das crianças – de compreender de forma crítica a informação que encontra. Esta crítica seria válida, por exemplo, para todos aqueles – na maior parte adultos – que divulgam informações falsas sem as verificarem como se fossem verdade⁵⁴. Esta crítica se estende ao jornalismo amador digital, que para Keen é menos seguro que o jornalismo profissional, não havendo por parte dos autores amadores as mesmas responsabilidades cobradas dos jornalistas profissionais (SOCHA, 2010).

Adicionalmente Keen afirma que a internet pode ser facilmente manipulada por grandes corporações – ele cita casos nos quais

⁵⁴ Como os já famosos e satirizados posts de *Facebook* a respeito enormes propriedades supostamente pertencentes a um dos filhos do ex-presidente Lula.

empregados anônimos do McDonald's e do Wal-Mart utilizaram furtivamente verbetes da Wikipédia para difundir propaganda corporativa. No caso do McDonald's foi excluído o link para o filme crítico à rede *Fast Food Nation*, e na do Wal-Mart foi excluída uma menção a seus trabalhadores serem mal pagos (2009, p.10). Outro caso citado por Keen é o do vídeo *Al Gore's Army of Penguins*, um vídeo sátira sobre o filme *Uma Verdade Inconveniente*, de Al Gore, produzido aparentemente de forma amadora e independente, mas que – conforme descoberto posteriormente pelo Wall Street Journal – foi produzida por uma firma de relações públicas que inclui em seus clientes a Exxon Mobil.

Ele também critica o potencial de vigilância da internet, e como regimes autoritários como o da República Popular da China são bem-sucedidos em utilizar deste potencial de vigilância para capturar dissidentes (SOCHA, 2010).

A narrativa de Keen (SOCHA, 2010) sobre o surgimento da internet é similar àquela de Marwick (2010)⁵⁵:

[...] a internet foi criada a partir da inesperada fusão de duas construções ideológicas, dois movimentos ideológicos: o establishment militar, industrial e educacional que emergiu da Guerra Fria e a contracultura política dos hippies do norte da Califórnia, em especial aquela que surgiu em torno da figura de Steward Brand. Não é coincidência que ambos os grupos tenham tendências libertárias. Muitos norte-americanos que viveram a Guerra Fria tornaram-se obcecados pela ideia de liberdade como oposição ao modelo soviético, ao passo que a cultura hippie defendia ideias semelhantes de questionamento da autoridade. Não surpreende, dessa forma, que a internet, que emergiu como ideologia do cruzamento dessas duas correntes, seja um movimento sem centro, um movimento de arestas que, por definição, não aceita qualquer tipo de autoridade. (SOCHA, 2010, s/p).

⁵⁵ Que, de acordo com Keen (SOCHA, 2010), é oriunda da obra *From Counterculture to Cyberspace*, de Fred Turner.

A diferença entre as perspectivas de Gehl (2010) e Marwick (2010) em relação a Keen é que estes criticam justamente o insucesso da Web 2.0 em ser uma rede efetivamente livre e descentralizada, enquanto que Keen crítica também este próprio fundamento, lamentando o potencial democrático da Web 2.0.

2.3.2 Câmaras de Eco e Polarização Política: a crítica de Cass Sunstein

Se Keen critica a anarquia da internet pelo fato de qualquer um poder produzir informação e conteúdo, de forma a não haver mediação crítica ao conteúdo produzido, Sunstein (2007), em seu livro *Republic.com 2.0*, critica a anarquia da internet pela possibilidade de seus usuários filtrarem completamente as informações recebidas, isolando-se em câmaras de eco nas quais eles recebem apenas aquelas informações e pontos de vistas com os quais já concordam, ou seja, de não haver mediação crítica que obrigue os usuários a receberem informações contrárias a seus pontos de vista.

O argumento de Sunstein é simples, porém poderoso: a democracia requer uma cultura democrática, uma disposição para que os indivíduos considerem as visões e opiniões de seus concidadãos, que as pessoas convivam de forma saudável com outras pessoas com pontos de vista diferentes, ou até mesmo opostos aos seus. Desta forma, um sistema de livre-expressão precisa ir além da garantia de não censura – liberdade negativa –, devendo garantir também que as pessoas sejam expostas a perspectivas que competem entre si, ou seja, deve ser também positiva.

A internet possibilita que usuários personalizem completamente a que tipo de conteúdo eles são expostos. Os consumidores de informação têm controle sobre o que querem ver, de forma que, se assim desejarem, podem receber apenas aquelas informações de que outras pessoas como eles gostam. O resultado, segundo Sunstein, é a criação de *câmaras de eco*, nas quais os usuários ouvem apenas ecos de sua própria voz, apenas opiniões parecidas com as suas, criando uma série de fragmentações na sociedade – religiosas, étnicas, nacionais, de renda, de idade, de convicções políticas etc. – estimulando o crescimento do extremismo.

Este resultado seria visível, segundo Sunstein, na polarização do eleitorado norte-americano, cada vez mais fechado em suas posições, entre os *blues* – democratas – e *reds* – republicanos. A preocupação de Sunstein é a de que a filtragem irrestrita de informações por parte dos cidadãos possa colocar em xeque as precondições elementares do

sistema democrático.

O argumento de Sunstein é polêmico, difícil de ser provado e, mais ainda, difícil de ser solucionado, mas o fenômeno que ele indica – a polarização e a criação de câmaras de eco – me parece, a partir de observações nas redes sociais, bastante evidente: as posições políticas tendem a ser bem fechadas, e os debates enquanto, troca honesta de ideias, inexistentes: a regra parece ser repetir frases de efeito e xingar o oponente, seja ele “comuna”, “petralha”, “coxinha” ou “reça”.

2.3.3 Enclausuramento Digital: a crítica de Robert W. Gehl

Gehl (2010) extrai a ideia de *enclausuramento digital* de Andrejevic e Zittrain. Segundo esta ideia, a internet estaria sofrendo destino similar àquele dos pastos comuns na Inglaterra pré-industrial: o que antes era coletivo passa a ser fechado e acumulado pelo novo capital midiático. A internet, antes livre, passa a ser dominada por um punhado de grandes empresas. Ele dá um exemplo: a compra pelo Google do serviço usenet deja.com, um arquivo de informações montado de forma colaborativa, e não-lucrativa, pelos seus usuários desde 1995, os quais jamais imaginariam que seus esforços acabariam sendo propriedade de uma grande empresa.

Parte do enclausuramento digital é motivado, de acordo com Gehl (2010), pelo medo. Existem muitos focos de compartilhamento de arquivos e informações na internet que não estão sob controle de nenhuma entidade, como os serviços de compartilhamento p2p, que conectam diretamente os usuários entre si, mas estes serviços e partes da web não são considerados *seguros*: contêm vírus, materiais considerados perigosos como pornografia infantil etc. O medo faz com que muitos usuários busquem os *safe devices*, que ao mesmo tempo em que são seguros são também facilmente vigiáveis pelo novo capital midiático.

Desta forma, a estrutura da *Web 2.0* se torna uma estrutura na qual tecnólogos – especialistas em internet, repórteres e bloggers – disputam o significado das novas tecnologias, adquirindo capital social como líderes de pensamento, buscando reverter este capital social em capital financeiro através de consultorias e publicações; e investidores capitalistas concentrados na Califórnia assumem o controle da camada profunda da *Web 2.0*, capturando – por meio da extensão da economia de vigilância – mais-valia dos milhões de participantes do enclausuramento digital.

Neste contexto, Gehl (2010, p.52) fornece sua definição final da *Web 2.0*:

Web 2.0 is a loose constellation of ideologies, programming techniques, infrastructures, and managerial techniques which a) orient new media capitalists to the cost-cutting potentials of distributed online labor and the profit-making potentials of the Web-enabled attention economy, and b) orient users to the possibilities of participating in the production of media and thus orienting users to new forms of subjectivity. Web 2.0 thus sets two groups of actors into what Henry Jenkins (2004) calls an “uneasy truce”: site owners desire to harness the unpredictable creative capacities of Web users, but want this done in a way that produces their wealth and power. Users desire to be a part of the media, but want to do so in ways beneficial to them. These two groups depend upon each other.

2.4 Self-Branding e a atuação dos produtores de conteúdo na internet

Uma das razões do fracasso dos ideais contraculturais da Web 2.0 é o já abordado enclausuramento digital, e o conseqüente aumento da vigilância que o segue. A outra razão diz respeito à forma subjetiva de experimentação: se o ideal da contracultura era criar ambientes de colaboração coletiva livre da mediação das grandes corporações, o resultado final é um ambiente que exacerba o individualismo e a competitividade entre os usuários.

Isto se dá através de uma prática – incentivada pela estrutura da Web 2.0 – que Gehl (2010) chama de *personal branding*, e Marwick (2010) de *self-representation*⁵⁶. O *personal branding* é essencial para a Web 2.0, sendo realizado por todos aqueles usuários que buscam

⁵⁶ Marwick (2010) considera o *personal branding* uma das facetas da *self-representation*, que também inclui a prática de *Micro-Celebrity* e a de *Life Streaming*. Para a autora *personal branding* consiste na ideia de “ser sua própria marca”, *micro celebrity* é uma prática focada na obtenção e manutenção de fans, e *life streaming* é o ato de tornar público, intencionalmente, frações selecionadas da vida privada. O *personal branding* pode conjugar as outras duas formas, sendo a forma de *self-representation* mais “consciente” e “profissional”.

produzir conteúdo e, obviamente atrair audiência. Isto pode ser feito de forma mais ou menos consciente, pode visar apenas adquirir popularidade com seus amigos a até se tornar uma fonte de renda e prestígio.

A ideia de *personal branding* surge na bibliografia de auto-ajuda voltada a negócios, sendo a transposição de uma lógica corporativa para a esfera individual. A ideia básica do *self branding*, “seja você mesmo sua marca”, é um approach individualizado para aumentar o capital social como medida de adaptabilidade a mercados em mudança constante (GEHL, 2010, p. 185).

O discurso do *personal branding* é de que os indivíduos têm a oportunidade de serem os marqueteiros de si mesmos, de controlar sua própria imagem da mesma forma que empresas controlam sua propriedade intelectual, e de que este trabalho traz sucesso profissional e pessoal. O praticante do *personal branding* é o produtor, por excelência, do conteúdo necessário à existência da Web 2.0 como modelo viável de negócio e, em um capitalismo globalizado marcado pela precarização do trabalho, torna-se o meio de vida de um número cada vez maior de pessoas.

Como o objeto desta pesquisa são produtores de conteúdo na internet, ou seja praticantes do *personal branding*, faz-se necessário compreender melhor suas características.

Segundo Gehl o *personal branding* segue uma lógica tripartite:

a) Dividuação: Em seu post scriptum sobre as sociedades de controle, Deleuze (1992) entende o dividuamento como o uso de uma prática de administração científica – a divisão de indivíduos em conjuntos de dados quantificáveis – como ferramenta de controle social. O praticante do *personal branding* se dividua intencionalmente, se divide intencionalmente para criar um personagem composto, geralmente, pelas informações que ele próprio seleciona de si (GEHL, 2010, p.188). Ele se torna quantificável no momento em que passa a ser valorizado pelo número de *seguidores*, *likes* e *shares* que acumula.

b) Capitalismo Emocional: o praticante do *personal branding* realiza trocas afetivas conscientes buscando a aquisição de capital pessoal. Na prática isto ocorre nas interações que faz com seus “seguidores”.

c) Economia de Vigilância: O praticante do *personal branding* se dispõe, conscientemente, a tornar parcelas de sua vida públicas com a esperança de ganhar controle sobre os objetos midiáticos. Cultivam suas imagens na tentativa de controlar a forma como são vistos, e assim adquirir capital social e, possivelmente, financeiro.

Desta forma, os produtores de conteúdo na internet são atores conscientes em uma disputa por audiência – consumidores – utilizando-se de táticas diversas para este fim, de olho na aquisição de capital social e financeiro. É sob esta luz que as ações individuais dos difusores profissionais e semi-profissionais do pensamento da nova direita na internet devem ser analisados.

2.5 A Blogosfera e a Inteligência de Enxame

Se Gehl (2010) e Marwick (2010) chamam a atenção para os interesses individualistas dos produtores de conteúdo na internet, Martinuzzo e Malini (2010) exploram as características coletivas desta produção, a atuação coletiva dos blogueiros enquanto ativistas, a qual não compromete, mas reforça seus interesses individuais. O que os dois autores buscam compreender é como se dá a ressignificação do ativismo político na rede.

Primeiramente ocorrem mudanças nas relações da produção de conhecimento, a partir do momento em que todos os usuários passam a ser emissores e receptores de conteúdo: o alcance da reprodução de informação por dezenas ou centenas de pequenos blogs é maior do que a de um único grande blog. Nesse sentido a produção do conhecimento é rizomática, ocorre em rede, com uma multiplicidade de centros e periferias.

A ideia da blogosfera como inteligência de enxame é a de que blogueiros são pares, produzem conteúdo através do intercâmbio de ideias entre eles, em uma *brainstorm cibernética* que envolve o diálogo constante de subjetividades plurais, mas de alguma forma realiza um processo de construção coletiva, produz correntes políticas de cooperação, no sentido de que redes, ou “panelas”, de blogueiros citam-se uns aos outros, promovem-se uns aos outros, realizam ações ofensivas e defensivas contra adversários do grupo, utilizam o espaço dos blogs como arma ideológica, aproximando-se da concepção gramsciana de *intelectuais orgânicos*. Este trabalho coletivo multitudinal de atores políticos na internet beneficia a todos os participantes, no sentido em que asseguram a visibilidade do grupo, sua capacidade de manter e aumentar audiência e, logo, de manter e aumentar o capital social dos envolvidos.

Embora o trabalho de Martinuzzo e Malini (2010) seja voltado aos blogs, a lógica de funcionamento de *fanpages* e *perfis públicos* no Facebook é similar, até porque uma das características do Facebook

enquanto plataforma é a de se conectar a outras redes sociais. A compreensão do ativismo político como uma atividade coletiva, mas através da qual seus envolvidos, especialmente os que ocupam as posições principais na rede, buscam aumentar não apenas a força de sua linha política, mas também seu próprio capital social e suas possibilidades de renda é fundamental para a realização de uma cartografia das redes de direita na internet.

2.6 Considerações finais sobre a Web 2.0

A Web 2.0 é cheia de contradições: é descentralizada na superfície, e centralizada em sua profundidade; produz conhecimento de forma coletiva, mas a atuação de seus atores é individualista; democratiza a produção de informação, mas tanto de verdadeiras quanto falsas. Conforme mais pessoas passam uma maior parte do seu tempo conectadas às redes sociais, tornam-se menos claras as linhas que separam o real do virtual, o privado do público. Paradoxalmente a ampliação da liberdade se dá junto à ampliação da vigilância. Gostaria de fazer aqui, a partir da bibliografia que vimos anteriormente, algumas considerações que julgo importantes para este trabalho.

A primeira diz respeito à democratização da produção de informação e opinião. O caráter coletivo, de enxame, da produção de conhecimento na *internet* congrega amadores e profissionais, e não de uma forma igualitária. Os especialistas não deixaram de existir, diplomas universitários, cargos em grandes veículos midiáticos e livros impressos publicados não deixaram de ter valor, são fatores de prestígio que ainda entram na consideração da legitimação de diferentes discursos. De forma geral, aqueles indivíduos que tem grande número de seguidores, mas não são especialistas, e se aventuram nas arenas de discussão política da *internet* costumam ser moderados em suas opiniões, e se enquadrar em uma ou outra linha discursiva, geralmente amparados por especialistas. Quando não o fazem é muito comum pagarem um “mico”, serem ridicularizados ou hostilizados por estarem dando opiniões em áreas nas quais não se considera que tenham legitimidade de atuação. Mas certamente a forma de atuação dos especialistas, as formas pelas quais podem obter legitimidade, e pelas quais interagem com o público mudaram. Há, por exemplo, um certo desprezo por parte da “*nova direita*” a academia, em especial por aqueles grupos ligados a figura de Olavo de Carvalho, o qual não tem diploma universitário, fato constantemente lembrado por seus

antagonistas, e também constantemente refutado pelo mesmo como argumento, sob a justificativa dele ter estudado muito por conta própria. Note-se que não há aqui a rejeição a figura do especialista, apenas o reconhecimento de que a falta de um diploma universitário pode ser compensada por outros fatores, no caso de Olavo de Carvalho a publicação de diversas obras e intensa participação na arena política da internet por mais de uma década. A produção da inteligência coletiva, do senso comum, continua a ser intermediada por especialistas, mas o contato entre estes e seu público é muito mais intenso, e a forma pelas quais estes podem propagar seus discursos muito mais descentraliza.

A segunda consideração diz respeito à ideia, presente na obra de Gehl (2010), e mais intensamente em Marwick (2010), da *web 2.0* como conduto de ideologia neoliberal, ou mais especificamente de uma ideologia com características neoliberais, a Ideologia Californiana. Aceitando-se a ideia de que o *design* da *web 2.0* é intencional, e ideologicamente carregado, pode-se fazer a seguinte pergunta: *existe uma correlação entre o fato dos libertarianos serem majoritariamente jovens, portanto nativos da internet, e o design carregado da Ideologia Californiana da web 2.0? Será política a própria estrutura da internet?*

3 UMA NOVA DIREITA?

A expressão “nova direita” vem sendo utilizada – por jornalistas e blogueiros – com alguma frequência, especialmente a partir das manifestações de Junho de 2013. Vendo-se mais de perto, logo se observa que o termo é usado sem muitos critérios, para denominar grupos e indivíduos bastante distintos entre si.

O jornal *O Povo* trouxe, em 2014, uma breve perspectiva histórica da *nova direita*, indicando que durante muito tempo era raro encontrar no Brasil alguém que se assumisse abertamente como de *direita*, devido à associação desta com a ditadura militar, vista como um retrocesso político ao país. Isso teria mudado após 12 anos de governo do PT, em função do medo de que ocorresse no Brasil um processo político semelhante ao da Venezuela, o que deu vazão ao surgimento de um grupo plural, o qual “seja via intervenção militar, seja por meio das instituições democráticas [...] têm um objetivo imediato em comum: conter a ‘ameaça comunista’ e evitar o que consideram uma possível ‘venezuelização’ do país” (CORLONANO, 2014, s/p). Faz-se menção também a uma modernização da direita, cuja mobilização se dá através de redes sociais e fóruns de discussão da internet e que, aos poucos, adquire até representantes no campo artístico, território tradicional da esquerda.

O filósofo Paulo Eduardo Arantes⁵⁷, em entrevista à Folha de S. Paulo (LUCEMA, 2014), observa que as manifestações de junho de 2013 levaram ao surgimento de uma *nova direita*, “uma direita não convencional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política”. Esta nova direita brasileira, segundo o filósofo, poderia ser comparada à atual direita norte-americana que:

[...] não está mais interessada em constituir maiorias de governo. Está interessada em impedir que aconteçam governos. Não quer constituir políticas no legislativo e ignora o voto do eleitor médio. Ela não precisa de voto porque está sendo financiada diretamente pelas grandes corporações (LUCEMA, 2014, s/p).

Esta direita – segundo ele – pode se dar ao luxo de ter posições nítidas e inegociáveis que tornem impossíveis as mudanças, enquanto a esquerda tem de governar, constituir maiorias, transigir, negociar. Este

⁵⁷ Arantes parte de um ponto de vista claramente de esquerda.

fenômeno, nos EUA, vem sendo chamado de *polarização assimétrica*⁵⁸: a assimetria estaria no fato de que um dos lados tende à moderação, em busca da governabilidade – ou seja, joga nas regras clássicas da política – e o outro à radicalização e à intransigência, com vistas a impedir a governabilidade.

O *Diário do Centro do Mundo*, também a partir de um viés de esquerda, ao falar do pedido de recontagem de votos do PSDB para as eleições presidenciais de 2014, compara a *nova direita brasileira* com a velha direita venezuelana, que “tumultua, dá golpes baixos, mente – se agarra loucamente, enfim, a privilégios que fizeram do Brasil um dos grandes campeões mundiais em desigualdade” (NOGUEIRA, 2014). A *nova direita*, às vistas da esquerda, é a antagonista que busca a manutenção do *status quo*.

Vejam agora a visão desta *nova direita* a partir de fontes mais simpáticas, ou pelo menos não antipáticas. Uma matéria de 2012 de *O Globo* (VOITCH, 2012) tem como título *Jovens se organizam e tentam criar legendas da ‘nova direita’*, defendendo ideias de Estado mínimo e refutando identificação com a ditadura, com o objetivo de se organizar eleitoralmente. Eram então três legendas em formação: o Partido Federalista, Os Libertários e o Partido Novo, que defendiam a redução de impostos e as privatizações, acreditando que o Estado brasileiro é grande, oneroso, ineficiente e paternalista, com um quadro político tomado pela esquerda. São grupos integrados majoritariamente por jovens entre 20 e 30 anos, que não se sentem representados pelos partidos já existentes. Eles se diferenciariam da direita tradicional por esta historicamente ter adotado posturas intervencionistas na economia, a exemplo do governo Geisel.

Um artigo, escrito por um libertário, no jornal *Valor Econômico* (FONSECA, 2014), demonstra o caráter multifacetado dos grupos que recebem o rótulo de *nova direita*:

Há algo novo no ar; nos artigos de opinião, nas discussões políticas, no comentário econômico. Os observadores mais atentos, olhando de longe a movimentação que veio de fora dos meios esperados – a academia, a grande imprensa, a

⁵⁸ A *polarização assimétrica* se caracteriza, nos EUA, por um maior grau de radicalismo e intransigência entre Republicanos do que entre Democratas. Esta tese é embasada por dados coletados pelo *Pew Research Center* entre 1994 e 2014 (PEW, 2014). O *Pew Research Center* é um *think tank* estadunidense focado em análises de opinião pública, demográficas e conteúdo de mídia.

política, o meio artístico -, já têm um nome na ponta da língua: ‘nova direita’ – nome dado, evidentemente pela velha esquerda.

De perto ela é mais complexa. A tal ‘nova direita’ é no mínimo duas coisas bem distintas. E, dessas duas, uma nem é direita, embora seja nova. Nesse mesmo balaio estão dois grupos: conservadores e libertários. Eles têm algo em comum: a insatisfação com o estado do Brasil e a descrença nas opções políticas disponíveis ou mesmo na política como um todo. Não pertencem à direita tradicional e, obviamente, se opõem ao governo do PT. O que não quer dizer que aceitem de bom grado o rótulo de direita. (FONSECA, 2014, s/p).

Fonseca segue dizendo que os conservadores aceitam o rótulo de direita, e lutam não apenas no campo econômico, mas também no cultural, tendo um aspecto de reacionarismo ideológico. Já a outra ‘direita’, liberal ou libertária, em suas alas mais radicais, nega inclusive a associação com a direita, se posicionando como *esquerda libertária*, defendendo bandeiras como erradicação da pobreza, redução dos custos que as regulamentações estatais impõem às camadas sociais mais baixas e aos microempreendedores e em causas progressistas como casamento gay e liberação das drogas; opondo-se ao BNDES, chamado de bolsa empresário, mas não ao Bolsa Família⁵⁹ (FONSECA, 2014).

Ele segue a diferenciação entre libertários e conservadores:

Conservadores olham para o passado: querem conservar os valores da civilização ocidental e as instituições vistas como suas principais representantes – a igreja, a família, o Estado Democrático de Direito, os direitos naturais. Podem até ser liberais em economia, mas seu coração não está na liberdade enquanto tal. Já libertários olham para o futuro sem medo de criar utopias e apostas nas mudanças revolucionárias que sua proposta trará. O Estado é visto ou como uma barreira à criação do novo ou como um definidor de caminhos fixos para as mudanças, proibindo e barrando caminhos alternativos. (FONSECA, 2014, s/p).

⁵⁹ Favoráveis a extinção do Programa Bolsa Família em longo prazo, quando este fosse julgado desnecessário.

Esta concepção, a dos libertários pelo menos, oferece a visão de uma *nova direita* como uma oponente do *status quo* – considerando que nunca houve de fato liberalismo no Brasil –, adotando a narrativa de que as mazelas do país provêm da ineficiente e corrupta máquina estatal, a qual impede a operação adequada da livre iniciativa, *locus* das virtudes da eficiência, do empreendedorismo e do mérito⁶⁰.

Partindo de um liberalismo mais moderado, Rodrigo Constantino, em entrevista para *O Povo* (CORLONANO, 2014), afirma que a direita é um “saco de gatos”, tendo várias facetas: liberais, conservadores e autoritários, unidos pelo objetivo comum de evitar a “venezuelização” do Brasil, e que, em caso de sucesso neste objetivo, a *nova direita* provavelmente se desmembraria de forma evidente. Ele também divide a direita entre a ala saudosista do regime militar e uma ala mais moderna, que chama de direita democrática. Afirma o seguinte à pergunta “a nova direita possui um projeto de poder para o Brasil?”:

Não há um projeto. E faria uma afirmação até mais dura. Não existe direita organizada no Brasil hoje. Essa é uma frase forte, mas verdadeira. Politicamente não existe. O que tem mais de direita seria quem? O DEM, PSDB? Partidos sociais-democratas que em qualquer lugar do mundo seriam vistos como de esquerda ou centro-esquerda. Direita fascista organizada é história pra boi dormir que serve ao interesse da esquerda golpista. E há um vento de mudanças no horizonte no âmbito cultural, que tem impacto no âmbito político. Você vê alguns comediantes, músicos, intelectuais comprando briga de forma mais firme contra essa turma bolivariana (CORLONANO, 2014, s/p).

O que é certo é que existe uma nova *movimentação política* no Brasil, à qual tem sido dado o rótulo de “nova” direita, rótulo que traz

⁶⁰ Este argumento é similar ao elaborado Raimundo Faoro (2001) em *Os Donos do Poder* publicado originalmente em 1958, e de forma menos concisa em período anterior por Paulo Prado (1981) em *Retrato do Brasil*, publicado originalmente em 1928. Dreifuss (1989, p.85) entendeu – no período da redemocratização – a atuação do empresariado brasileiro a respeito desta pauta como algo paradoxal: defendiam a redução de gastos governamentais sem que estes modifiquem seus privilégios, isenções e subsídios; pediam a redução do estado, mas apelavam para ele, para o estado “porrete”, frente à revoltas populacionais contra “o calamitoso estado de coisas”.

diversas complicações, desde a discussão sobre a validade de sua alegação de “nova”, até a sua condição de “direita”, a qual dá a falsa impressão de que - à parte o repúdio ao governo Dilma - existe uma unidade organizacional, estratégica e ideológica entre os diversos atores que compõem a chamada “nova” direita. Porém, não há consenso sobre ela ser *nova* de fato - vide a comparação com a velha direita venezuelana - e nem ao menos se ela pode ser chamada de direita, vide a autointitulada *esquerda libertária*.

Parte essencial, e, devo admitir, talvez a mais complexa de minha pesquisa consiste em identificar e categorizar estes diversos discursos, e produzir uma tipologia adequada deles. Para compreender o que é esta “nova” direita, e se ela contém ideários substantivamente novos, ou se a novidade é apenas a de uma nova arena, a *internet* e as *redes sociais*, é relevante discutir brevemente o que se entende por direita e esquerda.

3.1 O debate teórico a respeito da distinção *direita* e *esquerda*

A origem da díade *direita/esquerda* remonta à Assembleia Nacional, que vigorou na França entre 1789 e 1791, tendo sido uma etapa de transição entre os Estados Gerais e a Assembleia Nacional Constituinte da Revolução Francesa; nesta Assembleia, os membros mais moderados - *Feuillants*, sucedidos pelos Girondinos - sentavam-se à direita, e os mais radicais - Jacobinos - sentavam-se à esquerda (OSTERMANN, 2014a, p.14). Estivessem então os franceses distribuídos em seus assentos de forma diferente, a díade poderia ter significado inverso, embora em diversas línguas - e em períodos históricos muito anteriores à Revolução Francesa - tenham existido atribuições positivas à ideia de *direita*, e negativas à de *esquerda* (OSTERMANN, 2014a). Nesta primeira acepção da díade, temos a direita representando primeiramente os partidários do rei e, posteriormente, conforme os partidários do rei foram excluídos de participação no processo político da Revolução Francesa, as facções mais moderadas, que buscavam alguma espécie de compromisso entre o *Ancien Regime* e perspectivas mais radicais de mudança da sociedade. Em outras palavras, em sua infância a díade representava à direita os defensores - em maior ou menor grau - das estruturas sociais então existentes, e à esquerda, aqueles que buscavam - em maior ou menor grau - uma modificação substantiva delas.

Mas os significados de esquerda e direita não são fixos, são relacionais, movimentam-se no decorrer do tempo (BOBBIO, 2001),

adquirindo conteúdos políticos e ideológicos diversos no decorrer das grandes transformações do ocidente, e também do processo de transposição das ideias políticas do ocidente ao resto do mundo. Se em sua gênese ser de direita implicava em alguma posição contrária a um governo republicano, no século XX a adesão à fórmula republicana liberal impera em todo o espectro político moderado, com a exceção nem um pouco insignificante de suas extremidades. O liberalismo, considerado radical e perigoso ao fim do século XVIII e início do século XIX, gradualmente se aproxima, no decorrer do século XIX, de posições mais conservadoras, terminando por ficar no campo da “direita”. Eventualmente ser de esquerda passa a ser caracterizado por maior ou menor grau de adesão ao marxismo, para após a queda da União Soviética surgir a necessidade de, ao menos entre as esquerdas preocupadas em obter algum grau significativo de sucesso eleitoral – desconstruir parte da relação histórica entre esquerda e marxismo.

Uma das consequências do caráter relacional da díade é de que ela tende a gerar uma grande confusão a respeito de que conteúdos políticos efetivos caracterizam uma ou outra posição dentro dela, complicação que fica ainda mais exacerbada quando se comparam esses significados a partir de alguma distância espaço-temporal. Há diversos questionamentos a respeito da validade da díade, seja sob o argumento de que ela já foi superada, ou de que jamais teve validade. Tais questionamentos tomam força particularmente no início da década de 1990 – período que precede imediatamente o desmantelamento da União Soviética – tanto por parte de indivíduos e grupos anteriormente identificados com a direita, brandindo uma retórica triunfalista de vitória sobre a esquerda, cujo melhor exemplo talvez seja a tese do “fim da história” de Francis Fukuyama, quanto por parte de indivíduos e grupos que, por diversos motivos, não se identificavam particularmente com nenhum dos dois elementos da díade, ou que apontavam para a necessidade de sua superação ou síntese⁶¹.

Meu objetivo com essa breve divagação foi o de apontar que, embora os conceitos de direita e esquerda sejam corriqueiramente utilizados sem muito rigor em diversas esferas da vida privada e pública – o que ocorre, a bem da verdade, sem maiores problemas –, o mesmo não pode acontecer neste trabalho, devido a sua meta de justamente

⁶¹ Bobbio (2004) se refere aos posicionamentos que não se identificam dentro da díade como *terceiro exclusivo* – quando da rejeição de ambos os pares – ou *terceiro inclusivo*, quando da busca de superação dos pares através de uma síntese dos mesmos.

classificar e ordenar um emaranhado caótico de posturas e ideias políticas. Dessa forma, não posso me dar ao luxo de assumir aquela postura despreocupada com a qual jornalistas, políticos, militantes e frequentadores de bares costumam lidar com o tema. É necessário então realizar o penoso trabalho de analisar a extensa discussão a respeito da validade ou não da díade, de seus possíveis significados e de possíveis alternativas a ela, para – eventualmente e com sorte – encontrar um modelo que nos permita compreender e categorizar o universo da chamada “nova direita”.

3.2 Norberto Bobbio e a igualdade enquanto critério de distinção da díade

Foi em 1994, durante período de caloroso debate sobre a validade ou não da díade, que Norberto Bobbio publicou *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*, na qual analisa diversos significados da díade, díades alternativas e, por fim, seleciona um critério que julga o mais adequado para distinguir os dois pontos da díade no decorrer de toda a sua história: o princípio da *igualdade*.

Primeiramente Bobbio (2004, p.44-45) observa que, mesmo em um período no qual um número significativo de intelectuais se dedicava a por abaixo a velha díade, a cena política italiana seguia dominada por dois alinhamentos que se proclamavam de direita e de esquerda, e que sob estas bandeiras preparavam-se para lutar furiosamente um contra o outro pelo governo do país. O significado desta constatação é que, por mais que o conteúdo da díade tenha se modificado no decorrer do tempo, ela persiste sob outras formas. Conseqüentemente, *direita* e *esquerda* não são conceitos absolutos, mas sim relativos, topológicos, que indicam lugares no espaço político “os dois termos da díade governam-se um ao outro: onde não há Direita não há mais Esquerda, e vice-versa. Dito de outro modo existe uma Direita na medida em que existe uma Esquerda” (BOBBIO, 2004, p.61). A díade é *excludente* – não se pode ser simultaneamente de direita e de esquerda – e *exaustiva*, pois abraça todo o universo político, se é inevitavelmente um ou o outro; as díades são representações naturais de universos conflituosos como o da política.

Bobbio não acredita que a díade tem papel apenas topológico, mas também conteúdo ideológico e programático, representando programas contrapostos a problemas cuja solução pertence à ação política. Aceitando então que a díade tem algum conteúdo por assim

dizer menos efêmero, Bobbio explora diversas possibilidades de significados para ela e também duplas alternativas. Das duplas alternativas possíveis, Bobbio cita: progressistas x conservadores, societários x comunitários, tradição x emancipação, realismo x espiritualismo, igualdade x hierarquia, classes inferiores x classes superiores; de possibilidades de significados Bobbio explora e refuta uma bastante comum: a de que a direita se caracterizaria pela priorização do princípio da *liberdade* e a esquerda pela priorização do princípio da *igualdade* em detrimento do de *liberdade*, sendo essencialmente autoritária. Esta distinção é refutada, para fazer um resumo bastante grosseiro, pela constatação de que em ambos os espectros são encontrados historicamente movimentos autoritários com pouco amor pela liberdade e, da mesma forma, em ambos os espectros é possível encontrar defensores apaixonados da liberdade. Neste sentido a dicotomia liberdade x autoridade não é representativa da divisão entre esquerda e direita, mas sim de subdivisões dentro de ambos os campos, encontrando-se princípios autoritários nos extremos de ambas as posições, em suas formulações mais radicais e antidemocráticas.

O critério adotado por Bobbio é de que a diferenciação das posições dentro da *díade* é dada por suas posturas a respeito do ideal da *igualdade*, sendo que a maior ênfase à igualdade, o otimismo antropológico e a crença de que as desigualdades são mais sociais do que naturais e, portanto, podem ser em maior ou menor grau removíveis, situa-se mais à *esquerda*; de forma inversa, quando maior o pessimismo antropológico e a crença de que as desigualdades são mais naturais do que sociais e que portanto são ou irremovíveis ou sua remoção não é desejada, mais à *direita* determinado posicionamento se encontra.

Por este modelo poderíamos situar defensores de uma sociedade de classes juridicamente definidas, como no *Ancien Regime*, bastante à direita; defensores de uma igualdade jurídica, mas não econômica e de oportunidades, a uma direita mais próxima ao centro; defensores de igualdade jurídica e de mecanismos de facilitação à igualdade de oportunidades, mas ainda não insistentes na igualdade econômica, em uma esquerda mais próxima ao centro; por fim, defensores de uma igualdade jurídica, de oportunidades e econômica, bastante à esquerda.

Para distinguir com maior precisão graus e tradições diferenciadas dentro de cada lado da *díade*, o único recurso oferecido por Bobbio é a diferenciação que ele faz entre os extremistas: aqueles que em ambos os lados da *díade* professam doutrinas de *virtudes guerreiras*, adeptos da violência, admiradores do heroísmo, instigadores de mudanças radicais e inimigos professos da democracia

representativa; e os moderados, que professam doutrinas de *virtudes comerciantes*, da valorização do cálculo racional e ponderação, respeitando as regras do jogo democrático.

O critério de Bobbio tem uma qualidade fundamental: sua simplicidade, por partir de uma essência singela, poder-se-ia dizer até instintiva, que permite rapidamente comparar dois ou mais programas e/ou princípios e posicionar um mais à esquerda ou mais à direita do que o outro. Sua definição fornece um critério baseado em posturas e disposições a respeito da desigualdade humana, do quão tolerável ou intolerável, natural ou artificial, intransponível ou transponível ela é. Adicionalmente, ele permite dar conta da questão da temporalidade, permitindo compreender as transformações históricas políticas sem a necessidade de se formular novas díades. A simplicidade do critério da Igualdade também é, a meu ver, seu maior defeito: ele acaba sendo por demais relacional, jamais estabelecendo uma linha divisória objetiva entre os dois campos do espectro, lembrando que tanto o igualitarismo quanto o inigualitarismo absolutos não existem em nenhuma doutrina política relevante da modernidade. Adicionalmente ele permite pouca distinção entre diferentes correntes de um mesmo espectro. Em última instância, a igualdade é também um conceito relativo, pois depende de parâmetros mais ou menos arbitrários que possibilitem, em meio às diferenças, selecionar um padrão cuja aplicabilidade universal seja desejável e/ou possível. A igualdade por si – desprovida de bons parâmetros – não representa nem liberdade, nem prosperidade ou justiça. Embora o conceito de Bobbio sirva como orientação geral para a definição de posicionamentos ideológicos em uma linha reta, tal como a identificação geral destes entre direita e esquerda moderadas ou radicais – no sentido de que pode ajudar, em linhas bastante gerais, a responder se determinadas linhas de pensamento identificadas em meu trabalho podem ser aproximadas mais à direita ou à esquerda –, sua definição é por demais abstrata e flexível, sendo, por si só, insuficiente para a tarefa de desvendar o universo da “nova direita” no Brasil. Não se trata de desprezar a proposição de Bobbio, que tem muitos méritos, mas de reconhecer que, para a tarefa que tenho em mãos, será necessário também considerar outros critérios da díade, critérios que, assim como o de Bobbio, reproduzem em certa medida as posições de seus formuladores, por maior que seja a honestidade intelectual deles. Ademais, para esta pesquisa também se fará necessário analisar os grupos da “nova direita” de forma mais minuciosa, a partir de seu pertencimento ou aproximação às correntes e tradições intelectuais políticas específicas. O que também apresenta suas dificuldades,

levando-se em conta a enorme diversidade de coxinhas e mortadelas no *menu* político discursivo da *internet* brasileira.

3.3 Yuval Levin e a gênese da direita e da esquerda a partir do debate entre Edmund Burke e Thomas Paine

Em sua obra *The Great Debate: Edmund Burke, Thomas Paine, and the birth of right and left*, Yuval Levin⁶² (2014) defende a tese de que, por trás dos debates políticos de “superfície” – imediatamente observáveis –, existem questões mais profundas, morais, filosóficas e históricas as quais se sustentam, em última instância, em diferentes concepções de pessoa humana, sociedade humana e sociedade liberal. Assim como Bobbio, Levin acredita que existe um conteúdo substantivo, e não apenas topológico, na díade direita e esquerda, conteúdo este que passa por transmutações em sua superfície, mas mantém desde suas origens certos princípios.

Sua obra tece a narrativa de que o embrião destas diferenças “essenciais” pode ser encontrado nos embates político-filosóficos travados por Thomas Paine e Edmund Burke, contemporâneos cujas disputas filosóficas e políticas ainda ressoam, segundo o autor, na disputa política atual do mundo anglo-saxão. Levin justifica a escolha destes dois autores por alguns critérios importantes: a) ambos representaram lados opostos durante a polarizada discussão e análise da Revolução Francesa; b) ambos foram tanto teóricos como quando estadistas; c) cada qual teve um papel extremamente relevante em seu respectivo campo durante suas vidas políticas; d) ambos tiveram origens medianas e surgiram enquanto outsiders naqueles meios em que se tornaram célebres.

Tais divergências em questões mais profundas explicariam porque, na política dos EUA, aqueles que defendem determinada posição sobre um tema específico *tendem* a concordar entre si também em relação a outros temas.

A narrativa de Levin é centrada no debate político anglo-saxão e, como o autor reforça tanto no início quanto no final da obra, tanto a esquerda quanto a direita visadas por ele são essencialmente

⁶² Israelense radicado nos Estados Unidos é um dos intelectuais conservadores mais proeminentes dos EUA na atualidade, bastante ativo na cena política contemporânea do país, atuante dentro do Partido Republicano e crítico do governo de Obama.

manifestações liberais da díade; tanto Burke quanto Paine defendiam uma sociedade liberal, livre, mas deram significados diferentes ao que seria uma sociedade liberal, livre; similitudes e diferenças também são identificadas por Levin no bipartidarismo norte-americano. Procederei a explorar a forma como Levin distingue, em pontos chave, os pensamentos destes que podem ser considerados fundadores de um *liberalismo conservador* – Burke – e um *liberalismo progressista* – Paine –, buscando elementos que a concepção mais ampla de Bobbio não considera em maiores detalhes e que possam dar alguma luz à compreensão do fenômeno da “nova direita”.

Edmund Burke nasceu na Irlanda e, após uma curta carreira de escritor, se tornou secretário de um proeminente político do partido *Whig*, tornando-se ele mesmo membro da Câmara dos Comuns por este partido. Destacou-se por duas posições: primeiramente por ter apoiado a independência das colônias inglesas que formariam os EUA e, posteriormente, por sua crítica feroz da Revolução Francesa. Já Thomas Paine nasceu na Inglaterra, exerceu diversas atividades: foi artesão, pirata⁶³ e coletor de impostos. Nesta última profissão, se envolveu em um movimento para reivindicar melhores salários e condições para a categoria, produzindo seus primeiros escritos e entrando em contato com as ideias iluministas, perdeu o emprego por conta de seu ativismo político e, após conhecer Benjamin Franklin, partiu para as colônias, nas quais, torna-se um dos mais célebres propagandistas da revolução americana, motivo pelo qual recebe terras após a independência e é considerado até hoje um dos *founding fathers* dos EUA. Mas sua carreira revolucionária não se encerrou ali, tendo posteriormente ido à França e, empolgado com a atmosfera dos primeiros momentos da Revolução Francesa, decidido se juntar a ela, chegando a ser eleito membro da Assembléia Nacional, mesmo sem falar francês. Com a ascensão de Robespierre, é preso e quase executado, voltando depois aos Estados Unidos, vivendo seus últimos anos em ostracismo, principalmente por suas críticas a todas as formas de religião organizada.

Tento adiante resumir as divergências entre ambos a respeito de

⁶³ *Privateer*, uma espécie de pirata, mas não daquele tipo consagrado por *Hollywood* em filmes como *Piratas do Caribe*. Na verdade, Paine serviu na tripulação de um daqueles muitos navios privados que, em meio à guerra dos sete anos, ganhavam permissões especiais da coroa inglesa para roubar e capturar navios mercantes de uma nação inimiga. Essencialmente, uma espécie de pirataria sancionada pelo Estado.

temas chave, comprimindo em algumas poucas páginas as conclusões tiradas por Levin no decorrer de sete capítulos de seu livro.

A primeira grande divergência entre ambos é entre o peso da natureza e da história ao conhecimento político. Paine dá ênfase à *natureza* em detrimento da *história*, partindo do princípio de que a *natureza* é rígida por princípios permanentes e imutáveis, acessíveis pela razão humana, e que apenas através da compreensão adequada da natureza humana é possível formar um governo legítimo: um governo de acordo com os princípios naturais. O passado, nesta visão, teria pouco a ensinar a respeito de como organizar governo e sociedade, sendo pouco mais que um catálogo das falhas humanas em aplicar de forma apropriada os princípios da natureza à política. Paine busca os princípios da natureza a partir da clássica fórmula jusnaturalista encontrada em autores contratualistas do período, como Locke e Hobbes, partindo de um estado de natureza no qual o homem gozaria de suas liberdades naturais, mas no qual não havia formas de assegurar o gozo destas liberdades, razão pela qual o ser humano formou sociedades e, eventualmente, governos. Nesta interpretação, a humanidade, até então ignorante e intocada pelas “luzes” da razão, teria distorcido os princípios naturais e criado sociedades governadas por princípios hierárquicos antinaturais, sustentados pela exploração e pela violência; desta forma, um governo legítimo poderia ser estabelecido apenas pela derrubada dos governos injustos – por uma *revolução* –, seguida por um período no qual a sociedade, sem governo, retornaria a seu estado natural e criaria novas formas de governo, fundamentadas nos princípios naturais elucidados através da razão.

Já Burke prioriza a *história* sobre a *natureza*, não por ignorar a força da natureza, mas por compreender que a única coisa permanente na natureza é a mudança, representada pelos ciclos de nascimento, crescimento e morte. O autor tece uma interpretação biológica das sociedades, entendidas como organismos em constante desenvolvimento e adaptação. Desta forma, a *natureza* pode ser encontrada na própria experiência social, e apenas nela, quaisquer outras elucubrações a respeito de um estado pré-social do homem teriam pouco ou nenhum fundamento, compondo apenas devaneios abstratos potencialmente nocivos. Nesta narrativa, os governos não precisariam ser fundamentados em princípios legítimos: o estudo da história facilmente demonstraria que praticamente todos os governos humanos foram fundados em meio a algum tipo de barbárie; a legitimidade dos governos seria adquirida através do tempo, conforme estes se transformem e se adaptem para suprir as necessidades da sociedade e, gradualmente

através de um processo civilizatório, a violência dê lugar à legalidade. Desta forma, uma *revolução*, ao destituir um governo, destruiria o próprio tecido social, levando a um potencial retorno à barbárie e desprezando séculos de experiência social acumulada. Em oposição à ideia de *revolução*, Burke propõe a de *evolução*, a de que as mudanças necessárias devem ser realizadas, mas tendo sempre em vista preservar a sociedade legada por nossos antepassados, e não visando destruí-la.

A segunda divergência se dá a respeito da ênfase aos conceitos de justiça e ordem. Paine acredita que a *justiça*, entendida como o respeito inegociável aos direitos naturais e imutáveis do homem, é a função primeira e essencial de um governo, de forma que uma revolução que vise à recuperação das liberdades naturais não é nada mais, nada menos, do que a aplicação da *justiça*. Já Burke, por acreditar que a mudança é a característica essencial da natureza, defende que a estabilidade e a continuidade – *ordem* – são as premissas essenciais para o bem-estar em uma sociedade, sem as quais não pode haver *justiça*; desta forma, o provimento da *justiça* é secundário ao provimento da *ordem* nas prioridades de um governo.

A terceira divergência se dá em torno da ênfase entre escolhas e obrigações dos indivíduos em relação à sociedade. De acordo com o pensamento de Paine, a igualdade natural de todos os seres humanos implica em igualdade política e, conseqüentemente, no direito a autodeterminação. Como a própria formação da sociedade foi uma escolha feita por indivíduos livres, os seus direitos naturais são os de agir conforme sua própria opção, livres de coerção, exceto nos casos em que suas escolhas interferem no direito de escolha dos outros – casos nos quais a sociedade, através do governo, deve atuar para fazer *justiça*, na forma de garantir o exercício destes direitos eventualmente impedidos por outrem. Nesta concepção, a política é essencialmente uma arena para o exercício da escolha, e a única *obrigação* política dos indivíduos é a de respeitar a liberdade e a escolha dos outros.

Burke, observando que a natureza humana só pode ser compreendida dentro da sociedade, portanto, dentro da complexa rede de relações nas quais cada indivíduo nasce e, sendo o nascimento o fato fundador da vida sobre o qual não temos nenhuma escolha, entende que, embora possamos mudar algumas de nossas circunstâncias conforme envelhecemos, somos primeiramente definidos por obrigações e relações que escapam a nossa escolha. Teríamos uma obrigação para com as gerações passadas e futuras, para aproveitar da melhor forma possível o legado que recebemos do passado e repassá-lo de forma responsável ao futuro. Esta concepção enfatiza nossas *obrigações*, entendidas como

fundamentais para o reforço dos laços que mantêm as sociedades unidas, o que para Burke tem um valor superior do que ele entende como tentativas egoístas de subverter este legado para satisfação de desejos hedonísticos. A liberdade de escolha, nesse contexto, ocorre *dentro* da sociedade e não de forma exclusiva a ela.

A quarta divergência se dá a respeito do papel da razão na política. Paine, iluminista por excelência, via a razão como uma força libertadora, que auxiliaria os homens a aprenderem seus direitos e estabelecerem governos adequados para a manutenção e promoção destes direitos. Sua posição epistemológica era racionalista, entendendo que um governo legítimo deveria ser baseado em princípios políticos racionais e não por tradições em última instância ilegítimas e ancoradas em princípios contrários aos direitos naturais do homem⁶⁴. Afirmava também, em oposição a Burke, que a prática de governar não era um dom exclusivo daqueles detentores de um conhecimento profundo da tradição, mas sim uma tarefa relativamente mecânica, a qual qualquer indivíduo inteligente poderia exercer desde que ancorado nos princípios corretos e racionais, ou seja, em princípios universais.

Burke parte de uma crítica aos limites da razão humana para propor o que chama de *prescription*⁶⁵. Descrente da retórica radical do iluminismo sobre a primazia da razão, defendia que: “*politics ought to be adjusted not to human reasonings but to human nature, of which the reason is but a part, and by no means the greatest part*” (apud LEVIN, 2014, s/p), defendendo a importância de outros aspectos humanos, como os sentimentos e afetividades que movem a ação política. A partir desta consideração, defendia a posição epistemológica de que princípios políticos efetivos não podem ser derivados de premissas abstratas, mas da experiência social, que o geral deve ser derivado do particular, e não o contrário. Sua posição epistemológica contrária à metafísica reflete, de

⁶⁴ Paine não ignorava completamente a importância da empiricidade, de analisar os méritos de determinada concepção política por seus resultados, mas como o modelo que defendia não existia concretamente em seu tempo, ele buscou na razão a prova de que seus princípios progressivos causariam uma transformação positiva na vida social (LEVIN, 2014).

⁶⁵ Possivelmente extraído de sua experiência enquanto estudante de direito, *Prescription* era, originalmente, um conceito jurídico sobre propriedade, na qual um título de posse poderia ser obtido em consequência da antiguidade ou inquestionabilidade da posse (MCDONALD, 2011), algo que se aproxima de nosso conceito jurídico de *usucapião*. *Prescription* pode ser traduzido literalmente como receita, tradução que não utilizo por acreditar que não mantém o significado proposto por Burke.

certo modo, a oposição entre o empirismo e o racionalismo, entendendo a política como uma ciência experimental, cujos fatos não são acessíveis a um indivíduo através de observação direta individual, e sim através da observação do conhecimento social historicamente acumulado: encontrado nas instituições, práticas, formas e preconceitos⁶⁶ de uma sociedade. *Prescription* então seria a *arte* do estadista de governar a partir de um profundo conhecimento das instituições e tradições de sua sociedade, baseando-se mais em precedentes históricos do que em princípios universais.

No que cabe ao papel da razão nas posições epistemológicas de Paine e Burke, pode-se dizer que o primeiro prioriza princípios universais, e o segundo, precedentes históricos, na prática política.

A quinta divergência diz respeito a suas posturas em relação à revolução e reforma. As razões desta divergência já foram exploradas anteriormente, em especial na relação entre *natureza* e *história*, e podem ser resumidas na necessidade vista por Paine de ruptura radical com o então sistema vigente nos países europeus, e na defesa por parte de Burke de reformas cuidadosas que visassem modificar apenas aqueles elementos já não funcionais do Estado, sempre com o objetivo de preservar seu todo. Para Paine as injustiças são frutos de sistemas políticos baseados em regras dissonantes dos princípios naturais e universais, de forma que só se pode alcançar o “bem” – resultante do respeito aos princípios naturais universais – a partir da erradicação do mal, da eliminação completa de regimes políticos dissonantes dos princípios naturais universais, em suma, para Paine a formação de uma sociedade justa depende de sua completa reformulação, através da ação revolucionária. Vale ressaltar que a insistência de Paine em rupturas revolucionárias era direcionada aos sistemas políticos então vigentes: à exceção dos EUA, não havia no período um único governo republicano nos moldes defendidos por Paine, e este governo havia se estabelecido a partir de uma revolução⁶⁷. Sua posição era a de que, uma vez

⁶⁶ Defende o *preconceito* como algo positivo quando for resultado de um hábito de opinião ou ação formado por longo uso social e comunicado pela tradição. Útil, pois sendo impossível a cada indivíduo reconsiderar cada questão a partir de seus princípios, permite a ele acessar o conhecimento social acumulado no decorrer do tempo ao lidar com situações específicas (LEVIN, 2014).

⁶⁷ Outra divergência da dupla era de que Burke não entendia a independência americana como uma revolução, mas sim como uma rebelião em defesa de seus direitos tradicionais que a coroa inglesa havia desrespeitado quando instituiu novos impostos sobre as colônias, conforme observado por Levin (2014), Burke

estabelecido um governo legítimo, as mudanças se dariam dentro das regras deste governo, sem maiores rupturas, desde que este governo não deixasse de seguir os princípios naturais e o direito de autodeterminação da população.

Já o reformismo de Burke era, nas palavras de Levin (2014), um reformismo contrarrevolucionário, visando a preservação do tecido social através de mudanças necessárias, e não sua desmantelamento. O respeito de Burke pela legitimidade historicamente adquirida dos diferentes regimes políticos – e de suas singularidades – junto a sua desconfiança de teorias políticas universalistas, o levam a rejeição completa de qualquer proposição revolucionária radical. Argumenta ele que, embora tenham havido revoluções na Inglaterra, estas ocorreram diante da falta de outros recursos de ação e jamais visaram fazer tábua rasa da sociedade como no caso francês. Burke identifica diversos problemas no modelo revolucionário francês, dentre eles talvez o mais significativo seja de que ao destruir o antigo regime – e toda a complexa teia de obrigações morais e legitimidade simbólica que o suportavam – e substituí-lo por teorias políticas abstratas iluministas cria-se uma situação de barbarismo a qual, inevitavelmente, leva a uma redução dos próprios direitos individuais e sociais a níveis inferiores àqueles previamente existentes no regime derrubado: um governo amparado em teorias filosóficas abstratas tem menos freios e receios para agir de forma autoritária contra indivíduos ou grupos de indivíduos, não estando presos a quaisquer tradições que limitassem o poder do governo e podendo legitimar suas ações em nome do bem maior a ser eventualmente gerado pela aplicação de seus princípios abstratos. Adicionalmente, um governo desamparado de qualquer legitimidade histórica terá mais dificuldades quando – inevitavelmente – for necessário regulamentar e limitar a liberdade de seus cidadãos, e desamparado de legitimidade histórica terá como único recurso a violência, o poder militar, transformando-se eventualmente em uma tirania. Devido a estas observações Levin (2014) aponta que Burke foi capaz de prever a ascensão de Napoleão e o fim da república. É a partir deste raciocínio que, para Burke, as reformas graduais são sempre preferíveis as rupturas revolucionárias.

jamaiz se referiu, em seus escritos públicos ou privados, a independência americana enquanto uma revolução, tratando-a como *crise*, *guerra* ou até *guerra civil*. Curiosamente, ao defender o ponto de vista de Burke a partir do século XXI, Coutinho (2014) realiza uma interpretação da independência dos EUA como tendo sido uma *revolução conservadora*.

A sétima e última grande divergência, que de certa forma aglutina todas as outras, diz respeito a como devem se dar as relações intergeracionais dentro de uma sociedade. Para analisar este ponto, Levin (2014) desenvolve as seguintes questões:

a) Se a geração de nossos pais fez algo de determinada forma, devemos fazer como eles, ou podemos colocar de lado suas práticas e trilhar nosso próprio caminho?

b) Temos para nossos filhos a obrigação de preservar as instituições políticas e sociais que herdamos para que nossos descendentes vivam como vivemos, ou devemos a eles a liberdade de achar seu próprio caminho?

c) É possível compreender nossa vida cívica em termos de consentimento e liberdade de escolha mesmo se herdamos ao nascer uma ordem política sobre a qual não tivemos uma escolha real?

d) A sociedade que herdamos e nossa posição nela têm autoridade legítima sobre como devemos viver nossas vidas?

A posição de Paine remete ao que Levin (2014) chama de *o eterno agora*, entendendo que os direitos de um indivíduo e sua posição na sociedade não devem ser determinados por aquilo que precedeu seu nascimento. Nesta concepção, as ações, decisões, regras e conquistas políticas da geração passada não exercem autoridade sobre o presente, nem o definem, pois cada geração tem os mesmos direitos que as gerações que o precederam, e esses direitos são naturais, logo imutáveis. Em consonância com sua posição a respeito do direito natural de escolha, e de que a única obrigação intergeracional é a de possibilitar esse direito de escolha, a posição de Paine é a de que as instituições políticas devem ser estabelecidas de forma a permitir sua modificação, caso não haja no futuro o mesmo consenso a respeito delas que houve no passado. Para tal ele propõe o estabelecimento de limites temporais para a legislação, de forma que os futuros legisladores não fiquem presos pelas regras do passado. Tal visão entende que a política existe para o presente, livre de imposições do passado e proibida de criar imposições para o futuro.

A proposição de Burke é definida como *a eterna ordem* (LEVIN, 2014). Partindo de seu entendimento de que a política não lida com liberdades naturais abstratas, mas com heranças concretas, Burke acredita que o que devemos às gerações futuras acima de tudo é não a liberdade de escolha, mas o legado de sabedoria e trabalho acumulados do passado. Cada geração deve ter consciência de sua transitoriedade e cuidar bem das instituições que recebeu, que não são suas e nem apenas de seu tempo. Esta visão entende que a política existe entre o passado e

o futuro, com cada geração representando um elo em uma longa corrente.

Em comparação à definição de Bobbio, Levin fornece uma análise focada em duas tradições políticas específicas, buscando através delas uma representação da díade que se estenderia do final do século XVIII até nossa era. Ele caracteriza os dois espectros não a partir do ideal de igualdade, mas a partir da dicotomia entre *progressistas* e *conservadores*. Se ele faz uma análise mais detalhada que a de Bobbio, ela também tem menor escopo, e menor representatividade fora do universo político anglo-saxão e, mais especificamente, dos EUA. Por exemplo, ambos eram entusiastas do livre-mercado, mas por motivos diferentes: Paine apreciava o seu potencial para dissolver as tradições e incentivar a incorporação na população do pensamento racional, e Burke acreditava que o conhecimento humano era por demais limitado para que algo tão complexo quanto o mercado fosse controlado pela política. De certa forma, Paine é representativo de uma concepção liberal-social – encarnada nos EUA pelo Partido Democrata – e Burke, de um conservadorismo-liberal, representado pelo Partido Republicano. Pode ser possível, a partir da extrapolação das ideias de Paine, encontrar embriões do socialismo e do estado de bem-estar social, e é esta a tese que Levin (2014) defende. Acredito que o modelo de Levin consegue descrever, de forma adequada, um tipo de direita e um tipo de esquerda, mas é em última instância insuficiente para explicar todas as possibilidades de ambos os espectros.

3.4 Modelos alternativos de formulação: as alternativas liberais

De forma geral, as correntes político-filosóficas em ambos os espectros não têm problemas em se posicionar à direita e à esquerda; as polêmicas costumam girar em torno do argumento de que uma ou outra corrente corriqueiramente posicionada em seu mesmo campo não seja verdadeiramente pertencente a ele, ou até pertença ao campo oposto. Exemplos comuns podem ser encontrados na recusa de socialistas a aceitarem social-democratas e grupos de centro-esquerda como pertencentes à esquerda, ou o argumento trotskysta de que a União Soviética sob a orientação de Stalin se transformou em um capitalismo de Estado, não estando mais à esquerda etc. Da mesma forma, existem diversas tentativas por grupos de direita de qualificarem ideologias *non gratae*, como o fascismo e o nazismo, tradicionalmente posicionadas à direita do espectro, como sendo na verdade ideologias de esquerda.

Num grupo existe uma tendência a certo desconforto em relação a sua própria classificação dentro da tríade: os liberais, em especial aqueles ligados à teoria marginalista e à economia austríaca em suas manifestações mais radicais, usualmente rotulados pela esquerda como neoliberais, ou, dentro de seu próprio campo, como liberistas (MERQUIOR, 1991) ou paleoliberais (MERQUIOR, 1981), mas que se autoidentificam como os legítimos herdeiros daquele liberalismo econômico dominante do período do iluminismo inglês até o entre-guerras do século XX; momento no qual o liberalismo *laissez-faire* foi majoritariamente preterido em favor do modelo keynesiano⁶⁸. Estes liberais sentiam então certo desconforto em se posicionar dicotomicamente em um cenário político dominado por, à direita, grupos conservadores e tradicionalistas mais ou menos autoritários e, à esquerda, socialistas também mais ou menos autoritários e liberais-sociais de matriz keynesiana – todos tendo em comum a rejeição total ou parcial às doutrinas clássicas de livre-mercado.

Tal desconforto fica evidente na dissertação de Fábio Ostermann (2014a), na qual foram entrevistados diversos atores proeminentes no cenário liberal brasileiro, de formadores de opinião a diretores de *think tanks*. Nas entrevistas pode-se perceber o receio dos atores em se posicionar enquanto esquerda ou direita, argumentando ou pontos em comum com ambos os lados do espectro, rejeitando a tríade como um todo, ou argumentando em favor de uma tríade que lhes permitisse assumir uma terceira posição.

Em resposta a este desconforto histórico foram elaboradas proposições alternativas à tríade tradicional por parte de atores da intelectualidade liberal, algumas das quais serão apresentadas aqui e contrapostas às formulações de Bobbio (1994) e Levin (2014).

A mais antiga dessas proposições, de acordo com meu conhecimento, é o Triângulo de Hayek, formulado pela primeira vez em 1935. Hayek tinha disposições pessoais e políticas muito próximas daquelas dos conservadores, mas, preocupado com a crescente adesão dos grupos conservadores a práticas econômicas incompatíveis com o *laissez-faire*, buscou distanciar-se destes, propondo que, em vez de se traçar uma linha única na qual se posicionassem conservadores, socialistas e liberais, as diferenças entre as três correntes seriam mais bem representadas graficamente por um triângulo, com os socialistas

⁶⁸ Encerrando a longa aliança, descrita por Merquior (1991), formada em meados do século XIX, entre os conservadores e aqueles liberais temerosos das consequências da ampliação da democracia.

ocupando a ponta esquerda, conservadores, a ponta esquerda e liberais, a ponta superior (OSTERMANN, 2014a). O resultado é uma tríade ideológica em oposição à díade, na qual os liberais se diferenciariam dos outros dois campos por sua defesa do livre-mercado e do Estado mínimo, os quais se sobreporiam a disputas travadas entre conservadores e socialistas, uma vez que, aplicados os princípios econômicos e políticos do liberalismo clássico, ou seja, livre-mercado, igualdade perante a lei e instituições políticas mínimas para garantir os dois primeiros, todas as outras disputas se dariam não dentro do Estado, mas na esfera privada. Em termos de Bobbio, o triângulo de Hayek propõe a inserção de um terceiro exclusivo, que se posiciona acima da díade tradicional.

A extrapolação desta ideia leva à formação de uma nova díade, adotada de forma um tanto quanto vulgar por liberais de diversos matizes nos discursos políticos da web 2.0: a díade *coletivistas e individualistas*, na qual ou se é a favor da intervenção coletiva nos direitos individuais – seja para defender bandeiras conservadoras ou socialistas –, ou se é contra essas mesmas intervenções, caracterizando a defesa de uma sociedade radicalmente liberal. Esta díade simplista resume todo o universo político a apenas uma dimensão, relegando todo o resto à esfera privada e, para os objetivos deste projeto, tem relevância apenas enquanto objeto de pesquisa.

Outra formulação alternativa de origem liberal é o Diagrama de Nolan, que consiste em um breve questionário que visa categorizar as diferentes posições e posturas políticas em torno da função do Estado, e da medida do controle governamental sobre a vida humana. Para tal, Nolan dividiu as modalidades de regulamentação governamental da vida humana em duas áreas, relativamente independentes entre si:

a) Área econômica: toda atividade e relação comercial entre produtor e consumidor, abrangendo desde a liberdade de investimentos até a forma como cada pessoa pode gastar seu dinheiro.

b) Área pessoal: questões sobre relações interpessoais ou de foro íntimo, abrangendo desde expressão de opinião ou crença religiosa até o que cada pessoa pode fazer com seu corpo.

A quantidade de regulamentação defendida em cada área conduz o deslocamento através do diagrama – em formato de cruz – do nível de liberdade absoluta à restrição total. A partir da localização no gráfico, há a classificação de quatro grandes grupos, que podem possuir subdivisões, essencialmente inter-relacionais. Na medida em que o Diagrama se tornou conhecido, começaram a surgir variações de nomenclatura para cada grupo. Esta é a nomenclatura original proposta

por Nolan:

a) Direita: favorável a alto nível de liberdade econômica, mas não de liberdades individuais;

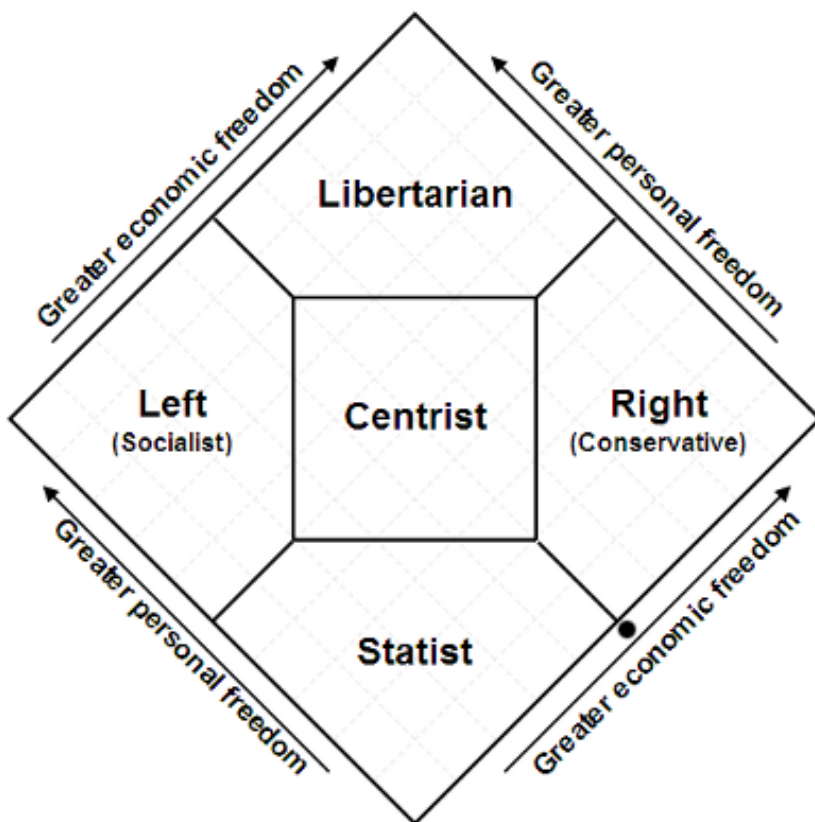
b) Esquerda: favorável a restrições na economia, mas defensor de liberdades pessoais;

c) Libertarianismo: favorável à liberdade tanto na economia quanto na vida pessoal; e

d) Estatismo: favorável à intervenção governamental tanto na economia quanto na vida pessoal.

Ainda há os moderados ou centristas, caracterizados pelo equilíbrio entre intervenção e não-intervenção. A versão gráfica do diagrama é a da Figura 2.

Figura 2 – O Diagrama de Nolan



O Diagrama de Nolan, apesar de fornecer uma metodologia interessante para a localização de posturas no espectro político, não reflete sobre o significado das diferentes tradições político-filosóficas da modernidade, resumindo-se a reproduzir, de forma um pouco mais sofisticada, a díade *coletivistas* e *individualistas*, apenas dividindo-a em duas categorias: uma econômica e outra social.

3.5 Considerações a respeito das formulações analisadas anteriormente

Apresentei três modelos básicos de formulação da díade: uma elaborada por um autor identificado com a esquerda, Bobbio (1994), que elabora a distinção a partir das diferentes ênfases ao ideal da igualdade; uma vinda de um autor conservador, Levin (2014), que utiliza a dicotomia *progressistas* e *conservadores*; e dois modelos de matiz liberal centradas na dicotomia *coletivistas* e *individualistas*.

As diferenças entre as três concepções me levam à constatação – um tanto instintiva e talvez equivocada – de que cada uma delas reflete de alguma forma as posições político-filosóficas de seus formuladores e “pinta” sua própria posição com cores um pouco mais vivas – a despeito da objetividade pretendida e sofisticação alcançada. Também as vejo como complementares, pois, embora possam cometer alguma injustiça em um ou outro ponto, também realizam descrições válidas em diversos aspectos.

O critério da igualdade de Bobbio (1994) é, a meu ver, o mais acertado, no sentido de que comete menos injustiças, sendo historicamente o princípio da igualdade mais exacerbado entre o que compreendemos como o extremo da esquerda – os socialistas – e menos exacerbado conforme se move à direita e aumentam o número de desigualdades toleradas ou até consideradas desejáveis, chegando-se, no extremo da direita, a formulações sociais altamente hierarquizadas, encarnadas em ideologias como *fascismo*, *nazismo* e *corporativismo*. Porém, ele é também excessivamente relacional, não traçando nenhuma linha efetiva que demarque o ponto de passagem entre esquerda e direita, de forma que a localização de uma corrente política só pode se dar em relação a outra e as posições próximas ao centro – como liberalismo e social-democracia – têm de ser definidas não a partir de critérios objetivos, mas com recurso à forma como historicamente elas

foram rotuladas, o que tende a mudar de acordo com o espaço, o tempo e a posição do observador.

Assim como a formulação de Bobbio (1994), a de Levin (2014) também é afetada por seu posicionamento ideológico, e ao ler seu texto é difícil não pensar em Paine como um sonhador bem-intencionado, adepto de um racionalismo fanático e pouco adequado a lidar com a política concreta; enquanto que Burke parece englobar um pragmatismo responsável, mais adequado à atividade política. Esta descrição me parece adequada para o caso específico elucidado por Levin, mas ignora que a direita também tem suas ilusões racionalistas e a esquerda, seus momentos de sobriedade pragmática. Também se torna difícil explicar certas inversões históricas, embora Levin tente em alguns momentos, como ao analisar a postura conservadora atual de modificação radical de instituições históricas de bem-estar social nos EUA, e a postura progressista de conservação e reforma gradual delas... Adicionalmente é curioso ver que o argumento da tradição em oposição a um racionalismo científico dogmático é atualmente mobilizado em diversos momentos pela esquerda na defesa de estilos de vida tradicionais e alternativos, enquanto que a direita conservadora, influenciada por teses de darwinismo social, traz para si o manto da razão científica. Para os objetivos deste trabalho, a obra de Levin serve não tanto como critério de distinção da *díade*, mas para esclarecer as origens filosóficas de certos posicionamentos que podem ser facilmente encontrados em meio aos discursos da “nova direita”: a linha divisória entre liberais e conservadores, possível de ser demarcada nas diferenças epistemológicas entre o racionalismo progressista e otimista de Paine, e o pragmatismo tradicionalista e cauteloso de Burke.

Dentre as proposições liberais, o Triângulo de Hayek é uma elaboração pouco trabalhada, que apenas diferencia, através de um único critério, a posição liberal das outras duas, sem realizar grandes reflexões a respeito do tema. O Diagrama de Nolan realiza mais diferenciações, mas falha em centralizar toda a discussão política apenas em torno da intervenção ou não intervenção do Estado, negligenciando questões muito importantes: qual intervenção e para quê? Já a proposição liberal vulgar, que remete de forma simplista à dicotomia central esboçada no diagrama de Nolan, *coletivismo* e *individualismo*, trabalha com a mais simples lógica política: a do *amigo/inimigo*, sem fazer qualquer distinção interna entre os dois grupos. O ponto positivo destas é o de diferenciar a posição liberal, sobre a qual realmente existe certa confusão e, como veremos mais adiante, também contém dentro de si divisões que, sob outros critérios, podem colocar suas diversas correntes

em pontos diferentes em outras escalas ideológicas.

As diferentes limitações das formulações analisadas refletem a dificuldade geral de se enquadrar uma enorme diversidade de posturas e programas em apenas duas categorias, assim como uma tendência em realizar estas formulações a partir das questões que são particularmente relevantes do ponto de vista político do formulador, mas não necessariamente sob outros pontos de vista.

Reconhecendo suas limitações, ainda acredito que, dentre os modelos propostos, o de Bobbio (1994) é o mais flexível e compreensivo, mas nada impede que a questão a respeito do *pedigree* da “nova direita” seja realizada por pontos de vistas diversos. De qualquer forma, a análise da diversidade do campo da “nova direita” requer diferenciações mais sofisticadas, em torno não tanto dos conceitos de esquerda e direita, mas sim de diferentes tradições político-filosóficas.

3.6 A tipologia das ideologias da modernidade de Dino Cofrancesco

Primeiramente gostaria de me desculpar ao leitor pela informação possivelmente enganosa dada pelo título desta seção do trabalho: eu não li nem sequer um parágrafo de qualquer obra de Dino Cofrancesco, as quais, até onde sei, nem foram traduzidas ao português; todas as informações dadas aqui em nome de Dino Cofrancesco são, na verdade, suas ideias resumidas em seis páginas por Norberto Bobbio (1994, p. 95-101). Essas ideias, tais quais apresentadas nestas míseras páginas, me chamaram a atenção por firmar uma tipologia básica das tradições político-filosóficas da modernidade, as quais podem ser tanto inseridas em uma díade valorativa – *emancipação/tradição* – quanto em uma díade cognitiva: *realista/espiritualista*, também chamada de *clássica/romântica*.

Cofrancesco analisa as ideologias nascidas da modernidade a partir de suas posturas de fundo, intenções, mentalidades, ideias, proposições, em suma, sua “alma”; e não suas totalidades históricas concretas⁶⁹. De acordo com seus critérios, a organização em uma díade valorativa – *emancipação/tradição* – formaria o arranjo que pode ser observado no Quadro 1.

⁶⁹ Ou seja, se fossemos analisar a ideologia do socialismo, o faríamos por seus princípios políticos e filosóficos, por suas formulações, e não pela forma como ele foi apropriado na União Soviética ou na Coreia do Norte, por exemplo.

Quadro 1 – Filosofias políticas da modernidade e sua distribuição de acordo com a díade Emancipação/Tradição

ESQUERDA	DIREITA
Anarco-Libertarismo	Tradicionalismo
Socialismo Científico	Fascismo
	Conservadorismo
Liberalismo ⁷⁰	

Fonte: elaborado pelo autor

A divisão por um critério cognitivo – *realista/espiritualista* ou *clássica/romântica* – forma um arranjo não correspondente com aquele formado através do critério valorativo (Quadro 2).

Quadro 2 - Filosofias políticas da modernidade e sua distribuição de acordo com uma díade cognitiva

CLÁSSICAS/REALISTAS	ROMÂNTICAS/ESPIRITUALISTAS
Conservadorismo	Anarco-Libertarismo
Liberalismo	Fascismo
Socialismo Científico	Tradicionalismo

Fonte: elaborado pelo autor

Infelizmente, Bobbio não fornece maiores detalhes sobre quais critérios Cofrancesco utilizou em sua formulação da tipologia das ideologias, limitando seu uso neste trabalho. O que me interessa aqui é a demonstração de que diferentes critérios utilizados para a classificação das mesmas ideologias produzem arranjos diferentes e, embora esta constatação pareça ser um tanto óbvia, ela demonstra como a díade esquerda e direita não forma blocos monolíticos, sendo possível encontrar elementos que não só diferenciam ideologias dentro de um mesmo bloco, mas as aproximam de ideologias em outro bloco. Adicionalmente, sua tipologia, mesmo na ausência dos critérios em relação aos quais foi realizada, fornece um marco inicial que me permite identificar – de forma instintiva – que o quadro discursivo da “nova direita” brasileira expressa ideias com cores conservadoras, liberais, anarco-libertárias e tradicionais, com eventuais pinceladas de fascismo.

⁷⁰ Vária de acordo com o contexto no qual se insere, sendo por vezes emancipador, por vezes tradicionalista.

3.7 Os múltiplos liberalismos

A análise do campo liberal e de suas variáveis anarco-libertárias representa um desafio, em virtude do grande número e da diversidade de suas correntes. Adicionalmente, ela também é fundamental devido ao fato de que uma das principais características da *nova direita* é a adesão, por parte de conservadores e tradicionalistas, a alguns elementos do liberalismo, especialmente aqueles de caráter econômico.

Esta seção visa elucidar um pouco estas diferenças, tendo como principal subsídio a obra de Merquior (1991), o qual descreve com grande riqueza o liberalismo europeu desde suas origens *protoliberais* em Locke e Montesquieu, e suas teorias de direitos naturais e governo limitado; a conceituação de liberdade moderna que legitima as democracias representativas de Benjamin Constant; a ênfase na liberdade econômica de Smith e Ricardo; as preocupações libertárias e a formação de uma ética liberal de Humboldt a Mill. Os princípios básicos do liberalismo clássico poderiam, a partir de suas raízes protoliberais, serem resumidos em: a) direitos individuais inalienáveis extraídos a partir de uma concepção jusnaturalista; b) governo limitado, divisão de poderes, em suma, a democracia representativa liberal; c) livre-mercado; d) uma ética humanista. Conforme veremos, os diversos liberalismos que sucedem ao clássico nem sempre partilham de todos estes quatro princípios.

O liberalismo, a partir do século XIX, se divide em inúmeras correntes, muitas delas concorrentes entre si. Aqui descrevo aquelas correntes ainda passíveis de serem identificadas no debate contemporâneo, conforme apresentadas por Merquior (1991), junto com algumas observações e análises minhas, as quais posteriormente e em conjunto com as classificações de Cofrancesco (*apud* BOBBIO, 1994) nos auxiliarão a decifrar a salada de frutas da “nova” direita brasileira.

Primeiramente temos os conservadores liberais e os liberais-sociais, cujas diferenças reproduzem, em diversos aspectos, as divergências expostas por Levin (2014) entre Burke e Paine, e entre seus descendentes políticos.

O **conservadorismo liberal** é “um produto muito inglês [...] diverso do conservadorismo compacto, reacionário do continente” (MERQUIOR, 1991, p.110), diferenciado por motivos históricos: seu caráter antiabsolutista, um legado da revolução gloriosa e da restauração da monarquia em uma forma constitucional. Merquior extrai de Anthony Quinton três doutrinas essenciais a essa modalidade de

conservadorismo: *tradicionalismo*, a crença de que a sabedoria política é de natureza histórica e coletiva, materializada nas instituições que sobreviveram ao teste do tempo; *organicismo*, a ideia de que a sociedade é mais que a soma de suas partes, e definitivamente superior ao indivíduo; e *ceticismo político*, uma desconfiança da aplicação com propósitos inovadores do pensamento e da teoria à vida pública. Estas doutrinas têm clara origem burkeana, conforme as leituras de Levin (2014) e Coutinho (2014). Diferenciam-se de tradicionalistas e conservadores antiliberais pela crença de que a economia de mercado e a democracia liberal são, de forma geral, as alternativas mais adequadas às sociedades modernas. A influência dessa corrente é particularmente eminente no mundo anglo-saxão, com penetração significativa no conservadorismo brasileiro, visivelmente presente em discursos de atores da direita como Olavo de Carvalho e João Pereira Coutinho, distanciando-se do conservadorismo católico antiliberal previamente formulado por autores como Alceu Amoroso Lima.

Os **liberais-sociais** se caracterizam por sua rejeição da ortodoxia do liberalismo clássico, rejeitando a ênfase exclusiva na liberdade negativa e no Estado mínimo. Reconhecem a legitimidade, e a necessidade, de justiça social. Diferenciam-se dos socialistas por não terem abandonado posições liberais históricas, como a busca da eficiência econômica através de uma economia capitalista baseada em propriedade privada, liberdade individual e apreço pelas instituições da democracia liberal de forma geral. Keynes e Bobbio são considerados liberais-sociais na definição de Merquior (1991).

Já o **neoliberalismo**, que Merquior chama de neoliberalismo (1991) ou paleoliberalismo (1981), surge a partir de duas vertentes: a da Escola Austríaca de Economia, cujo maior expoente é Ludwig Von Mises, que teve entre seus discípulos Hayek e Rothbard; e a Escola de Chicago, cujo maior expoente foi Milton Friedman⁷¹. Atuando a partir dos EUA, propuseram um retorno histórico a posições de *laissez-faire* do liberalismo clássico, durante um momento histórico no qual reinava

⁷¹ Além de divergências epistemológicas, e de disputas a respeito das causas da Grande Depressão (SALERNO, 2009), há uma divergência significativa entre a Escola Austríaca e a de Chicago a respeito de suas diferentes interpretações a respeito da legitimidade do direito de propriedade. Para os Austríacos se trata de um direito natural objetivo e inalienável dos indivíduos, ou seja, é justificado por uma via jusnaturalista; já para a Escola de Chicago o direito de propriedade é legitimado por uma razão utilitária: sua maior eficiência em comparação com outras modalidades de propriedade (MURPHY, 2011).

incontestemente o paradigma Keynesiano. Em 1974 Hayek recebe o Nobel de Economia, e em 1976 Friedman também é agraciado com a honra, ao fim da década de 1970 as formulações do neoliberalismo passam a ser aplicadas nos EUA e na Inglaterra, eventualmente quebrando o reinado Keynesiano no decorrer das décadas de 1980 e 1990.

Dos grandes expoentes desta corrente, apenas Hayek é analisado por Merquior (1991), que o criticava por ter deixado em segundo plano as preocupações humanísticas históricas do liberalismo. A respeito de Friedman e Rothbard, realizei considerações a partir de diversos artigos publicados pelo Mises Institute (MURPHY, 2011; ROTHBARD, 1972, 2002; SALERNO, 2009), pela Foundation for Economic Education/FEE (EBELING, 2006), e pelo Instituto Mises Brasil (HOPPE, 2014) além de artigos do *The American Conservative* (FRANCIS, 2002), do *left-lib Center for a Stateless Society* (CARSON, 2012) e do *LewRockwell* (STROMBERG, 2000), além de recorrer brevemente a obra de Mises (1981), ao *The Handbook of Neoliberalism* (SPRINGER et al, 2016) e a *The encyclopedia of libertarianism* (HAMOWT et al, 2008).

A principal tese que os une é a da **Indivisibilidade da Liberdade**, a qual prega que, sem a existência de liberdade econômica, ocorrerá inevitavelmente a perda também das liberdades civis e políticas. Nas palavras de Friedman (*apud* EBELING⁷², 2006):

Economic freedom is an essential requisite for political freedom. By enabling people to cooperate with one another without coercion or central direction, it reduces the area over which political power is exercised. In addition, by dispersing power, the free market provides an offset to whatever concentration of political power may arise. The combination of economic and political power in the same hands is a sure recipe for tyranny.

Dentre os três, **Friedman** é o menos radical, realizando diversas concessões à intervenção estatal na macroeconomia (ROTHBARD, 2002), advogando o imposto de renda como modalidade de taxação menos nociva à economia, e defendendo formas limitadas de assistência social – como o imposto de renda negativo –, entendendo que, sendo

⁷² Richard M. Ebeling é professor de Ética e Empreendedorismo, presidiu a Foundation for Economic Education/FEE – *think tank* liberal estadunidense – de 2003 a 2008.

necessária alguma assistência social aos menos favorecidos, a forma menos burocrática e mais eficiente – em termos de mercado – seria a de simplesmente distribuir dinheiro, em vez de proporcionar serviços públicos gratuitos e auxílios específicos para alimentação, moradia, saúde, educação etc (FRANK, 2006). Politicamente Friedman prioriza a liberdade individual, mas não necessariamente uma forma de governo democrático, concedendo, ao máximo, que uma democracia constitucional pode ter um papel utilitário na salvaguarda da liberdade individual⁷³ (SPRINGER *et al*, 2016). Pode-se dizer que Friedman representa o **neoliberalismo modal**, mais moderado, a tal ponto que Rothbard (2002) dedicou um artigo inteiro a lhe desqualificar enquanto representante do liberalismo, considerando-o um estatista. Anedoticamente também se conta que em uma ocasião ele teria sido chamado por Ludwig Von Mises de comunista (ROCKWELL, 1998).

É interessante notar que dentre os descendentes de Milton Friedman figuram dois proeminentes nomes ligados ao libertarianismo radical, seu filho David D. Friedman – também economista –, declarado anarquista libertariano; e seu neto Patri Friedman, ativista político, engenheiro de software e jogador de poker, fundador membro do conselho diretor do *Seasteading Institute*: dedicado a desenvolver tecnologias que permitam o estabelecimento de comunidades independentes em águas internacionais, visto por alguns como a melhor chance de estabelecer os ideais políticos libertarianos em um território autônomo (ROBINSON, 2014).

Hayek advogava uma espécie de *liberismo neo-evolucionista*. Partindo do paradigma de que a fragmentação do conhecimento e sua dispersão em uma multidão de consumidores e produtores individuais é o principal empecilho à cooperação social e econômica, compreende que o sistema de preços de mercado é o melhor meio de canalizar e comunicar este conhecimento disperso até os atores relevantes do processo produtivo (SALERNO, 1992). Nesta concepção os mercados – quando livres – são sistemas de informações eficientes, emitindo sinais aos quais os indivíduos se adaptam de acordo com suas capacidades, gerando ordens criativas espontâneas as quais, de forma não intencional,

⁷³ Curiosamente Ludwig Von Mises era um democrata mais entusiasta que Friedman, Hayek e Rothbard – sendo Rothbard o que mais desprezava a ideia de democracia dentre eles – argumentando o caráter revolucionário da democracia ao permitir que mudanças políticas ocorressem sem violência, sendo, desta forma, a modalidade de governo mais adequada aos princípios do liberalismo (MISES, 1981).

contribuem mais para o progresso da civilização do que quaisquer desígnios racionalistas construtivistas (MERQUIOR, 1991). A defesa da liberdade para Hayek é uma questão mais utilitária que uma convicção moral ou pressuposto ético. A respeito da função do Estado, advogava que este deveria ser reduzido: a) provendo uma estrutura para o mercado e b) provendo serviços que o mercado não pode fornecer, o que, apesar de ser uma concepção minimalista do Estado, ainda é maior que a do Estado “vigia noturno” do liberalismo clássico. A posição de Hayek se aproxima daquilo que Merquior (1991) caracteriza como liberalismo conservador, o qual acredita que hierarquias naturais se formam espontaneamente sem a intervenção estatal e que estas hierarquias, por serem naturais, seriam legítimas.

Já **Rothbard** é expoente de um liberalismo radicalmente antiestatista – poder-se ia dizer estatofóbico –, defendendo uma forma anárquica de liberalismo, a qual cunhou de *anarco-capitalismo*:

[...] we are anarcho-capitalists. In other words, we believe that capitalism is the fullest expression. Of anarchism, and anarchism is the fullest expression of capitalism. Not only are they compatible, but you can't really have one without the other. True anarchism will be capitalism, and true capitalism will be anarchism. (ROTHBARD, 1972)

Influenciou posturas diversas, as quais costumam ser agregadas pelo rótulo de *libertarianismo*. Curiosamente sua influência se estende de grupos associados a esquerda do libertarianismo, *left-lib*s, assim como a grupos associados a direita do mesmo, *right-lib*s, cujos programas e estatofobia são similares, mas cujas motivações e visões do que seria uma futura sociedade libertariana divergem consideravelmente. Durante as décadas de 1960 e até meados da de 1970 se associou ao nascente movimento libertariano estadunidense, na época envolto na cena contracultural e com os movimentos contrários a guerra do Vietnam e, influenciando autores *left-lib*s como Sam Konkin (CARSON, 2012).

Mas na transição da década de 1970 para a de 1980 assumiu posturas moral e socialmente mais conservadoras, associando-se com Lew Rockwell – com o qual fundou o *Ludwig Von Mises Institute* –

associando-se a tradição ideológica do *paleoconservadorismo*⁷⁴. Nesta fase final de sua atuação política e intelectual – faleceu em 1995 – influenciou intelectuais de postura *liberal conservadora* como Llewellyn H. Rockwell Jr. – atual presidente do *Ludwig Von Mises Institute* – e Hans-Hermann Hoppe. De acordo com Stromberg (2000), não houve uma conversão de Rothbard ao conservadorismo, tendo sido esta, desde sempre, sua postura moral, atribuindo sua prévia associação a grupos contraculturais ao fato de que, durante a maior parte do período da guerra fria, o conservadorismo estadunidense era majoritariamente partidário das fórmulas econômicas keynesianas e de políticas externas intervencionistas, nesta interpretação Rothbard se dirigiu a um público mais conservador com o surgimento do *paleoconservadorismo*, mais próximo de suas concepções anarco-capitalistas. De acordo com Hoppe (2014), Rothbard teria desprezo pela geração da contracultura estadunidense, a qual seria fruto maligno do estado de bem-estar social que haveria quebrado as cadeias de autoridade tradicionais da sociedade, fundamentadas na família, facilitando tanto a independência dos jovens de seus pais, quanto dos idosos de seus filhos, possibilitando a proliferação de estilos de vida alternativos “decadentes”.

Independentemente de suas posturas pessoais, Rothbard – conforme dito anteriormente – é uma influência central nas diversas correntes do libertarianismo. De Hans-Hermann Hoppe, conservador moral e crítico da democracia, defensor de uma ordem natural espontânea que só poderia surgir através da privatização de todas as esferas da vida social, incluindo segurança e justiça; à intelectuais ligados a ideais contraculturais e humanísticos como Nozick e Tucker. Enquanto Hoppe e Rockwell defendem o liberalismo radical de uma perspectiva conservadora, Nozick e Nolan defendem o mesmo programa de uma perspectiva emancipatória, visando à possibilidade de que as pessoas tenham estilos de vida alternativos, e de que a expansão radical da liberdade libere os seres humanos das cadeias opressoras da sociedade e permita a cada qual viver a vida como melhor lhe aprouver, sem sofrer coerções seja de seus pares, seja do Estado.

Estas duas principais vertentes do libertarianismo, além da estatofobia, partilham um axioma fundamental: o **Princípio de Não-**

⁷⁴ O *paleoconservadorismo* se origina, de acordo com Francis (2002), nos meados de 1980, defendendo o retorno a uma posição isolacionista em termos de política mundial, e a padrões de *small government*, tradicionalismo e padrões morais e culturais “ocidentais”, em suma um retorno ao que creditam ter sido a intenção dos pais fundadores dos EUA.

Agressão, o qual, segundo a *Enciclopédia do Libertarianismo* (HAMOWT et al, 2008), é o princípio ético que forma a base para a teoria de direitos libertária, tendo diversas formulações, das quais as duas principais são as elaboradas autonomamente no mesmo período histórico por Rothbard e Ayn Rand (embora Rand não tenha batizado sua formulação, o que foi feito por Rothbard). O princípio pode ser resumido da seguinte forma: *Nenhum homem pode iniciar o uso de força física contra outros, tendo este direito apenas em retaliação e contra aqueles que iniciaram seu uso*. Proíbe-se, desta forma, qualquer interferência violenta sobre um indivíduo ou sua propriedade. Por conta deste princípio, ambos os grupos são contra toda forma de violência organizada, ao mesmo tempo em que são fervorosos defensores do porte de armas e da autodefesa que inclui não só a defesa do indivíduo, mas também de sua propriedade.

O que se agrupo sobre o rótulo de *libertarianismo* é certamente muito mais diverso do que esta breve apresentação que fiz aqui:

É preciso lembrar que libertarianismo corresponde a diversas posições político-filosóficas. São libertários: o liberalismo neoclássico de Friedrich Hayek e Milton Friedman, o anarcocapitalismo de Murray Rothbard e David Friedman, o objetivismo de Ayn Rand, o geolibertarianismo (georgismo) de Fred Foldvary, o libertarianismo de esquerda de Hillel Steiner e Peter Vallentyne, o agorismo de Samuel Konkin III, o minarquismo de Robert Nozick, o neo-mutualismo de Kevin Carson, além de diversas outras posições à esquerda de anarquistas e libertários clássicos e contemporâneos e à direita como a ética argumentativa de Hans-Hermann Hoppe.

Com isto, reduzir o libertarianismo às proposições rothbardianas da ética da liberdade é ignorar um arcabouço teórico imenso para pensar a política, a ética, a sociedade, a economia, a estética e a metafísica. (CELETI, 2014).

Neste trabalho me limitei a analisar o libertarianismo de matriz rothbardiana – uma análise maior fôlego do libertarianismo vai além do escopo deste trabalho –, o qual julgo mais relevante no universo de

minha cartografia: é a linha predominante dentro do principal *think tank* libertariano no Brasil, o Instituto Ludwig Von Mises Brasil, cuja instituição matriz, o Ludwig Von Mises Institute dos EUA contou com a participação de Rothbard a partir do momento de sua fundação em 1982, até o falecimento de Rothbard, em 1995.

4 TIPOLOGIA UTILIZADA NA CARTOGRAFIA

Com base nos autores e concepções explorados anteriormente, elaborei categorias – tipos ideais – as quais visam compreender o cenário ideológico da “nova” direita. Estas irão posteriormente guiar a cartografia. As categorias são divididas em dois grandes grupos: *conservadores* e *liberais*, os quais possuem significativas diferenças internas, de forma a agrupar diversas categorias dentro de si.

4.1 O grupo ideológico conservador

O grupo *conservador* contém três categorias. Duas delas, os *conservadores liberais* e *liberais guerra fria*, compartilham de um núcleo filosófico comum: o conservadorismo anglo-saxão, mas possuem ênfases, influências secundárias e modos de atuação distintos. Já a terceira, o *conservadorismo moralista*, não é uma linha de pensamento político-filosófico em si, mas um amálgama de concepções e sentimentos representativos não tanto dos intelectuais da “nova direita”, mas sim de parte significativa de seu público.

4.1.1 Conservadorismo Liberal

Esta categoria representa o conservadorismo de influência britânica, de matriz burkeana, que defende a importância das tradições ao mesmo tempo em que aceita as fórmulas liberais do estado de direito, direitos individuais e livre mercado. É aquele conservadorismo que, na formulação habermasiana apresentada por Chaloub e Perlatto (2016), tem uma relação mais tranquila com a modernidade capitalista, abrindo mão da desconfiança típica do conservadorismo tradicional em relação à moralidade da lógica de mercado. Coutinho (2014) propõe formulação similar do conservadorismo, apresentando os elogios de Burke ao livre-mercado como contra-argumento àqueles conservadores críticos das reformas econômicas de Margaret Thatcher no Reino Unido.

Este *conservadorismo liberal* tem, entretanto, diferenças significativas do liberalismo em si, a respeito do alcance e do propósito da doutrina de livre-mercado:

O conservadorismo é a arte de expandir e fortalecer a aplicação dos princípios morais e humanitários tradicionais por meio dos recursos formidáveis criados pela economia de mercado. O

liberalismo é a firme decisão de submeter tudo aos critérios do mercado, inclusive os valores morais e humanitários. O conservadorismo é a civilização judaico-cristã elevada à potência da grande economia capitalista consolidada em Estado de direito. O liberalismo é um momento do processo revolucionário que, por meio do capitalismo, acaba dissolvendo no mercado a herança da civilização judaico-cristã e o Estado de direito. (CARVALHO, 2007e, s/p)

A desconfiança deste *conservadorismo* em relação ao *liberalismo* faz eco às distinções entre o pensamento de Burke e Paine identificadas por Levin (2014), do caráter *cético* do pensamento burkeano, de sua desconfiança de teorias filosófico-políticas abstratas. O apego a estas abstrações teóricas, e o desprezo pelas tradições em sua aplicação à vida social, seria, de acordo com Moreira⁷⁵ (2017), um ponto de convergência entre liberais e “esquerdistas”:

Ambos são adeptos do que pode ser denominado de "progressismo", uma corrente filosófica que advoga, genericamente, a necessidade de constantes mudanças na sociedade, tanto em termos políticos, quanto econômicos e sociais. Progredir e evoluir seriam, em si, algo benéfico para a sociedade. Superar a tradição é o objetivo tanto de liberais quanto de esquerdistas. Mais ainda: querem fazer uma sociedade melhor e até um ser humano melhor. A promessa é a mesma: se seus programas forem integralmente implementados (o que é, naturalmente, impossível), haverá uma espécie de "paraíso na terra". Diferem apenas quanto ao modo de fazer isso: com mais liberdade individual, para os liberais, ou com mais igualdade, para os esquerdistas. (s/p).

Moreira se insere aí na tradição burkeana (LEVIN, 2014) de *reforma*, de realizar mudanças que não destruam a ordem moral duradoura, testada pelo tempo, de uma sociedade. Podemos atribuir

⁷⁵ Alexandre Magno Fernandes Moreira é procurador do Banco Central, diretor jurídico da Associação Nacional de Ensino Domiciliar/Aned e autor dos livros: *Direito administrativo essencial* e *Direito penal contemporâneo*. De acordo com sua biografia apresentada no *site* do Instituto Millenium.

então, genericamente, as seguintes características aos *conservadores liberais*:

a) *tradicionalismo*, a crença de que a sabedoria política é de natureza histórica e coletiva, materializada nas instituições que sobreviveram ao teste do tempo;

b) *organicismo*, a ideia de que a sociedade é mais que a soma de suas partes, e definitivamente superior ao indivíduo;

c) *ceticismo político*, uma desconfiança da aplicação com propósitos inovadores do pensamento e da teoria à vida pública,

d) *estado de direito*, entendimento da democracia liberal como forma de governo mais adequado a sociedades modernas;

e) *direitos individuais*, associados mais a uma desconfiança do potencial da intervenção estatal negativa a esferas da vida privada como família e religião do que a uma concepção de liberdade individualista;

f) *defesa de uma economia de mercado*, como a forma econômica mais adequada, tendo em vista o *ceticismo* conservador em relação às limitações do intelecto humano em dar conta de fenômenos tão complexos quanto os econômicos.

Uma amostra de onze posicionamentos típicos deste grupo em relação a questões contemporâneas é apresentada por Moreira (2017):

Estado laico não significa Estado ateu: a Constituição Federal nunca teve a intenção de excluir a religião da vida pública. [...] iniciativas que pretendem excluir qualquer forma de religiosidade dos espaços públicos (como a colocação de crucifixos) são um atentado à liberdade de religião.

As drogas devem continuar banidas: o movimento de legalização das drogas incorre em uma contradição insolúvel - defendem-na em nome da liberdade individual, mas é sabido que seu consumo provavelmente levará ao vício, que é a ausência total de liberdade! O efeito da legalização seria principalmente aumentar de modo drástico o consumo dessas substâncias. Um dos mitos a esse respeito é que a repressão não funciona: nos Estados Unidos, em 1979, 14,1% da população havia usado drogas ilícitas; em 2006, depois de anos de combate, o percentual diminuiu para 8,3^[09].

Os empreendedores são a força vital da economia do País e merecem cada centavo do que ganham: [...] São costumeiramente vilipendiados e considerados culpados pelos males da nação. Porém, são eles que tomam os riscos: podem quebrar e podem ficar ricos ou, mais costumeiramente, em algum lugar no meio. [...] foi demonstrado que o empresário brasileiro é o campeão mundial em horas trabalhadas para pagar o Fisco [...] Nossa prosperidade depende essencialmente daqueles que são mais atacados. Boa parte disso pode ser simplesmente explicada por um sentimento [de] que ninguém admite ser portador: a inveja.

As cotas raciais são um erro: qualquer privilégio dado a uma categoria de pessoas em detrimento às outras é uma grave lesão ao princípio constitucional da igualdade. No caso das cotas raciais, a lesão é ainda mais grave, pois o Brasil não é um País racista - não há movimentos que defendam a "supremacia branca", nem nenhuma publicação nesse sentido; também nunca houve leis segregacionistas. Além disso, a imposição da política de cotas a todas as situações sociais [...] tem um enorme potencial de criar tensões sociais, principalmente devido ao ressentimento daqueles prejudicados por essa política^[14].

Os pais devem ter o direito de educar seus filhos em casa: é do conhecimento geral a falência do ensino brasileiro. Mesmo as escolas particulares têm desempenho pífio nos exames internacionais. Também é bastante conhecido o fato de que boa parte dos professores brasileiros tem se importado muito mais com a doutrinação ideológica (usando o famoso lema "formar cidadãos") do que com a educação propriamente dita. Por isso, e considerando a liberdade de consciência de cada um, os pais devem ter a permissão para educar os filhos em casa (chamado de *homeschooling*). O Estado poderia exigir apenas que as crianças e os adolescentes sejam submetidos a testes de proficiência em determinadas matérias, para verificar a qualidade do ensino dado em casa.

Cada pessoa é a única responsável por seu destino: está na moda falar de "responsabilidade social", como se cada pessoa fosse responsável pelo destino de todas as outras e cada um tivesse que pagar seu "débito social". Por outro lado, também está em voga retirar a pessoa da responsabilidade por seus próprios atos, como se todos fossem inimputáveis. Exemplos disso são as constantes intervenções nas relações privadas (como a recente proibição de venda de aspirinas nos balcões de farmácia) e os processos de fumantes (conscientes dos danos causados pelo fumo) contra os fabricantes de cigarros. Retirar da pessoa a responsabilidade por seus próprios atos não é apenas imoral, mas também afeta profundamente sua dignidade como ser humano.

Deve haver "tolerância zero" contra a criminalidade: um dos efeitos da "desresponsabilização individual" é a crença romântica (para ser mais preciso, marxista) de que os criminosos são vítimas da sociedade e que, por isso, precisam ser protegidos ao extremo. Trata-se de uma nítida inversão de valores: os indivíduos honestos da sociedade passam a ser considerados culpados pelos crimes dos desonestos. Combater o crime significa salvar vidas e proteger pessoas inocentes. Para a sua diminuição drástica, não é necessário que o Brasil seja transformado em um "paraíso social-democrata"; basta a aplicação de uma velha fórmula testada e aprovada em diversos lugares (inclusive em São Paulo): cumprimento integral da lei, com mais policiamento e mais vagas nos presídios. Além disso, é preciso que a Justiça, a Polícia e o Ministério Público sejam geridos de forma eficiente, sem inquéritos e processos que se delongam indefinidamente.

Os cidadãos honestos devem ter o direito de portar armas: desde a promulgação do Estatuto do Desarmamento, em 2003, tem sido realizada uma intensa campanha que vincula a quantidade de armas de fogo com a ocorrência de crimes violentos. Essa vinculação é simplesmente falsa, uma vez que países com número de armas por habitante bem maior que o Brasil (Estados

Unidos, Finlândia e França, por exemplo) têm níveis de homicídio significativamente menores. Além disso, existem pesquisas consistentes indicando exatamente o contrário: quanto mais armas existem, menor é a criminalidade.

O Estado de Direito não pode ser submetido aos desejos de determinados grupos: nos Estados Unidos, os conservadores distinguem-se dos esquerdistas (chamados de *liberals*) principalmente no tocante à atitude perante a lei. Os primeiros acreditam que a lei, mesmo ruim, deve ser cumprida, uma vez que é vinculante para todos. Os últimos distorcem o sentido da lei ou mesmo a desobedecem frontalmente em nome do que consideram mais justo para a sociedade. Na verdade, os esquerdistas querem impor sua particular visão de mundo para os outros. No Brasil, são exemplos nítidos: o Movimento dos Sem-Terra, que constantemente desprezam a lei em nome de uma "sociedade melhor"; e os juristas que distorcem o sentido da Constituição para adequá-la ao que consideram ser mais justo - é a famosa doutrina da "mutação constitucional".

O aborto, em qualquer fase da gestão, deve ser mantido como crime: qual é a essência do ser humano? Para os religiosos, a alma; para os materialistas, a carga genética. Nos dois pontos de vista, é inegável que a vida humana começa na concepção e deve ser, a partir desse momento, protegida. A argumentação abortista falha ao relacionar o direito à vida com circunstâncias meramente acidentais à própria vida, como a sua viabilidade; a possibilidade de sentir dor; a dependência do corpo materno; e mesmo a existência da consciência de si mesmos. Aparentemente, só teria direito à vida o ser humano "completo", que tenha, efetivamente, todas as potencialidades da espécie humana. Enfim: o argumento da liberdade da mulher sobre o próprio corpo esbarra em seu equivalente - o direito do nascituro ao seu próprio corpo, mais ainda, à sua própria existência.

A família tradicional é à base de qualquer sociedade e seu desmantelamento tem provocado efeitos extremamente danosos: é bem sabido que a família chamada de tradicional (formada por pai, mãe e filhos) está em franca decadência, sendo considerada por muitos como ultrapassada. Porém, quase nada é falado quanto aos "efeitos colaterais" desse processo: aumento dramático da criminalidade juvenil (é notável que quase todos os adolescentes infratores presos não tenham sido criados pelos pais); crescimento, também dramático, de infecção por doenças sexualmente transmissíveis e, de forma colateral, de gravidez na adolescência; aumento também dos crimes sexuais (chama a atenção que um menina criada sem o pai tem várias vezes mais chances de ser violentada). Finalmente, as recentes pesquisas sobre felicidade têm demonstrado que a vida em família é um componente essencial para o bem-estar do indivíduo. Nesse sentido, é preciso estimular o casamento (uniões informais são bem mais propensas ao desfazimento) e manter as formalidades legais para o divórcio que, muitas vezes, terminam por desestimulá-lo (ao contrário do que prevê o bizarro projeto do "divórcio *on line*", feito pela internet e sem necessidade de tempo mínimo de separação).

Como se pode bem notar pelos itens 2) *as drogas devem continuar banidas* e 6) *cada pessoa é a única responsável por seu destino*, o respeito pelas liberdades individuais, na acepção conservadora, é seletivo. Há também a ênfase à família, à proteção desta da interferência estatal, vide a defesa do *homeschooling*⁷⁶, a religião; a defesa da meritocracia e do empresariado; a ojeriza a políticas públicas e movimentos voltados a minorias; a defesa do porte de armas, do aumento do policiamento e da celeridade judiciária. Adicionalmente é evidente a atribuição à esquerda de posicionamentos totalitários, doutrinação ideológica, desprezo a lei, concepções românticas desligadas da realidade e diversas outras mazelas – do aumento da criminalidade às doenças sexualmente transmissíveis.

4.1.1.1 Representantes do Conservadorismo Liberal

⁷⁶ Moreira é ativista do ensino domiciliar.

Dentre representantes do *conservadorismo liberal* dentro do universo da “nova direita” é possível citar: no universo acadêmico, João Pereira Coutinho e Luiz Felipe Pondé; no meio jornalístico, Reinaldo Azevedo; e os blogueiros Eric Balbinus⁷⁷ e Luciano Ayan⁷⁸.

Resume bem esta categoria a já citada observação habermasiana de Chaloub e Perlatto (2016) de que este é um *conservadorismo* elogia a modernidade econômica, mas despreza as consequências culturais e sociais da modernidade, moralizando os problemas públicos – invocando o remédio da religião ou do senso comum esquecido –, e responsabilizando “intelectuais da esquerda” por muitas das mazelas contemporâneas. Mas ele também tem um aspecto liberal que vai além do econômico: a defesa do estado de direito e, embora em uma acepção mais limitada que a do liberalismo puro, de direitos individuais. Ele não é reacionário, mas reformista. Finalmente, ele se encaixa naquilo que Bobbio chama de direita democrática. Um exemplo deste respeito às regras democráticas pode ser encontrado em um posicionamento de Reinaldo Azevedo a respeito do processo judicial contra o ex-presidente Luiz Lula da Silva:

Mas há coisas que um procurador não pode fazer, a menos que seu ódio pessoal e sua militância se coloquem à frente de suas funções constitucionais. E ele não pode, por exemplo, antecipar o conteúdo da sentença de um juiz e anunciar quando ela será proferida.

Por incrível que possa parecer, Dallagnol fez isso. Assegurou que a sentença de Sérgio Moro, o juiz, sobre um dos processos que tem Lula como réu, sairá até julho. O contexto deixava claro que será uma condenação. É espantoso isso!

Lula é hoje, do ponto de vista legal, um cidadão como qualquer um de nós. Mas não se ignore que compõe a elite política do país e governou Banânia duas vezes. Como vão a Justiça e o Ministério Público Federal num país em que um

⁷⁷ Eric Balbinus é coordenador regional do MBL-SP, escrevendo regularmente em seu blog *O Reacionário*. É ativo também no *Facebook* - com 47 mil curtidas - e *Twitter*. É um dos poucos membros do MBL que se declara conservador.

⁷⁸ Luciano Ayan é um pseudônimo, e sua identidade real é desconhecida. Mantém o blog *Ceticismo Político*. Sua página no *Facebook* tem 71 mil curtidas.

procurador, que compõe a força que investiga, antecipa o conteúdo da sentença, com data, da força que julga? Se os medalhões passam por isso, estarão os pobres mais bem servidos?

É claro que isso é inaceitável. “Ah, mas e tudo o que Lula fez?” Mesmo se admitindo ter sido tudo verdade, então estamos bravos com ele porque descumpriu leis, certo? Seremos nós, seus adversários, a fazê-lo? “Ah, Reinaldo, o ingênuo...” Não! Reinaldo é só aquele que diz não à barbárie por princípio. (AZEVEDO, 2017).

Em seguida analisaremos a *direita guerra fria*, suas diferenças em relação à *direita conservadora*, e depois os principais pontos de conflito entre os dois grupos na conjuntura nacional recente.

4.1.2 Conservadorismo Guerra Fria

Este segundo grupo defende os mesmos princípios básicos que os *conservadores liberais*: tradicionalismo, organicismo, ceticismo político, estado de direito, direitos individuais e defesa de uma economia de mercado; mas com mais ênfase no tradicionalismo, e ênfase significativamente reduzida em seus elementos liberais. Em seu cânone teórico constam, além dos clássicos conservadores britânicos, influências do conservadorismo católico, da escolástica medieval e do paleoconservadorismo estadunidense. Utilizam também linguagem e retórica mais agressiva. São mais críticos das consequências sociais e culturais da modernidade – atribuídas à estratégia gramsciana de hegemonia cultural, através do *marxismo cultural* – e compartilham – daí seu caráter de *guerra fria* – da crença de que a *guerra fria* não acabou, elaborando uma visão de mundo extremamente dualista, na qual o tradicionalismo luta em duas frentes contra uma aliança profana de comunistas e liberais globalistas.

Conforme veremos, este grupo no Brasil orbita em volta da figura de Olavo de Carvalho, e recebe forte influência de setores paleoconservadores estadunidenses com os quais Olavo colabora regularmente.

4.1.2.1 A Guerra Fria não acabou! A teoria de Jeffrey Nyquist⁷⁹

Jeffrey Nyquist se ampara em narrativas de desertores soviéticos durante a guerra fria, como Anatoliy Golitsyn⁸⁰ e Yuri Bezmenov⁸¹, para argumentar que o colapso da União Soviética foi uma fraude, orquestrada para ludibriar os EUA em uma sensação de falsa segurança, enquanto a Federação Russa seguiria controlada por membros ligados à antiga *intelligentsia* soviética, dando continuidade à estratégia de enfraquecer os EUA, por meio de subversão ideológica, através de grupos de direitos civis, movimentos pacifistas, antinucleares, desarmamentistas e teóricos de conspiração (NYQUIST, 2010).

Seguindo esta tese, a guerra fria não acabou:

[...] a Força Estratégica de Mísseis Soviéticos continua em seu lugar, com a única diferença que agora tem uma placa escrita “Federação Russa” no lugar [...] o ‘colapso’ do comunismo foi parte de um plano [...] os ‘oligarcas’ capitalistas russos eram testa de ferro da KGB que foram simplesmente elevados ao status de bilionários pela agência. [...] sabemos que o núcleo comunista oculto continuou a reforçar seus objetivos. [...] Subversão e revolução, preparações para a guerra e propaganda antiamericana continuaram mesmo quando Putin estava

⁷⁹ O estadunidense Jeffrey Nyquist é formado em sociologia política pela Universidade da Califórnia. Colunista do Financial Sense Online, ex-colunista do World Net Daily, é autor do livro *The Origins of the Fourth World War*, e associado ao Inter-American Institute presidido por Olavo de Carvalho. É na verdade uma figura bastante obscura, com poucas menções públicas na internet, e nenhuma página oficial no *Facebook*.

⁸⁰ Ex-Major da KGB, desertou em 1961, expondo diversos agentes duplos trabalhando para a União Soviética nos serviços secretos britânicos e estadunidenses. Publicou, em 1984, o livro *New Lies for Old*, no qual defendia a tese de que o desvio da ortodoxia comunista então em curso seria uma estratégia para criar, no ocidente, uma falsa sensação de segurança, com a finalidade de prejudicar os EUA econômica e diplomaticamente. Em 1995, junto com Christopher Story, publicou o livro *The Perestroika Deception*, contendo memorandos enviados por Golitsyn à CIA, nos quais seguiu sustentando as teses apresentadas em seu livro anterior (ANATOLIY GOLITSYN, 2017).

⁸¹ Jornalista e agente da KGB, desertou do bloco soviético em 1970, estabelecendo-se no Canadá. Tornou-se ativista anticomunista na década de 1980. Faleceu em 1993, no Canadá. (YURI BEZMENOV, 2017).

apertando a mão de George W. Bush e tentando ser prestativo, após o 11 de setembro. (NYQUIST, 2014).

De acordo com esta tese, a infiltração comunista nos EUA não se limita a movimentos de esquerda, se estendendo a agências governamentais, universidades e jornais, e tem por objetivo a convergência entre capitalismo e comunismo, mas nos termos dos comunistas. A “socialização” da medicina, através do Obamacare, e a tentativa de incriminar Trump como agente russo são algumas das estratégias comunistas para a destruição os EUA (NYQUIST, 2014).

A tese de Nyquist (2010; 2014; 2017) sobre a permanência do projeto de poder soviético é similar à de Olavo de Carvalho sobre o Foro de São Paulo, como veremos adiante.

4.1.2.2 A guerra fria segue na América Latina: Olavo de Carvalho e o Foro de São Paulo.

Uma das principais teses de Olavo de Carvalho – que lhe rendeu durante muitos anos elogios de diversos setores da direita, de liberais a conservadores –, repetida por muitos que, posteriormente, se tornaram seus inimigos intelectuais, é a do papel do Foro de São Paulo na agenda política interna e externa dos governos petistas. O Foro de São Paulo é por ele descrito da seguinte forma:

Foro de São Paulo é a mais vasta organização política que já existiu na América Latina e, sem dúvida, uma das maiores do mundo. Dele participam todos os governantes esquerdistas do continente. Mas não é uma organização de esquerda como outra qualquer. Ele reúne mais de uma centena de partidos legais e várias organizações criminosas ligadas ao narcotráfico e à indústria dos sequestros, como as Farc e o MIR chileno, todas empenhadas numa articulação estratégica comum e na busca de vantagens mútuas. Nunca se viu, no mundo, em escala tão gigantesca, uma convivência tão íntima, tão persistente, tão organizada e tão duradoura entre a política e o crime. (CARVALHO, 2007f).

O principal objetivo do Foro de São Paulo é, nesta narrativa, a construção de uma grande pátria bolivariana, centralizada no eixo Brasil-Cuba-Venezuela. Esta seria a explicação por trás da política

externa dos governos petistas, que investiriam dinheiro nacional nestes países e em outros, como a Bolívia, a favor do projeto de poder comunista na América Latina e em detrimento dos interesses nacionais.

4.1.2.3 A Estratégia Gramsciana e o Marxismo Cultural

A mais popular tese de Olavo de Carvalho e a com maior alcance dentro da “nova direita” é aquela pela qual o movimento comunista internacional, inspirado nas teses de Antonio Gramsci, Lukács e da Escola de Frankfurt (CARVALHO, 2002), passa a operar de forma distinta daquela do marxismo-leninismo responsável pela revolução russa. Nas palavras do professor Olavo:

A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro.

Para operar essa virada, Gramsci estabeleceu uma distinção, das mais importantes, entre "poder" (ou, como ele prefere chamá-lo, "controle") e "hegemonia". O poder é o domínio sobre o aparelho de Estado, sobre a administração, o exército e a polícia. A hegemonia é o domínio psicológico sobre a multidão. A revolução leninista tomava o poder para estabelecer a hegemonia. O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. Não é preciso dizer que o poder, fundado numa hegemonia prévia, é poder absoluto e incontestável: domina ao mesmo tempo pela força bruta e pelo consentimento popular — aquela forma profunda e irrevogável de consentimento que se assenta na força do hábito, principalmente dos automatismos mentais adquiridos que uma longa repetição torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da crítica. O governo revolucionário leninista reprime pela violência as idéias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais idéias adversas no repertório mental do povo. (CARVALHO, 1996, s/p).

A inversão dos valores tradicionais da sociedade é parte fundamental desta estratégia:

[...] não basta derrotar a ideologia expressa da burguesia; é preciso extirpar, junto com ela, todos os valores e princípios herdados de civilizações anteriores, que ela de algum modo incorporou e que se encontram hoje no fundo do senso comum. Trata-se enfim de uma gigantesca operação de lavagem cerebral, que deve apagar da mentalidade popular, e sobretudo do fundo inconsciente do senso comum, toda a herança moral e cultural da humanidade, para substituí-la por princípios radicalmente novos, fundados no primado da revolução e no que Gramsci denomina "historicismo absoluto".

O combate pela hegemonia requer uma pluralidade de canais de atuação informais e aparentemente desligados de toda política, através dos quais se possa ir injetando imperceptivelmente na mentalidade popular toda uma gama de novos sentimentos, de novas reações, de novas palavras, de novos hábitos, que aos poucos vá mudando de direção o eixo da conduta. (CARVALHO, 1996, s/p).

A estratégia gramsciana teria sido adotada pela esquerda brasileira no período do regime militar, quando, alijada da possibilidade de disputar o poder político, passaria a se dedicar integralmente à disputa hegemônica, dominando o setor artístico-cultural, as redações de jornais e o setor editorial, de tal forma que, chegado o período da redemocratização, existiria uma hegemonia esquerdista em tais áreas.

Diagnosticado o inimigo, passam estes ideólogos da direita – alertados por Olavo de Carvalho – então a clamar para o avanço de suas hostes – armados de penas e não espadas⁸² – no campo cultural, a fim de dar combate a uma suposta *hegemonia* de esquerda neste campo, nas palavras de Rodrigo Constantino: “[...] a própria política normalmente segue os valores enraizados na sociedade, e quem quer mudar ou preservar uma civilização deve, acima de tudo, investir nesses valores, na cultura” (CONSTANTINO, 2017). A partir desta narrativa, a nova direita busca contestar às esquerdas em territórios outrora de monopólio “vermelho”: movimentos estudantis, de minorias e de gênero etc.

4.1.2.4 Antiglobalismo

⁸² Mas geralmente tecendo um que outro elogio ao porrete.

Esta é uma tese antiliberal, com recortes conspiratórios, oriunda de setores da extrema direita estadunidense, e que coloca o *conservadorismo guerra fria* em confronto tanto com *conservadores liberais* quanto com *liberais*.

O antiglobalismo se caracteriza pelo medo de que existiria em curso um projeto liberal transnacional multiculturalista dedicado a objetificar as relações humanas, destruir os valores da civilização judaico-cristã e solapar os estados-nações criando uma nova ordem mundial supranacional liderada pelas elites financeiras do mundo, transformando-as em dinastias neo-aristocráticas. Nessa narrativa, socialistas e liberais andariam de mãos dadas, pois, a despeito de suas relações serem aparentemente conflituosas, ambos estão sob a influência dos mesmos mestres, geralmente apontados como George Soros, o *dono do mundo* e financiador do esquerdismo mundo afora (BORGES⁸³, 2014), e outros bilionários. Nas palavras do professor:

Que o globalismo é um processo revolucionário, não há como negar. E é o processo mais vasto e ambicioso de todos. Ele abrange a mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral, e até das reações mais íntimas da alma humana. É um projeto civilizacional completo e sua demanda de poder é a mais alta e voraz que já se viu. Tantos são os aspectos que o compõem, tal a multiplicidade de movimentos que ele abrange, que sua própria unidade escapa ao horizonte de visão de muitos liberais e conservadores, levando-os a tomar decisões desastradas e suicidas no momento mesmo em que se esforçam para deter o avanço da "esquerda". A idéia do livre comércio, por exemplo, que é tão cara ao conservadorismo tradicional (e até a mim mesmo), tem sido usada como instrumento para destruir as soberanias nacionais e construir sobre suas ruínas um onipotente Leviatã universal. Um princípio certo sempre pode ser usado da maneira errada. Se nos apegamos à letra do princípio, sem reparar nas ambiguidades estratégicas e geopolíticas envolvidas na sua aplicação, contribuimos para

⁸³ Alexandre Borges é publicitário e já foi diretor do Instituto Liberal. Seu artigo sobre Soros foi republicado por Felipe Moura Brasil em sua coluna digital na Veja.

que a ideia criada para ser instrumento da liberdade se torne uma ferramenta para a construção da tirania. (CARVALHO, 2009).

4.1.2.5 Aproximações e distinções entre o conservadorismo guerra fria e o conservadorismo populista.

Poder-se-ia levantar a objeção que os *conservadores guerra fria* seriam de fato uma versão tupiniquim do que se chama, nos EUA, de *conservadorismo populista*, intimamente ligado ao *paleoconservadorismo*⁸⁴ e a *alt-right*⁸⁵, dissidência conservadora estadunidense que toma força na década de 1990, com a campanha presidencial independente de Pat Buchanan e que, mais de duas décadas depois, triunfa ao lado de Donald Trump⁸⁶, quando este é eleito presidente após superar o antagonismo da própria liderança do partido republicano, de caráter mais moderado e que até então havia logrado impedir a influência dos *populistas* dentro do partido republicano⁸⁷. De

⁸⁴ Citado anteriormente, como ideologia de defesa ao retorno, nos EUA, de uma posição isolacionista em termos de política mundial, e a padrões de *small government*, tradicionalismo e padrões morais e culturais “ocidentais”, em suma um retorno ao que creditam ter sido a intenção dos pais fundadores dos EUA (FRANCIS, 2002).

⁸⁵ Grupo heterogêneo e amorfo de conservadores e tradicionalistas de diversas correntes, cujo ponto em comum é a rejeição ao *establishment* republicano estadunidense, e que constituem a base eleitoral de Donald Trump. Uma descrição mais detalhada da *alt-right* pode ser encontrada em artigo de Bokhari e Yiannopoulos (2016), expoentes deste grupo.

⁸⁶ Steve Bannon, atualmente conselheiro do presidente dos EUA Donald Trump, outrora no comando de sua campanha eleitoral, é um dos diretores do portal de notícias *online* Breitbart News, santuário da *alt-right* nos EUA, difusora de teorias conspiratórias e teses geralmente renegadas pelo setor conservador tradicional estadunidense (INGRAM, 2016; STOREY, 2017). Emprega linguagem e retórica propositalmente ofensiva, a exemplo de uma matéria intitulada *Does feminism make women ugly?* (YIANNOPOULOS, 2015).

⁸⁷ Jeff Greenfield (2016), escrevendo para a *Político Magazine*, faz a seguinte comparação entre Trump e Buchanan, já no título de seu artigo: *Trump is Pat Buchanan with better timing*. Esta comparação reforça a ideia de que a vitória de Trump, ao invés de uma surpresa inesperada e imprevisível, seja fruto da evolução de uma corrente política marginalizada da direita americana que, após mais de três décadas ocupando as beiradas do sistema político, encontrou uma conjuntura específica – que inclui o desgaste do *establishment* tradicional – que

fato, os conservadores *guerra fria* apoiam Trump⁸⁸ – outra diferença destes em relação aos conservadores liberais⁸⁹ –, mas existe um aspecto no qual os conservadores *guerra fria* se distinguem de forma incontestável dos conservadores *populistas*: os conservadores *populistas* não compartilham da tese de que a *guerra fria* não acabou! Algumas das principais propostas de campanha de Trump em relação à política externa giravam em torno da ideia de reduzir o papel dos EUA na política global, afastar-se de aliados tradicionais, aproximar-se de inimigos e rever alianças militares realizadas no âmbito da guerra fria, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte/OTAN e as alianças militares com o Japão e a Coreia do Sul (FISHER, 2016).

Essas diretrizes de política externa são consoantes com a visão do *conservadorismo populista* a respeito daquele que seria o principal conflito político-cultural do século XXI:

As the decisive struggle in the second half of the 20th century was vertical, East vs. West, the 21st century struggle may be horizontal, with conservatives and traditionalists in every country arrayed against the militant secularism of a multicultural and transnational elite. (BUCHANAN, 2013).

Tanto Buchanan (2013), quanto Bannon (2014) não consideram a Federação Russa e Vladimir Putin inimigos inconciliáveis – ao contrário de Nyquist e Olavo de Carvalho –, elogiando-o cautelosamente por suas posturas tradicionalistas e argumentando que os verdadeiros inimigos da civilização ocidental são a elite transnacional multiculturalista e o

lhe permitiu a conquista do mais disputado cargo político do país. Sua vitória, de acordo com Levin (2016a; 2016b), sinaliza para uma reorganização permanente do jogo de forças da direita estadunidense.

⁸⁸ O fato de que a eleição dos EUA tenha sido um tópico tão apaixonado de discussão no Brasil, e em especial entre a nova direita, seria tema para outra dissertação. No momento, posso apenas destacar que todo o debate da “nova direita” é constantemente remetido a intelectuais e políticos estadunidenses, e os recortes da “nova direita” por aqui são bastante similares ao recorte existente nos EUA. A semelhança também se repete na forma de atuação dos polemistas públicos nos dois países: há uma *performance* comum.

⁸⁹ Embora seja possível encontrar liberais e conservadores liberais que tenham declarado suporte parcial a Donald Trump, geralmente como a melhor alternativa em relação a Hillary Clinton, mas jamais enquanto candidato ideal; os conservadores *guerra fria* se destacaram por um apoio quase irrestrito a este.

radicalismo islâmico. Nyquist (2014; 2017) considera o não reconhecimento da Federação Russa enquanto continuação da União Soviética um erro grave por parte da *direita populista* estadunidense.

E é aqui, e também no sistemático ataque à direita anti-semita⁹⁰, que a *direita guerra fria* se diferencia da *direita populista*.

4.1.2.6 Representantes do Conservadorismo Guerra Fria

O *conservadorismo guerra fria* é indissociável da figura de Olavo de Carvalho e, ao menos em suas formulações mais puras, restrito ao círculo – numericamente não desprezível – de seus seguidores. Dentre esses seguidores fiéis apenas Felipe Moura Brasil, colunista da Veja, figura na mídia tradicional; mas muitos atuam como celebridades menores nas redes sociais, como Ana Caroline Campagnolo⁹¹, os *youtubers* Conde Loppeux de la Villanueva⁹², e Nando Moura⁹³.

Esta corrente de pensamento não é tão influente quanto outras junto aos principais movimentos que chamaram as manifestações pelo *impeachment* de Dilma Roussef, restringindo-se basicamente ao *Revoltados OnLine* de Marcello Reis⁹⁴; nem junto à classe política, na qual se identifica apenas com o clã Bolsonaro; e muito menos junto aos principais *Think Tanks* brasileiros, quase todos de orientação *liberal*.

⁹⁰ Acusada de nazismo e fascismo, ideologias de esquerda na cosmologia desta linha de pensamento.

⁹¹ Pedagoga formada pela UFSC, dedicada a combater o marxismo cultural na educação pública. Chegou a ser citada por Rodrigo Constantino (2014) – em sua coluna online na Veja – quando se envolveu em uma discussão com a deputada estadual do PT-SC Luciana Carminatti. Também administra a página de *Facebook* “*Musas Olaavettes*”.

⁹² Pseudônimo no *youtube* de Leonardo Bruno, que também publica – com seu nome verdadeiro – no Mídia Sem Máscara. Tem 28 mil inscritos em seu canal do *youtube*, e mais de 3 milhões de visualizações em seus vídeos.

⁹³ Metaleiro conservador, com mais de 1 milhão de seguidores, e 220 milhões de visualizações no *youtube*.

⁹⁴ Que praticamente desapareceu de cena ao final do processo de *impeachment*. Em meados de 2016 teve sua página excluída do Facebook, o que atribuiu à censura do governo... Criou uma nova página, mas que jamais alcançou a popularidade da primeira. Aparentemente se desentendeu com diversos grupos e atores dentro dos outros movimentos de direita, aonde por vezes já não era muito bem-vindo por conta de seu radicalismo. Desconheço todas as razões por trás do declínio do grupo, mas nas manifestações de 2017 este já não figurava entre os principais protagonistas destas.

Mas, ao mesmo tempo, é aquela cujos mantras mais ecoam através da “nova direita” como um todo.

4.1.3 Aproximações e distinções entre conservadores liberais e conservadores guerra fria

Minha tese a respeito da distinção entre os dois grupos é bastante simples na verdade: os *conservadores liberais* têm conteúdo ideológico *liberal*, e os *conservadores guerra fria*, a despeito de sua defesa de uma economia de mercado são, essencialmente, *antiliberais*. Poder-se-ia dizer que não são *burkeanos*, e certamente não o são, no sentido da tradição burkeana encontrada no pensamento de Levin (2014) e Coutinho (2014), mas esta é uma acepção falsa, pois sua cosmologia é similar àquela de Burke, em especial nos escritos deste contra a revolução francesa, naquele Burke de tom mais aristocrático, que enxergava na Revolução Francesa a mão de uma cabala internacional, que pouco a pouco subvertia as mentes da Europa, solapando a tradição, com vistas a constituir um império iluminista europeu (LEVIN, 2014), uma *nova ordem mundial*. As semelhanças entre a narrativa burkeana sobre a Revolução Francesa e as narrativas de Nyquist e Olavo de Carvalho são muitas. Mas conservadores liberais como Levin e Coutinho preferem enfatizar o Burke da prudência, do governo limitado e do livre-mercado, que caracteriza o conservadorismo mais ameno britânico – e este certamente não é o caso do *conservadorismo guerra fria*.

A respeito das aproximações, praticamente toda a nova direita reconhece, em maior ou menor grau, a importância de Olavo de Carvalho como o primeiro intelectual a chamar publicamente a atenção do país para a hegemonia cultural da esquerda e para o projeto de poder comunista dos governos petistas e do Foro de São Paulo, aparentemente ocultos por trás dos sorrisos de um então presidente Lula moderado e amigo do empresariado nacional. Olavo de Carvalho é o indivíduo mais influente, ao menos intelectualmente, dentre todos os atores da “nova direita”, mesmo não desfrutando de influência política efetiva – a ponto de que essa corrente, no Brasil, poderia ser chamada de *conservadorismo olaviano*.

4.1.4 O Conservadorismo Moralista

Esta construção tipológica se baseia fortemente na análise que Pierucci (1987) fez dos ativistas paulistanos de direita que participaram

das campanhas de Jânio Quadros em 1985 e Paulo Maluf em 1986, a qual julgo representativa das concepções e sentimentos de parte significativa do público dos intelectuais conservadores da “nova direita”, uma espécie de conservadorismo de senso comum:

Seu tique mais evidente é sentirem-se ameaçados pelos outros. Pelos delinquentes e criminosos, pelas crianças abandonadas, pelos migrantes mais recentes [...], pelas mulheres liberadas, pelos homossexuais [...], pela droga, pela indústria da pornografia mas também pela permissividade geral, pelos jovens, cujo comportamento e estilo de pôr-se não estão suficientemente contidos nas convenções nem são conformes com o seu lugar na hierarquia das idades, pela legião de subproletários e mendigos que, tal como a revolução socialista no imaginário de tempos idos, enfrenta-se a eles em cada esquina da metrópole, e assim vai. Eles têm medo. Abandonados e desorientados em meio a uma crise complexa, geral, persistente, que além de econômica e política é cultural, eles se crispam sobre o que resta de sua identidade em perdição, e tudo se passa como se tivessem decidido jogar todos os trunfos na autodefesa. “Legítima defesa” é, assim, um termo-chave em seu vocabulário. Esta autodefesa, que é *prima facie* a proteção de suas vidas, de suas casas e bens, da vida e da honra de seus filhos, sua família, é também a defesa de seus valores enquanto defesa de si. (PIERUCCI, 1987, p. 26).

Esta postura conservadora tem, como características principais, medo e agressividade em relação aos *outgroups*, transformando-os em bodes expiatórios de todo o tipo de mazelas sociais, em especial a insegurança das grandes cidades. Este conservadorismo idealiza uma época de ouro, na qual, reinando a moral e os bons costumes, não havia tantos bandidos e outros tipos “transgressores”. Ele pede segurança policial e penas mais severas para o crime, é contrário a políticas minoritárias, não compartilha do liberalismo econômico de seus chefes – para além do discurso meritocrático – e defende saúde e educação públicos. Este descompasso ideológico entre os líderes e os ativistas de baixo escalão da direita, identificado por Pierucci lá no final da década de 1980, também foi aparente nas manifestações pelo *impeachment* de

Dilma Roussef (MONTEIRO, 2016).

O *conservadorismo moralista* não tem interesse por grandes elaborações teóricas – conservadoras ou liberais –, a ele interessa a defesa de um estilo de vida, e a ele a retórica moralista de um conservador ressoa mais fácil do que os sofisticados argumentos a favor de uma sociedade com alicerces amplamente liberais.

4.2 O grupo ideológico liberal

O grupo *liberal* contém quatro categorias: três delas diferem em relação a posturas, *liberais-conservadores*, *liberistas* e *liberais sociais*; a última, os *libertarianos*, agrupa as diversas vertentes radicalizadas do *liberalismo*.

4.2.1 Liberais-Conservadores, Liberistas e Liberais Sociais

Rodrigo Constantino (2016) afirma, com certa razão, que não existem liberais-conservadores, ou liberais-sociais, pois o programa político de um liberal “autêntico” não mudaria pelo fato deste possuir uma postura pessoal mais conservadora ou progressista: “[...] você pode ser tudo isso e, ainda assim, ser um liberal radical, bastando apenas que você não defenda o uso dos poderes de polícia do estado para impor aos demais os seus valores ou obrigá-los a rezar pela sua cartilha” (CONSTANTINO, 2016, s/p). Esta lógica se aplicaria apenas ao projeto final de um programa liberal, a um *estado mínimo* de fato. Porém, como não existe um *estado mínimo* nos padrões liberais em lugar algum do mundo, os liberais em sua prática política focam seus esforços em implementar políticas liberais em setores específicos, e quais setores são priorizados ou não são fortemente afetados pelas posturas dos liberais em relação a questões de cunho social e cultural. No que concerne a atuação dos liberais na arena política brasileira, e ao escopo deste estudo, seus discursos na *internet*, a distinção entre liberais conservadores, modais ou sociais faz sentido.

Liberais Conservadores – Liberais que acreditam na importância das tradições para a manutenção tanto da democracia, quanto da economia liberais. Aqui também existe uma linha tênue entre estes e os *conservadores liberais*. Poderíamos dizer que haveria uma diferença de disposição: o conservador liberal estaria mais disposto a exigir que o Estado incorpore suas crenças morais, enquanto o liberal conservador, embora partilhe pessoalmente da moral conservadora, seria

contra a interferência do Estado em questões morais de forma geral, estando na verdade mais preocupado com a possibilidade de que a interferência estatal exerça poderes coercitivos contrários a suas crenças morais. O caráter do neoevolucionismo e o darwinismo social *a la* Hayek aparecem eventualmente em seus discursos, na maior parte das vezes de forma camuflada e vulgar, sob a égide da meritocracia. Um exemplo de *liberal conservador* poderia ser encontrado na postura de Rodrigo Constantino de 2013 em diante, quando renunciou a suas posições prévias a favor de liberação de costumes e rompimento com as tradições, e passou a defender o caráter essencial da moralidade judaico-cristã para a manutenção do livre-mercado.

Liberistas – Enquadra discursos e atores que, de forma geral, discutem apenas os aspectos econômicos do liberalismo, sem grandes radicalismos e evitando entrar em questões morais, desvinculando-se daquilo que Merquior (1991) chama de convicção ou ética liberal, ou seja, evitando extrapolar os princípios de liberdade que justificam o livre-mercado para outras áreas da vida social. É o discurso da maior parte dos *think tanks* mais prestigiados, como o Millenium e o Instituto Liberal, que, de forma geral, tratam apenas de temas econômicos. Pode-se enquadrar aí também o MBL. O neoliberalismo, desprovido de posicionamentos a respeito de questões morais, aparenta ser menos uma convicção do que uma posição tática, que visa evitar conflitos tanto com setores conservadores, quanto com setores progressistas; a este arranjo tático é dado o nome de fusionismo (MAUAD, 2014)

Liberais-Sociais – Não devem ser confundidos com defensores do keynesianismo, que historicamente se tornou uma bandeira da social-democracia. Diferenciam-se de outros liberalismos por uma questão de postura, uma preocupação – ao menos discursiva – com os destinos das parcelas menos favorecidas da sociedade, seguida da crença de que a desregulamentação econômica as beneficiaria, aumentando suas possibilidades de autoaperfeiçoamento. Não são, entretanto, estatofóbicos radicais, defendendo programas como o Bolsa-Família, mas criticando a atuação do BNDES, chamado de Bolsa-Empresário. Incorporam a dimensão ética e moral do liberalismo relegada a segundo plano pelos neoliberalistas. Entre atores que podem ser enquadrados neste grupo, temos o Instituto Mercado Popular e o embrionário Partido Social Liberal. Sua distinção de outros liberais pode ser grosseiramente representada por uma frase de Fábio Ostermann⁹⁵, do PSL: “ser liberal é

⁹⁵ Cientista político, presidente do PSL/RS, foi candidato a prefeitura de Porto Alegre nas eleições de 2014. Foi um dos fundadores do MBL, do qual se

defender que casais homossexuais tenham o direito de ter armas para proteger suas plantações de maconha” (OSTERMANN, 2014b).

4.2.2 Libertarianos

Aqui se enquadram os antiestatistas radicais, o que inclui tanto aqueles de postura moral conservadora, como Rothbard, quanto os de uma postura moral liberal, como Nozick. Diferenciam-se não por programas e proposições, mas por postura e finalidades⁹⁶. Para distingui-los, me apropriarei da definição de Jeffrey A. Tucker (2014), o qual divide os libertários entre *brutalistas* e *humanistas*. *Brutalistas são aqueles que se atêm aos postulados fundamentais do libertarianismo por crer que a intervenção estatal interfere na ordem espontânea e natural, que é essencialmente desigual e hierárquica. Desejam a liberdade para garantir o poder dentro dos limites da propriedade privada. Valorizam o chamado “politicamente incorreto”. Humanistas, desejam a liberdade econômica para garantir que as pessoas possam viver de acordo com suas preferências individuais, envolvendo-se apenas em trocas voluntárias, reduzindo o papel do poder e do privilégio na sociedade.*

No universo deste trabalho, as posições libertarianas podem ser encontradas em *think tanks* como o Instituto Mises Brasil, e em portais como o *LiberZone*.

afastou em novembro de 2015 por divergências a respeito da atuação do movimento (LARA, 2016).

⁹⁶ O tamanho e a significância reduzida dos libertarianos, junto ao número excessivo de correntes e subdivisões– a diferenciação de Tucker é a mais sintética que encontrei, mas não é a única e nem a mais aceita –, fatores aos quais se adiciona o fato de que estes costumam dividir os mesmos espaços de discussão e publicação virtuais, são as razões pelas quais optei por condensar grupo tão diverso em uma mesma categoria, reservando-me o direito de diferenciá-los apenas quando necessário.

4.3 Quadro final das categorias tipológicas

Quadro 3 – Categorias tipológicas em grandes grupos

Conservadores	Conservadores Guerra Fria
	Conservadores Moralistas
	Conservadores Liberais
Liberais	Liberais Conservadores
	Libertarianos
	Liberistas

Fonte: Elaborado pelo autor

5 CARTOGRAFIA DAS REDES DA NOVA DIREITA

Aqui serão apresentados os mapas gerados pelo programa *Gephi*⁹⁷, a partir de dados obtidos da rede social *Facebook* através do aplicativo de coleta de dados *NetVizz*. A coleta dos dados utilizados para a composição dos mapas foi realizada no dia 1 de Junho de 2016, nas fases finais do processo de afastamento da então presidente Dilma Roussef, originalmente com o propósito de subsidiar minha participação em um debate sobre o *impeachment* no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, organizado pelo Prof. Dr. Jacques Mick. Posteriormente optei por incluir esta coleta em minha dissertação, inicialmente com o propósito de realizar uma cartografia comparativa, comparando a de Junho de 2016 à uma coleta, que chegou a ser realizada, em fevereiro de 2017, ou seja, comparando a rede da nova direita nos períodos pré e pós *impeachment*, e esta é a razão pela qual a checagem individual das páginas cartografadas em 2016 foram realizadas apenas em 2017. Entretanto, limitações de tempo, assim como dificuldades que eu encontrei no uso do programa *Gephi*, me obrigaram a utilizar apenas a coleta de 2016. Porém creio que esta redução no escopo da cartografia não lhe diminuiu a riqueza, adicionalmente, a maior parte das mudanças nas articulações da nova direita entre os dois períodos, puderam ser compreendidas a partir das observações netnograficas que realizei no período.

Listarei aqui uma lista de termos técnicos, e seus significados, que serão frequentemente utilizados neste capítulo.

Grafo: representação gráfica de uma rede interativa (MEDEIROS *et al*, s/d).

Nó: são as bolas no grafo, nesta cartografia cada nó representa uma *fanpage* no *Facebook*.

Aresta: são as linhas que ligam os nós, indicativos de conexão entre estes; nesta cartografia, tais conexões ocorrem quando uma *fanpage* dá uma *curtida* em outra⁹⁸.

Cluster: conjunto de nós fortemente conectado; representadas na cartografia por cores diferentes.

Layout: algoritmo que determina a espacialização do grafo (MEDEIROS *et al*, s/d).

Filtros: retiram do gráfico àqueles componentes que não

⁹⁷ Foi utilizada a versão 0.9.1 deste, no sistema operacional Windows 7.

⁹⁸ Os *links* das *fanpages* que uma *fanpage* curtiu aparecem em uma barra lateral do navegador quando acessada.

correspondem a certos critérios selecionados pelo usuário.

Abaixo segue a descrição de métricas utilizadas na cartografia:

Grau: número de conexões que entram e saem de um nó, aqui o número de *curtidas* dadas e recebidas por um nó.

Grau de Entrada/GE: número de conexões que um nó recebe de outros, aqui o número de *curtidas* recebidas por um nó.

Centralidade de intermediação/CI: mede a frequência com que um nó aparece nos caminhos mais curtos entre nós das redes. Nós com alto valor de CI representam os principais pontos de articulação entre os diversos grupos da rede⁹⁹.

Centralidade de Autovetor/CA: Uma medida da importância do nó na rede baseada na qualidade de suas conexões. Enquanto o *Grau de Entrada/GE* atribui o mesmo peso a todas as conexões – informando apenas a quantidade de conexões –, a *Centralidade de Autovetor* dá peso maior às conexões realizadas com nós que sejam, por sua vez, bem conectados (FRANCESCHET, s/d). Neste trabalho o uso desta medida significa que a *curtida* de uma página que, por sua vez, possua muitas *curtidas* tem maior valor do que a *curtida* de uma página menos conectada na rede.

Modularidade: define os *clusters* da rede de acordo com a força de suas conexões.

5.1 Cartografia da nova direita durante o processo de *impeachment* em 2016

A coleta de dados para esta cartografia foi realizada no dia 1 de junho de 2016. Antes da coleta criei uma *fanpage* no *Facebook* com o nome de *Observatório da Nova Direita*, e *curti* dezesseis páginas: MBL – Movimento Brasil Livre, Revoltados OnLine, Vem Pra Rua Brasil, Movimento Liberal Acorda Brasil, Mídia Sem Máscara, Olavo de Carvalho, Instituto Liberal/IL, Instituto Millenium/IMIL, Instituto Ludwig Von Mises – Brasil/IMB, o Libertários/LIBER, Partido NOVO, Estudantes pela Liberdade/EPL, Libertarianismo, LiberZone e Mercado Popular.

Em seguida utilizei o aplicativo NetVizz para coletar uma *page*

⁹⁹ Medida criada no final da década de 1970 para a análise de grandes redes de indivíduos, com o objetivo de “[...] expressar a influência que o indivíduo [...] poderia exercer sobre os seus pares em uma rede de comunicação do mundo real” (FREITAS, 2010).

like network a partir minha página – *Observatório da Nova Direita* – com dois graus de profundidade¹⁰⁰, que é o máximo permitido pelo aplicativo. As informações coletadas pelo NetVizz são transformadas em um arquivo, que por sua vez é aberto pelo *Gephi* e transformado em *grafo*. Já no *Gephi* acessei o *laboratório de dados*¹⁰¹, e excluí páginas que pudessem distorcer a cartografia por seu alto número de *curtidas* e que ao mesmo tempo não eram relevantes ao trabalho, como por exemplo a página oficial do *Facebook*. Optei também por excluir as páginas de veículos da mídia tradicional, e também portais de notícias que não fossem claramente ideológicos¹⁰².

No total foram excluídas 290 páginas¹⁰³, das quais 10 eram relacionadas a direitos animais – como a página do Greenpeace Brasil –; 36 a páginas oficiais de empresas – como *Apple*, *Nike* e *Facebook*; 8 páginas de diferentes ramos do exército brasileiro¹⁰⁴ –; 9 relacionadas a jogadores e clubes de futebol; 26 páginas oficiais ligadas ao governo; 36 páginas com ligações fracas na rede ou não relacionadas ao tema da pesquisa – como uma página de **imóveis a venda em Miami**, uma de pessoas desaparecidas e outra sobre a cantora Laura Pausini; 158 veículos de mídia não claramente ideológicos; 14 páginas relacionadas ao exército estadunidense e agências como o FBI; 2 páginas de aplicativos de *Facebook*; 2 páginas de países, EUA e Venezuela; e 8 páginas relacionadas a políticos da esquerda, como Lula, Dilma Roussef, Cristovam Buarque e Barack Obama. Este excesso de páginas pode ser atribuído à Revoltados OnLine, que deu *curtidas* em diversas páginas não relacionadas a política. Após estas exclusões, restaram 522 nós e 2948 arestas.

Em seguida rodei os algoritmos para o cálculo de estatísticas

¹⁰⁰ O primeiro grau de profundidade compreende as páginas conectadas à página-núcleo, no caso o *Observatório da Nova Direita*, e o segundo grau compreende as páginas conectadas às páginas do primeiro grau.

¹⁰¹ Seção do programa na qual é possível visualizar as informações coletadas em tabelas textuais e numéricas, as quais podem ser exportadas em um formato que pode ser aberto no programa *Excel*.

¹⁰² Esta foi uma escolha difícil, mas a redução do número de páginas era essencial para obter um mapa mais limpo e analisável. De qualquer forma, a investigação da ligação da nova direita com a mídia tradicional é mais claramente identificável pela presença de atores que atuem nestes meios do que pelo simples fato de uma página ter *curtido*, por exemplo, as revistas *Exame* ou *Superinteressante*.

¹⁰³ A listagem destas páginas pode ser encontrada nos anexos.

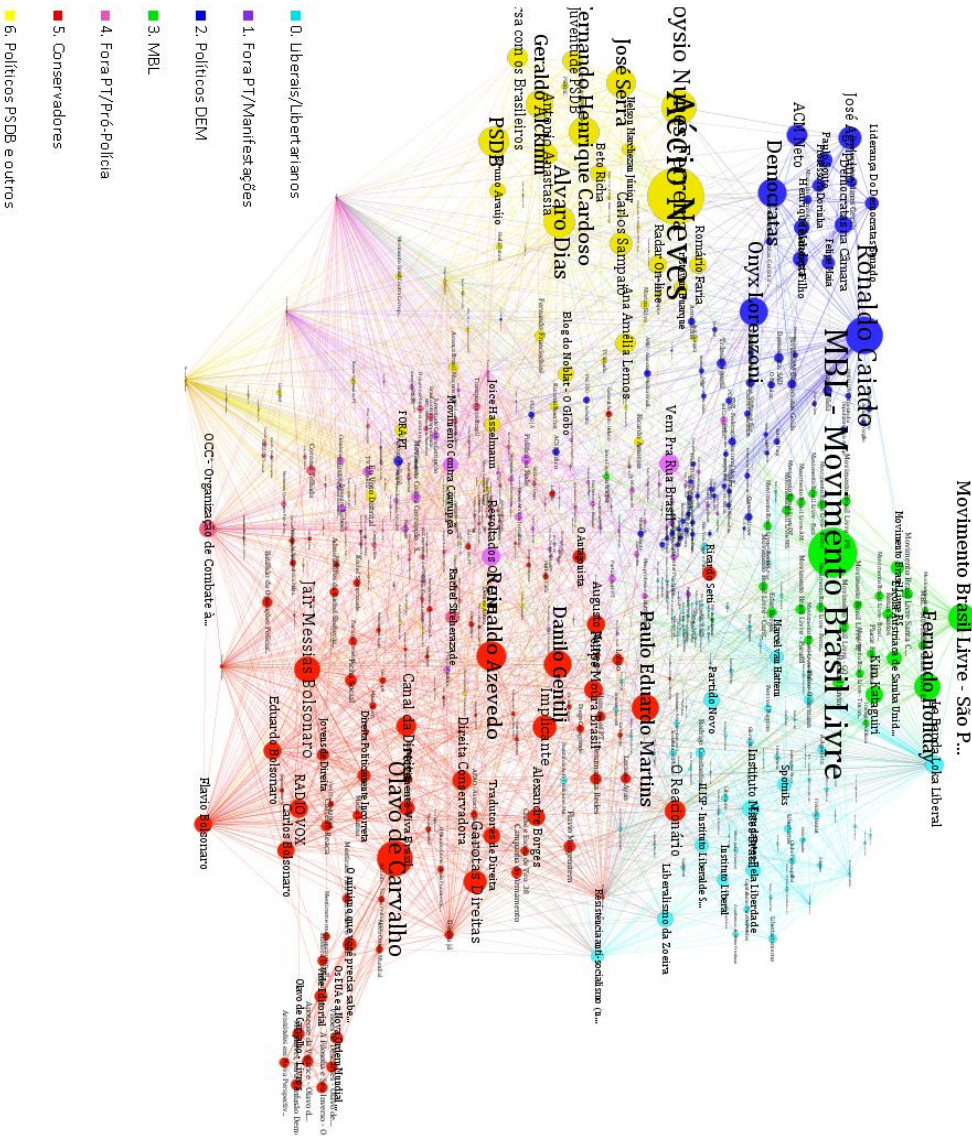
¹⁰⁴ As quais eram estritamente informativas e sem caráter político.

como *Grau Médio*, *Comprimento Médio de Caminho*¹⁰⁵, *Centralidade de autovetor* e *Modularidade*. Utilizando o *layout Force Atlas*¹⁰⁶, e vinculando o tamanho dos nós a partir de seus valores de *Centralidade de autovetor*, ou seja, do peso relativo de suas conexões diretas, o resultado foi a bagunça que pode ser vista na Figura 3.

¹⁰⁵ Que possibilita a obtenção do valor para a *Centralidade de Intermediação*.

¹⁰⁶ O Force Atlas é um algoritmo de distribuição que tem o objetivo de representar visualmente as ligações entre nós pertencentes a distintos grupos, criando mapas de suas interações (MEDEIROS *et al*, s/d).

Figura 3 – Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 sem filtros, tamanho dos nós vinculados a CA).



Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa Gephi

0.9.1.

O resultado é um mapa com 522 nós, 2948 arestas e sete classes de modularidade/clusters¹⁰⁷.

Classificando as páginas de acordo com seus valores de *centralidade de autovetor*, que mostra as mais bem conectadas da rede, o primeiro lugar fica para a página de Aécio Neves e outros; seguido pelas do MBL, Ronaldo Caiado, Olavo de Carvalho e Aloysio Nunes Ferreira. Verifica-se aqui a presença de três atores políticos tradicionais, dois do PSDB mineiro e paulista e um do DEM goiano, os quais tentavam capitalizar politicamente a efervescência dos movimentos pelo *impeachment*, carentes de lideranças políticas efetivas. Representando os movimentos políticos que chamaram o *impeachment* está o MBL, de teor liberal. E o único intelectual presente é Olavo de Carvalho, conservador guerra fria, o que é simbólico de sua relevância¹⁰⁸. A presença destes cinco atores no topo de influência da rede é bastante simbólica do momento: liberais e conservadores unidos contra o PT, junto a três figuras proeminentes dos principais partidos da oposição.

Já em um *ranking* de valores mais altos de *centralidade de intermediação*, o qual mostra não as páginas mais bem conectadas, mas aquelas que formam pontes entre os pontos mais afastados da rede, temos as seguintes páginas entre as cinco primeiras, em ordem: La Banda Loka Liberal, OCC – Organização de Combate à Corrupção, Ronaldo Caiado, MBL e Brasil Melhor. Apenas duas, MBL e Ronaldo Caiado, figuravam na lista anterior. La Banda Loka Liberal é ligada ao MBL atuando como uma espécie de “escola de samba” que executava marchinhas carnavalescas com letras antipetistas, pró-impeachment e de *zoeira* com a esquerda de forma geral; apesar do nome, não pode ser classificada nem de *liberal*, nem de *conservadora*, se encaixando naquilo que pode ser chamado de *direita zoeira*¹⁰⁹. A OCC – Organização de Combate a Corrupção é, essencialmente, uma difusora de conteúdo; exhibe em sua foto de capa uma faixa com os dizeres: “Não à ditadura comunista no Brasil”, e antes do *impeachment* acusava, em seu blog, Michel Temer de ser “o novo agente do Foro de São Paulo” (OCC ALERTA BRASIL, 2016), o que demonstra sua clara associação

¹⁰⁷ Cuja numeração no programa começa em zero, o que repeti aqui.

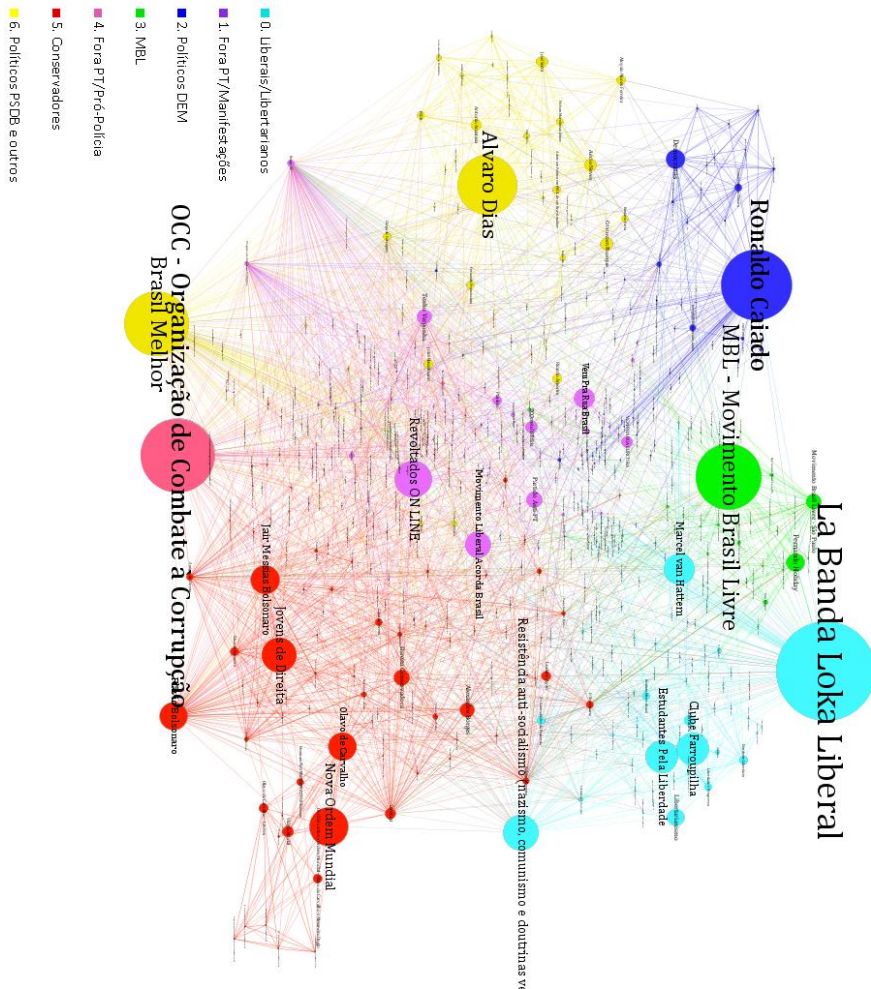
¹⁰⁸ Rankeando as páginas pelo critério de CA, só vamos encontrar outro intelectual – e discípulo de Olavo, Felipe Moura Brasil – na trigésima segunda posição!

¹⁰⁹ A descrição de sua página no Facebook é: “O bloco de rua da zoeira capitalista e opressora. Vem magoar socialistas com a gente!!!”

ao conservadorismo guerra fria. Já a página Brasil Melhor¹¹⁰ é mais uma, dentre muitas páginas difusoras de conteúdo, cujas publicações são quase que exclusivamente notícias das investigações da lava-jato acompanhadas de comentários contrários à corrupção na classe política e a favor de Sérgio Moro, da Lava Jato e da prisão de políticos. Ao contrário da maior parte das páginas desse gênero, é crítica ao governo Temer, mas não possui conteúdo ideológico que permita caracterizá-la enquanto conservadora, liberal ou sequer de direita. Vinculando o tamanho dos nós do grafo a seu valor de CI, obtemos um mapa significativamente diferente do anterior (Figura 4).

¹¹⁰ A página original de 2016 foi excluída, mas foi criada uma nova.

Figura 4 - Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 sem filtros, tamanho dos nós vinculados a CI).



Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa Gephi 0.9.1.

Um ranking das cinco páginas mais populares, de acordo com seu número de curtidas, apresentaria em ordem as seguintes páginas: 1) Danilo Gentili, o humorista que alavancou sua carreira falando mal de políticos e do PT, com 12,5 milhões de curtidas, valor impressionante e igual à soma das curtidas dos próximos quatro colocados; 2) Aécio

Neves, então ainda nas graças da nova direita¹¹¹; 3) Jair Messias Bolsonaro, o *bolsomito*, ícone dos conservadores mais radicais e terror dos moderados, uma figura polarizadora dentro da nova direita; 4) Marina Silva, uma figura surpreendente considerando que ela não é de direita, mas que nas eleições de 2014 ficou em terceiro lugar com seu discurso de *terceira via*; 5) Rachel Sheherazade, que se destacou por ser uma das primeiras jornalistas televisivas em TV aberta – junto a Paulo Eduardo Martins – e fora dos círculos de noticiários policiais, a colocar de lado aparências de objetividade e dar vazão a discursos claramente direitistas, de teor *conservador moralista* e amplo alcance social.

Finalmente, um *ranking* das páginas mais mencionadas no período: 1) Movimento Contra Corrupção, movimento político fundado em 2013, com foco em projetos de transparência na administração pública, leis para transformar corrupção em crime hediondo e fim de subsídios a detentores de cargos públicos eletivos, além de petições pontuais, como pedidos de cassação a políticos como José Genoíno, Renan Calheiros e Paulo Maluf; sua tipificação ideológica é confusa: é essencialmente uma página “anti-corrupção”, mas que se manifestou a favor das reformas trabalhista e da previdência, o que permite que ela seja classificada, ao menos, como de *direita*; 2) o já citado MBL; 3) o senador do PV-PR Alvaro Dias; 4) o deputado estadual do PSDB-SP Coronel Telhada, notório linha-dura; e 5) o icônico Jair Messias Bolsonaro.

O uso de diferentes critérios de classificação deu resultados significativamente distintos. Embora forneçam dados interessantes sobre o período, curtidas não indicam a influência dos atores na rede, assim como menções, as quais indicam apenas que em um período bastante restrito, de sete dias antes da coleta, aquela página vinha sendo frequentemente citada no Facebook¹¹². São úteis como critérios auxiliares, porém a análise da rede como um todo é mais proveitosa a

¹¹¹ Aécio Neves falhou em capitalizar a efervescência de 2016, tendo demorado para apoiar publicamente o *impeachment*. Posteriormente, a frequência com que seu nome apareceu junto a Lava Jato, o levou a se tornar, de potencial aglutinador das vozes da direita antipetista, a *persona non gratae*, ao ponto de ter sido um dos políticos sepultados simbolicamente em reduzida manifestação contra a corrupção realizada em Brasília no dia 26 de março de 2017 (BRANDÃO, 2017).

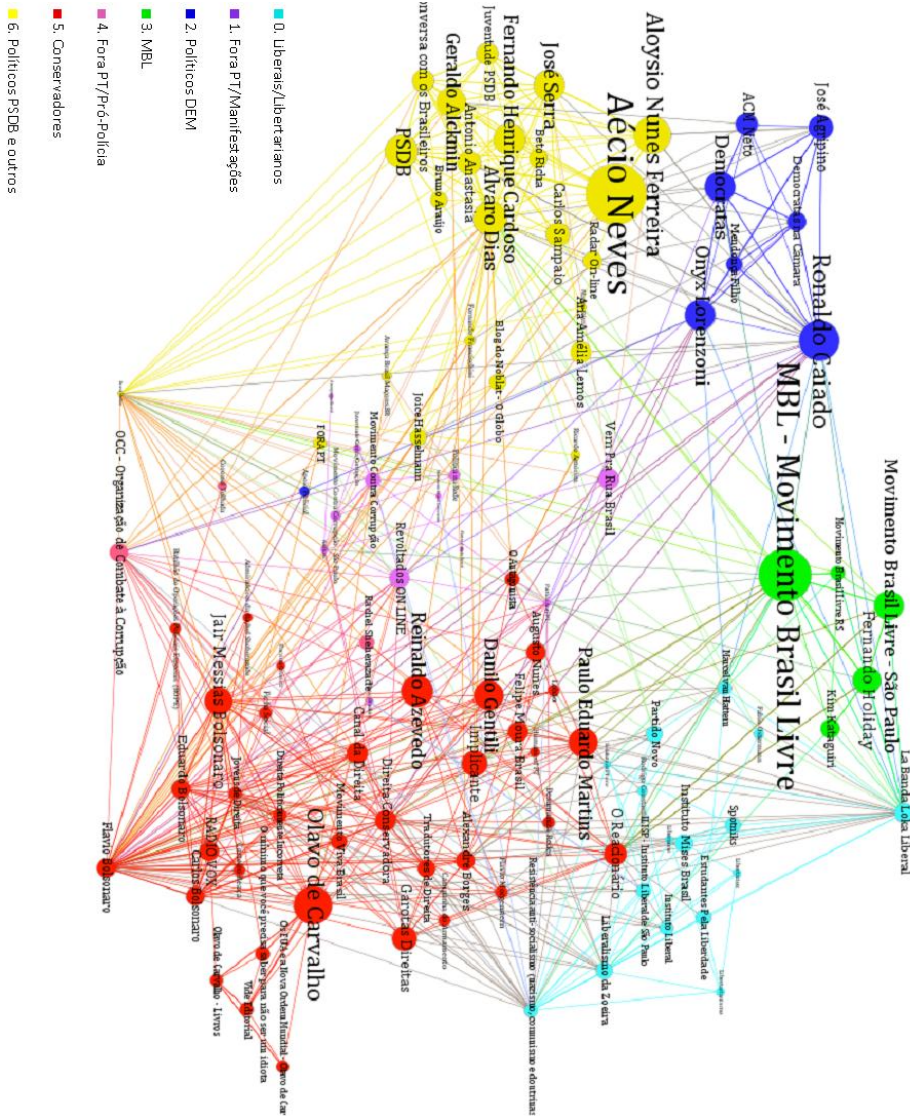
¹¹² Alvaro Dias e Coronel Telhada, por exemplo, tinham um número de menções mais elevado que seu número de curtidas, o que é, de forma geral, bastante incomum.

partir de outros critérios. O valor de *centralidade de intermediação* também fornece dados interessantes, porém indica apenas as principais pontes da rede, não seus nós mais influentes. Resta o valor de *centralidade de autovetor*, que mostra as páginas mais bem conectadas da rede e fornece o que eu acredito ser o melhor critério de avaliação da relevância das páginas na rede.

Para realizar a análise dos *clusters*, irei utilizar alguns dos recursos de filtragem do *Gephi* com o objetivo de deixar o mapa visualmente mais limpo e reduzir a quantidade de dados na análise. Na representação gráfica abaixo (Figura 5), utilizei um filtro para deixar à mostra apenas aqueles nós com *grau de entrada* ≥ 9 ¹¹³, restando 103 nós (19,73% do total) e 667 arestas (22,63% do total); mantive o tamanho dos nós relativo a seu valor de *centralidade de autovetor*.

¹¹³ Optei por realizar a filtragem utilizando o valor de *grau de entrada*, e não o de *centralidade de autovetor*, para priorizar aquelas páginas com um grande número relativo de conexões na rede. Ao testar a opção de filtragem por *centralidade de autovetor* concluí que esta acabava por incluir algumas páginas que por vezes estavam ligadas a apenas um ou dois nós muito influentes na rede, dando representatividade desproporcional aos *clusters* amarelo, azul e verde, devido à presença, nestes, de nós com valores de *centralidade de autovetor* excepcionalmente altos.

Figura 5 – Rede de conexões entre páginas da direita no Facebook (2016 com filtro (GE > 9), tamanho dos nós vinculado a CA)



Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa Gephi 0.9.1.

5.1.1 Análise do cluster 0 - Liberais/Libertarianos

Composto por 16 nós, dos quais La Banda Loka Liberal tem os maiores valores de *centralidade de autovetor* e de *intermediação*. A página com o maior número de curtidas é a do Partido NOVO, que recebeu registro do TSE em 2015 e participou das eleições de 2016 com o número 30¹¹⁴, elegendo quatro vereadores em quatro capitais: Felipe Camozzato em Porto Alegre; Janaina Lima, em São Paulo; Leandro Lyra, no Rio de Janeiro; e Mateus Simões, em Belo Horizonte. O NOVO é um partido ultraliberal que proíbe que seus membros se reelejam, pois acreditam que a política não pode ser uma carreira. Já o maior número de menções no período é da página Socialista de Iphone, também da *direita zoeira*. A Tabela 2 mostra a distribuição dos tipos ideológicos neste *cluster*.

Tabela 2 – Distribuição dos tipos ideológicos no cluster 0 (2016)

TIPO IDEOLÓGICO	QUANTIDADE
Libertariano	4
Liberista	3
Direita Zoeira	3
Liberal Conservador	2
Liberal (indefinido)	2
Liberal-Social	1
Conservador Liberal	1
TOTAL	16

Fonte: elaborado pelo autor.

A esmagadora maioria do grupo é formada por nós liberais e libertarianos, havendo um pequeno grupo que se encaixa na categoria *Direita Zoeira*: Socialista de iPhone, La Banda Loka Liberal e Liberalismo da Zoeira¹¹⁵, todas páginas difusoras de conteúdo¹¹⁶; e o

¹¹⁴ Elegeu quatro vereadores em quatro capitais: Felipe Camozzato em Porto Alegre, Janaina Lima em São Paulo, Leandro Lyra no Rio de Janeiro e Mateus Simões em Belo Horizonte.

¹¹⁵ A ascensão meteórica de Kim Kataguri começou quando ele criou a página *Liberalismo da Zoeira* em 28 de agosto de 2013.

político Marcel Van Hattem, deputado estadual pelo PP-RS, *conservador liberal*, mas com ligações históricas com o Estudantes pela Liberdade/EPL¹¹⁷ e com MBL, tendo sido considerado em 2014 por Kim Kataguirí o único político a abraçar totalmente as convicções do MBL (AMARAL, 2015). Outra categoria de destaque deste grupo é a presença de todos os três *think tanks* presentes na rede: os liberistas Instituto Liberal e ILISP - Instituto Liberal de São Paulo e o libertariano Instituto Mises Brasil.

Representando os *intelectuais orgânicos*: Rodrigo Constantino, ex-colunista da Veja, autor de livros bem vendidos no Brasil. Um dos primeiros intelectuais de cunho liberal a surgir do ambiente da web 2.0, e posteriormente ganhar inserção na mídia tradicional e no mercado editorial do país. Inicialmente um *liberal* radical, progressivamente se torna um *liberal conservador* após se tornar colunista da VEJA em 2013. E Fábio Ostermann, figura carimbada nos meios liberais brasileiros, já participou do Estudantes pela Liberdade, da diretoria do Instituto Liberal, foi um dos fundadores do MBL¹¹⁸, posteriormente se juntou ao Partido Social Liberal/PSL e foi candidato à prefeitura de Porto Alegre em 2016. De postura liberal-social, é uma das poucas figuras públicas do meio liberal que não aderiu ao fusionismo¹¹⁹ nos últimos anos.

A Tabela 3 apresenta a distribuição das categorias neste *cluster*.

Tabela 3 - Distribuição das categorias descritivas no *cluster* 0 (2016)

CATEGORIA	QUANTIDADE
Difusor de Conteúdo	5
Think Tank	3
Intelectual	2
Movimento Político	2

¹¹⁶ Páginas difusoras de conteúdo são, de forma geral, mais difíceis de tipificar ideologicamente, tendem a incorporar discursos diversos e a publicar sobre temas específicos.

¹¹⁷ Durante sua campanha eleitoral, em 2014, Van Hattem contou com a assessoria de Fabio Ostermann, cofundador tanto do EPL quanto do MBL.

¹¹⁸ Do qual se afastou por discordar do pragmatismo que passou a orientar as ações do grupo (LARA, 2016).

¹¹⁹ Postura tática na qual liberais abrem mão de suas agendas de cunho social e cultural para formar coalizões junto a setores conservadores, restringindo-se às agendas liberais de cunho econômico.

Produtor de Conteúdo	2
Partido Político	1
Político	1
TOTAL	6

Fonte: elaborado pelo autor.

5.1.2 Análise do *cluster* 1 – Fora PT/Manifestações

Composto por 12 nós, dos quais Vem Pra Rua Brasil tem o maior valor de *centralidade de autovetor*, e Revoltados OnLine, de *centralidade de intermediação*. O maior número de curtidas e menções é do Movimento Contra Corrupção.

Trata-se de um grupo formado por páginas de ativismo e movimento político, o *liberal* Vem Pra Rua Brasil, o *conservador guerra fria* Revoltados OnLine, e o Movimento Contra Corrupção¹²⁰, representativo de um discurso anti-corrupção genérico. Também compõem o *cluster* produtores e difusores de conteúdo, os quais, com a exceção do libertariano Povo Brasileiro, não têm identidade ideológica claramente definida, dividindo-se em grupos anti-corrupção genéricos, grupos anti-corrupção e a favor das reformas liberais do governo Temer e um grupo que pode ser descrito simplesmente como *antipetista*, o Partido Anti-PT (Tabela 4).

Tabela 4 - Distribuição das categorias descritivas no *cluster* 1 (2016)

CATEGORIA	QUANTIDADE
Movimento Político	5
Produtor de Conteúdo	4
Difusor de Conteúdo	3
TOTAL	12

Fonte: elaborado pelo autor.

Chamam a atenção as páginas produtoras de conteúdo Juventude Contra Corrupção e Política na Rede, ambas de propriedade da obscura Rede Raposo Fernandes e Associados, também dona da Folha Política, todas páginas anti-corrupção e a favor das reformas liberais do governo Temer.

¹²⁰ A quarta entrada da categoria é a página da seção paulista do Movimento Contra Corrupção.

5.1.3 Análise do cluster 2 – Políticos DEM

Com oito nós, este é um grupo bem compacto e que dispensa grandes explicações. À exceção da página Apoio Policial, todas são ligadas ao DEM, sendo duas páginas do partido – Democratas e Democratas na Câmara – e cinco ligadas a políticos do partido: ACM Neto, José Agripino, Mendonça Filho, Onyx Lorenzoni e Ronaldo Caiado. Ronaldo Caiado é o primeiro lugar do grupo em todas as categorias: *centralidade de autovetor*, *centralidade de intermediação*, *curtidas* e *menções*.

5.1.4 Análise do cluster 3 – MBL

Com cinco nós, compreende as páginas do MBL nacional, assim como suas seções regionais de São Paulo e Rio Grande do Sul; além do ativista liberista Kim Kataguirí e do político liberista Fernando Holiday¹²¹, eleito vereador na capital paulista pelo PSDB em 2016. A página do MBL é a primeira do grupo em todas as categorias: *centralidade de autovetor*, *centralidade de intermediação*, *curtidas* e *menções*.

5.1.5 Análise do cluster 4 – Fora PT/Pró-Polícia

Com apenas três nós, compreende as páginas Coronel Telhada, OCC – Organização de Combate à Corrupção e Rachel Sheherazade, já descritas no início da análise. Juntas, formam um bloco que orbita em torno de um *conservadorismo moralista* e *guerra fria*, com ênfase em discursos policiaiscos, de insegurança e clamor por maior repressão à criminalidade.

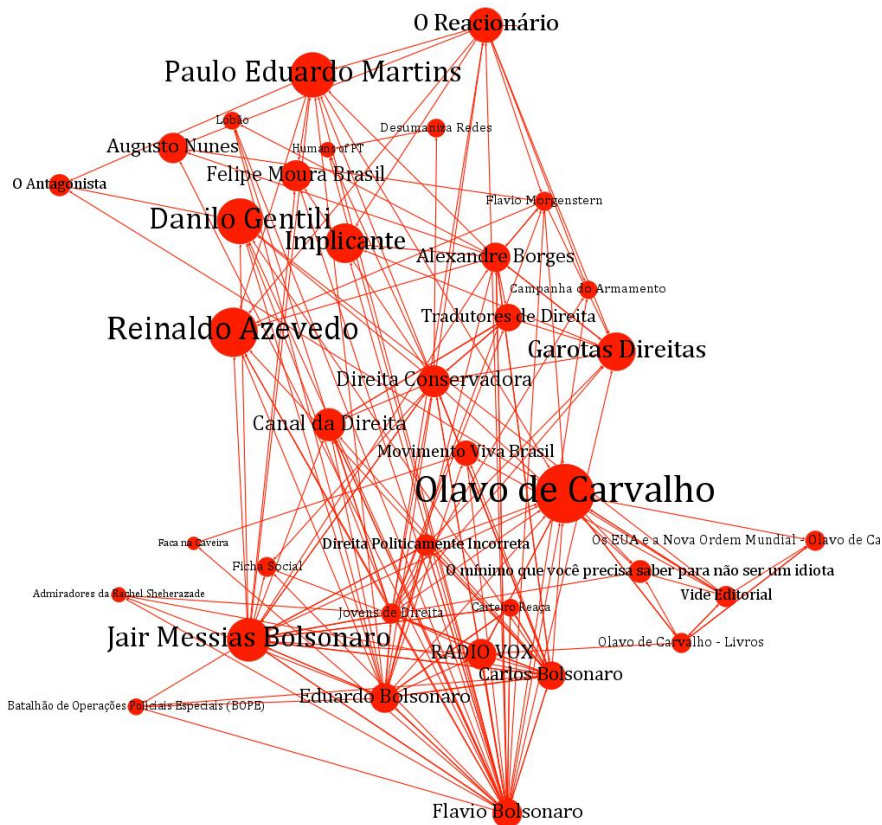
5.1.6 Análise do cluster 5 – Conservadores

Com 35 nós, é o maior grupo de toda a rede. O maior valor de *centralidade de autovetor* é o da página de Olavo de Carvalho; o de *centralidade de intermediação* é da página *difusora de conteúdo* Jovens de Direita, *conservadora guerra fria*; o maior número de curtidas é de Danilo Gentili, e de menções, de Jair Messias Bolsonaro.

¹²¹ Possivelmente o expoente mais polêmico do MBL, destaca-se por ser negro e homossexual e se opor aos movimentos negros e LGBTT, geralmente identificados com a esquerda.

Para facilitar a visualização deste *cluster* ele foi isolado, no Figura 6,

Figura 6 - Cluster 5 da rede de conexões da direita no Facebook (2016, com filtro (GE ≥ 9), tamanho dos nós vinculados a CA)



Fonte: elaborado pelo autor utilizando o programa *Gephi 0.9.1*.

O *cluster* é formado principalmente por produtores e distribuidores de conteúdo (Tabela 5). Uma das páginas, sobre o BOPE, foi apagada, não constando nos dados apresentados a seguir.

Tabela 5 - Distribuição das categorias descritivas no *cluster 0*; 2016.

CATEGORIA	QUANTIDADE
Difusor de Conteúdo	8
Produtor de Conteúdo	6
Político	5
Intelectual	4
Jornalista	3
Livro	3
Artista	2
ONG	2
Editora	1
TOTAL	34

Fonte: elaborado pelo autor.

Artistas: Danilo Gentili, apresentador no SBT, humorista e crítico notório do PT, considera-se conservador e tem um *background* religioso, suas opiniões econômicas o colocam no campo *conservador liberal*. O notório Lobão, que há muito trocou a *rádio blah* pela *rádio vox*, prossegue firme no campo *conservador guerra fria*.

Difusores de Conteúdo: Classifiquei enquanto *conservadores guerra fria* cinco páginas: Canal da Direita, Carteiro Reaça, Direita Conservadora, Direita Politicamente Incorreta e Jovens de Direita; duas como *conservadores moralistas*, Admiradores da Rachel Sheherazade e Desumaniza Redes; e uma apenas enquanto *conservador*, a Ficha Social.

Editoras: Vide Editorial, que publica livros de pensamento conservador, liberal e libertariano: de Olavo de Carvalho, a Edmund Burke, Mises e Ayn Rand. Classificada apenas como de *direita*.

Intelectuais Orgânicos: Olavo de Carvalho; seu discípulo declarado e colunista da Veja, Felipe Moura Brasil; o publicitário e o ex-diretor do Instituto Liberal Alexandre Borges; o escritor e tradutor Flavio Morgenstern; todos são próximos de Olavo de Carvalho e já colaboraram com seu portal de notícias *Mídia Sem Máscara*. Juntos acumulavam 582 mil curtidas e 149 mil menções. Todos se encaixam no tipo ideológico *conservador guerra fria*.

Jornalistas: Os *conservadores liberais* Reinaldo Azevedo, colunista da Veja, e o veículo de jornalismo digital independente O

Antagonista¹²². Por fim, surgiu também a página oficial do colunista da Veja Augusto Nunes, cujas posições – antipetismo, anticomunismo e pró-globalização poderiam enquadrá-lo tanto como conservador liberal como enquanto algum dos tipos liberais mais moderados.

Organizações não-governamentais: Classificadas apenas como de *direita*, Campanha do Armamento e Movimento Viva Brasil. Ambas são páginas de ONG's dedicadas a uma maior liberalização do porte e compra de armas.

Políticos: Figura aqui o quatrilha Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Flavio Bolsonaro e Jair Messias Bolsonaro, todos enquadrados no tipo *Conservador Moralista*; e Paulo Eduardo Martins, *conservador liberal*, ganhou destaque por seu antipetismo quando era apresentador de um jornal televisivo regional no Paraná, juntou-se ao MBL e se candidatou à Assembleia Legislativa do Paraná pelo PSDB, entrando como suplente e tornando-se, temporariamente, o primeiro membro do MBL a ocupar um cargo político. Juntos acumulavam 4.461.365 de curtidas e 939.802 conexões, dos quais aproximadamente 3/4 e 2/3, respectivamente, são da página de Jair Messias Bolsonaro.

Produtores de Conteúdo: Duas páginas do tipo *conservadores guerra fria*: o Garotas Direitas, de Bruna Luiza¹²³, fala de beleza, moda, comportamento e também política, em artigos como: *10 lições de vida que aprendi com Margaret Thatcher, Como vou explicar o impeachment para meus filhos?*, e *Como construir um casamento desde seu namoro*; e a *Radio Vox*, fundado por Alex Pereira, e que transmite regularmente *hangouts* entre atores *conservadores guerra fria* do círculo olaviano. Duas páginas do tipo *conservadores liberais*: O Reacionário, de Eric Balbinus do MBL paulista; e a *Tradutores de Direita*, dedicado a traduzir textos clássicos e contemporâneos das tradições conservadoras e liberais para a língua portuguesa. Adicionalmente há o Humans of PT, da *direita zoeira*, e o Implicante¹²⁴, página de notícias cujas publicações são, em maior parte, de teor antipetista, com colunas críticas ao “esquerdismo” de forma geral, o que não a qualifica como *conservadora* nem como *liberal*, ocupando um limbo, de forma que a classifiquei simplesmente como *direita*.

Este *cluster* contém conservadores para todos os gostos: a cisão

¹²² De Diogo Mainardi e Mario Sabino, conta também com as participações de Claudio Dantas e Madeleine Lacksco.

¹²³ Olavette declarada e aluna dos seminários de filosofia de Olavo de Carvalho.

¹²⁴ Seu proprietário, Fernando Gouvêa, é acusado de receber verbas por assessoria de comunicação do governo Geraldo Alckmin durante dois anos.

completa entre *conservadores liberais* e *conservadores guerra fria* começava a surgir neste período de fase final do *impeachment*, mas seria só depois de Michel Temer assumir o governo interino que os dois grupos protagonizariam um conflito de larga escala e baixo calão.

5.1.7 Análise do cluster 6 – Políticos PSDB e outros

É o segundo maior *cluster* da rede, com 23 nós, porém bastante uniforme. Doze dos nós são ligados ao PSDB: três páginas oficiais do partido (PSDB, Juventude PSDB e Conversa com os Brasileiros); e nove páginas de políticos do partido: Aécio Neves, Aloysio Nunes Ferreira, Antonio Anastasia, Beto Richa, Carlos Sampaio, Fernando Henrique Cardoso, Geraldo Alckmin e José Serra. Constam também quatro políticos de outros partidos: Alvaro Dias, PV-PR; Ana Amélia Lemos, PP-RS e Fernando Francischini, SD - PR. Todas essas páginas são representativas da oposição parlamentar ao governo Dilma Rouseff.

As outras páginas do grupo são a Avança Brasil Maçons.BR, que foi excluída do Facebook; os difusores de conteúdo Fora PT, *conservador guerra fria*, e Brasil Melhor, com um discurso anticorrupção genérico; o intelectual liberista Ricardo Amorim; os jornalistas Blog do Noblat; Radar On-Line de Mauricio Lima, da Veja, e Joice Hasselmann¹²⁵.

5.2 Considerações finais sobre a cartografia

Tentei utilizar a cartografia como um método de identificação e filtragem dos principais atores da rede, para depois averiguar – penosamente e um a um – em qual categoria tipológica estes se encaixariam. Foi possível concluir que o algoritmo de modularidade do *Gephi* organiza os *clusters* de redes sociais de forma coerente, com os *clusters* 0) Liberais/Libertarianos e 3) MBL representando de forma clara o grande grupo tipológico liberal; e o *cluster* 5) Conservadores, o grande grupo tipológico conservador. Os grupos 1) Fora PT/Manifestações e 4) Fora PT/Pró-Polícia são mais difusos, representando frações menos teóricas e mais ativistas da direita, um

¹²⁵ Mais uma das figuras que primeiro se destacou nas redes sociais, principalmente em vídeos no Youtube, e posteriormente adquiriu espaço na mídia tradicional. Profere um discurso anticorrupção e antipetista que não pode ser caracterizado como conservador, liberal ou nem mesmo de direita.

amálgama de discursos liberais e conservadores em formatação mais rasa, pouco intelectualizada, projetado por e para as massas que foram às ruas gritar “fora PT” sem um projeto claro, apenas com um sentimento generalizado de descontentamento e ódio com o estado das coisas e para o qual cada uma das diversas correntes busca um bode expiatório diferente: a corrupção, a decadência moral, o comunismo, o politicamente correto, o estado inchado etc. De um jeito ou de outro, nesse discurso, a culpa recai nos 14 anos de governo petista e, por tabela, em toda a esquerda, mesmo naqueles setores que fizeram oposição ao governo desde os primeiros anos do governo Lula. Por fim, os grupos 3) Políticos DEM e 6) Políticos PSDB e outros são representativos dos atores políticos tradicionais que tentaram capitalizar a revolta das ruas a seu favor, certamente esperançosos de assumir o vácuo deixado pela ruína do PT.

A impossibilidade de minerar dados de períodos anteriores no Facebook me obrigou a trabalhar com uma amostra inicial que, reconheço, não foi a melhor, nem a mais equilibrada. Foi interessante notar, entretanto, que mesmo partindo de um número mais elevado de nós liberais/libertarianos, preponderaram na amostra os nós conservadores, e esse é um dado relevante a respeito dos diferentes pesos dos dois grupos na nova direita.

Com todas as suas limitações, a cartografia permitiu observar com relativa fidelidade como a grande coalizão da “nova direita” se articulou nas fases finais do processo de *impeachment* de Dilma Rouseff.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2014, Rodrigo Constantino (CORLONANO, 2014) afirmou que a direita era um *saco de gatos*, unidos apenas por seu desejo de evitar a “venezuelização” do Brasil, ou seja, de derrubar o PT. Ele estava certo, e meses antes de se concretizar o afastamento de Dilma Roussef já estouravam os primeiros conflitos dentro dos próprios grupos conservadores e liberais, entre suas vertentes radicais e moderadas. Em meios liberais, as divisões se deram a respeito do *fusionismo*, do abandono de agendas caras ao liberalismo social e cultural – descriminalização de drogas, multiculturalismo, casamento gay etc. – com o propósito de viabilizar a uma aliança com os setores conservadores mais moderados, assim como a construção de alianças com a classe política por parte do MBL, o maior movimento político organizado de inspiração liberal.

Os mesmo motivos dividiram os conservadores. Sua fração moderada, os *conservadores liberais*, foram acusados das mais altas traições pelos *conservadores guerra fria*: ao se alinharem com setores políticos não suficientemente radicais – para estes, apenas Bolsonaro se salvaria –, aqueles abortaram a possibilidade de mudanças mais amplas virem das ruas, salvando a classe política e favorecendo o PSDB, visto pelos *guerra fria* como mais um partido socialista. Esta é uma divisão entre os setores liberais e conservadores que se alinharam ao governo Michel Temer, em nome da estabilidade política e de olho na possibilidade de influenciar as reformas em curso, e aqueles que rejeitam por completo o *establishment* político, visto como insuficientemente liberal, ou insuficientemente conservador, dependendo do ponto de vista. Sobre o impeachment, a posição olaviana foi a de que este validaria o processo eleitoral de reeleição de Dilma Roussef, a “maior fraude eleitoral de todos os tempos” (CARVALHO, 2014). No mesmo período, Olavo escreveria o *post* de *Facebook* que o colocaria em meio à (mais) uma grande polêmica (Figura 7).

Figura 7 – Post de Olavo de Carvalho a respeito do *impeachment*

Olavo de Carvalho

23 de maio de 2016 · 🌐

Eis aqui a prova de que o impeachment, amputado de todo combate anticomunista, foi criado para defender a classe política apenas. Não o Brasil. Kims Katakokinhos e Janainas Paschoais jamais compreenderão a quem serviram. Mas o Reinaldo Azevedo compreende -- e gosta, <http://oglobo.globo.com/.../leia-trechos-dos-dialogos-entre-r...>

O GLOBO

Leia trechos dos diálogos entre Romero Jucá e Sérgio Machado divulgados pela 'Folha de S. Paulo'

Data das conversas não foi especificada

OGLOBO.GLOBO.COM

Bate-papo (De

Fonte:

<<https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/642119515940126>>.

O *impeachment* era, em sua concepção, insuficiente para remover o comunismo do Brasil. Seria “[...] preciso começar por baixo, expulsando gente das cátedras, das redações, dos sindicatos, das igrejas — e só depois desse saneamento básico lançar o assalto às estrelas maiores” (CARVALHO, 2016, s/p). Apenas:

[...] a demolição do estamento burocrático e a instauração de uma democracia genuína podem garantir melhores dias para o povo brasileiro. O impeachment demonstrou, ao contrário, que “as

nossas instituições estão funcionando”, isto é, que o estamento burocrático, sem alterar-se no mais mínimo que seja, tem a capacidade de resolver seus próprios problemas. (CARVALHO, 2016, s/p)

Não apenas insuficiente, ele também teria desmobilizado “[...] a explosão da revolta das ruas, impedindo que as esperanças populares se cristalizassem no símbolo Jair Bolsonaro” (CARVALHO, 2016, s/p).

Estas declarações foram logo mobilizadas por atores de esquerda nas redes sociais, levando personagens como Reinaldo Azevedo (2016, s/p), a questionar “a quem serve Olavo de Carvalho? Quem o financia? A quais interesses se subordina? Seria Olavo a peça mais exótica e improvável jamais produzida pela mentalidade criminosa de esquerda?”. De forma similar, diversos outros atores *conservadores liberais* e *liberais* passaram a questionar as posições de Olavo de Carvalho, alguns duvidando de sua sanidade e capacidade de análise política, e outros chegando a se perguntar se ele não seria, no fundo, um agente provocador da esquerda. Do lado olaviano, personagens como Reinaldo Azevedo e Luciano Ayan passaram a ser tachados de comunistas e marionetes do PSDB. Este foi o racha, no período pós-impeachment, entre *conservadores liberais* e *liberais* vs. *conservadores guerra fria*, dentre os setores que pregam o retorno à normalidade política, apoiando e buscando influenciar as reformas do governo Temer, e *olavettes* e *bolsominions*, que pregam uma política de “terra arrasada” em relação a toda a classe política nacional. Parte da dramaticidade e dos excessos verbais que guiam essas discussões pode ser possivelmente explicada por uma questão de estilo e da natureza dos comunicadores sociais na web 2.0: o sucesso financeiro e profissional dos formadores de opinião na *internet* costuma depender de cliques, muitos cliques, e conversas amenas tendem a gerar menos cliques do que grandes tempestades verborrágicas e polêmicas.

As divisões entre os liberais são mais discretas, e os grupos opostos ao fusionismo são pouco influentes, tendo pouca visibilidade para fora do universo restrito de seus círculos de discussão na internet. Um desdobramento interessante é que, embora o discurso conservador de caráter moralista tenha maior adesão popular que o discurso liberal¹²⁶, são justamente reformas econômicas de caráter liberal – e não

¹²⁶ Uma pesquisa realizada nas manifestações do *impeachment* apontava para o descompasso ideológico entre os líderes e os manifestantes dos protestos: enquanto as lideranças defendiam reformas de liberalização econômica, os

demandas conservadoras e tradicionalistas –que estão sendo aprovadas no Congresso.

Finalizo com algumas notas sobre a tipologia. Identifiquei uma série de discursos anticorrupção relativamente ausentes de ideologia – para além dos óbvios ataques ao PT – que não se enquadravam em nenhuma das categorias tipológicas propostas no capítulo anterior, nem no *conservadorismo moralista*. Como estes discursos vieram majoritariamente de *produtores e difusores de conteúdo*, creio que eles devam ser interpretados considerando suas finalidades – comunicar e mobilizar determinado público sobre algo, no caso a corrupção –, e que a tomada de posicionamentos que possam gerar desavenças em um público mais amplo – posições mais ideológicas – provavelmente seja propositalmente evitada por estes atores.

Surgiu também um novo tipo não contemplado na tipologia original: à *direita zoeira*, composta majoritariamente por jovens cuja principal motivação é fazer piadas profanas, e quanto mais ofensiva e incorreta a piada, mais profana. Este caráter profanador é descrito por Bokhari e Yiannopoulos¹²⁷ (2016):

These young rebels, a subset of the alt-right, aren't drawn to it because of an intellectual awakening, or because they're instinctively conservative. Ironically, they're drawn to the alt-right for the same reason that young Baby Boomers were drawn to the New Left in the 1960s: because it promises fun, transgression, and a challenge to social norms they just don't understand.

A motivação de ao menos uma parte da direita, então, seria não os altos princípios da política, a defesa de valores transcendentais, de sua classe social, mas simplesmente, diversão! Tendo acompanhado diversos grupos abertos e fechados nas redes sociais nos últimos anos, tendo a acreditar que não apenas a diversão, mas um certo instinto coletivo, semelhante àquele do torcedor de um time de futebol, guia a maior parte das polêmicas e picuinhas políticas no ambiente da web 2.0. Quando, por exemplo, um Olavo de Carvalho ataca um Reinaldo

manifestantes eram majoritariamente a favor de serviços públicos gratuitos e de qualidade (MORTARI, 2015). Descompasso semelhante foi encontrado por Pierucci (1987) três décadas atrás.

¹²⁷ Em artigo no qual descrevem os diversos grupos *alt-right* estadunidense, da qual fazem parte.

Azevedo, os seguidores de ambos os lados se mobilizam: nas enxurradas de chavões que adornam as sessões de comentários; através de mecanismos de *likes* e *dislikes*; produzindo textos e vídeos amadores tomando partido de um ou outro lado, o que acaba gerando um ciclo similar, mas em menor escala, com os defensores do outro lado. Redes que facilmente envolvem milhares de indivíduos são mobilizadas de forma espontânea e descentralizada¹²⁸. As discussões acabam ocorrendo em espaços inimaginados, grupos fechados de amigos, fóruns de videogames. E o que ocorre nesses espaços dificilmente pode ser considerado um diálogo: cada lado fala para os seus, e ocorre aquele bizarro fenômeno – o qual pelo menos no futebol é impossível de acontecer – no qual ambos os lados cantam vitória: “Tio Rei demoliu os olavetes” e “Olavo mitou encima do Tucanaldo Azedo”.

No fim do dia, ou da noite, os torcedores desligam contentes seus computadores, felizes por terem acompanhado todas as emoções, altos e baixos de seu time, enquanto nos diversos graus da rede muitos comemoram os *likes* recebidos e as visualizações de seus vídeos e textos: os amadores os contabilizam as centenas ou poucos milhares, os profissionais os contabilizam nas centenas de milhares e até milhões, eventualmente conseguem até se sustentar financeiramente com isso. É a lógica do entretenimento aplicada à política, a *espetacularização* da política, o advento do político *rockstar* e da economia de *likes*, a qual assume cada vez mais o papel de termômetro da opinião pública.

Estas performances, certamente distintas daquelas que gerações anteriores considerariam apropriadas a debates de natureza política e intelectual, são típicas da utilização da web 2.0 como nova arena política, enquadrando-se no que Marwick (2010) chama de *self-branding*, na qual os atores da web 2.0 realizam trocas afetivas conscientes visando à aquisição de capital social. A atuação dos atores menos centrais nestas disputas¹²⁹ replica o conceito utilizado por Sunstein (2007) de *câmaras de eco*, nas quais os mecanismos de filtragem – muitas vezes automáticos – de redes sociais e mecanismos de busca geram uma dinâmica nas quais os usuários ouvem apenas ecos

¹²⁸ É comum ver em certos grupos de Facebook alguém colocar um post “inimigo” e dizer “ajuda aí galera, vamos oprimir”, ou pedir conselhos sobre o que dizer para vencer uma discussão etc.

¹²⁹ Não posso dividi-los entre emissores e receptores, pois na web 2.0 qualquer indivíduo pode se tornar emissor, nem que seja através das seções de comentários. Mas certamente as posições dentre todos os indivíduos desta interação não são iguais, por isso falo de atores mais ou menos centrais.

de sua própria voz, apenas opiniões parecidas com as suas, um estímulo ao crescimento do extremismo e, nas projeções mais pessimistas de Sunstein, um risco a viabilidade de regimes democráticos em longo prazo.

Considerações tipológicas ou tentando responder a pergunta *nova direita ou velha direita com wi-fi?*

Primeiro precisamos nos perguntar se os tipos ideais representativos da “nova direita” têm ou não o pedigree de direita. Esta pergunta desencadeia outra pergunta: sob qual critério?

Dezenas de páginas atrás – no Capítulo 3 – identifiquei três possibilidades de dicotomias políticas, a partir de pontos de vistas distintos:

a) dicotomia igualitários/inigualitários, formulada por Bobbio (1994), o qual se identificava com social-liberalismo ou social-democracia¹³⁰, defendendo um compromisso entre liberalismo político e socialismo econômico, visando a correção dos defeitos do livre mercado (BRESSER-PEREIRA, 1994);

b) dicotomia progressistas/conservadores, formulado por Levin (2014), que se identificava enquanto conservador;

c) dicotomia coletivistas/individualistas, de formulação liberal, centrada na maior aceitação, ou não, de intervenções coletivas à esfera privada.

De acordo com a formulação liberal, tanto conservadores quanto socialistas seriam coletivistas, os primeiros no campo sociocultural e moral, e os segundos no campo econômico. Nessa narrativa, apenas o mais puro liberalismo é a verdadeira direita¹³¹ ou, o que é mais comum, um terceiro exclusivo. Em qualquer das narrativas o *liberalismo* se distingue e coloca no mesmo bloco socialistas, conservadores, fascistas etc.

Seguindo a formulação de Levin (2014), tanto socialistas quando liberais poderiam ser colocados no campo da esquerda, com os conservadores e, possivelmente, os liberais conservadores, ocupando o campo da direita.

Na formulação de Bobbio, o campo da esquerda não seria

¹³⁰ Ele não via diferença entre os dois termos (BRESSER-PEREIRA, 1994).

¹³¹ Como no anedótico episódio em que Ludwig Von Mises teria chamado Milton Friedman de comunista.

ocupado nem por liberais, nem por conservadores, pois ambas são doutrinas que em diferentes aspectos consideram a igualdade impossível ou indesejável. O conservador é essencialmente um pessimista antropológico, e considera que os homens são naturalmente desiguais, portanto a igualdade é impossível, embora não indesejável. Já o liberal entende a desigualdade como uma consequência natural da interação voluntária de indivíduos criativos, conforme estes coloquem seus talentos e aptidões ímpares de maneiras gratificantes para elas próprias, as quais geram bens e serviços valiosos para terceiros, mas cujo valor varia de acordo com preferências individuais. Nessa narrativa, a igualdade é indesejável, pois só poderia ser obtida através de intervenções à interação voluntária dos indivíduos, transformando-as em interações involuntárias, as quais consideram como consequência não apenas uma redução da liberdade, mas também uma redução da riqueza de uma sociedade.

Se questão do *pedigree* da direita for considerada através da formulação de Bobbio, todos os grupos da tipologia podem ser posicionados no campo da direita. Resolvida esta questão, podemos nos dedicar a compreender se algumas destas direitas são *novas*:

Conservadorismo Guerra Fria: consiste –de forma grosseira – na adição de pitadas de *small government* e *livre-mercado* a uma retórica anticomunista e de moralidade tradicionalista que pode ser remontada a pensadores antiliberais católicos, como Jacques de Figueiredo. Luiz Carlos Alborghetti encontra Ronald Reagan: não há nada de novo no front da guerra fria.

Conservadorismo Liberal: uma direita com apego à tradição, mas também a princípios liberais como *estado de direito*, *direitos individuais* e *livre mercado*. Uma direita conservadora com apeço pelo estado de direito é coisa antigano mundo anglo-saxão; no Brasil, representa uma bem-vinda novidade, mas não se trata exatamente de algo “novo”.

Conservadorismo Moralista: Pierucci (1987) já o havia identificado três décadas atrás.

Liberalismo Conservador: abraça a modernidade econômica, mas vive um paradoxo em relação às consequências culturais e sociais da modernidade: as despreza profundamente, mas não se julga no direito de lhes coibir de forma coercitiva, então opta por garantir seu direito de não ser perturbado por elas¹³². Nada de novo também aqui.

Liberismo: o liberalismo econômico sempre encontrou resistências tanto entre as elites quanto entre os estratos mais baixos da

¹³² Ou seja, sua liberdade negativa.

sociedade brasileira, mas é possível encontrar seus defensores em terras tupiniquins no início e em meados do século XX, como Paulo Prado e Raimundo Faoro.

Liberal-Social: Liberais que efetivamente levam o liberalismo a sério em todas as suas consequências. Não deveriam ser uma novidade, mas são. Também são uma parcela minúscula da “nova” direita.

Libertariano: anarquistas, mas que acreditam que o capitalismo é não apenas a forma econômica mais adequada, como a única que viabilizaria uma sociedade sem Estado. Aqui há uma “novidade” de fato, não apenas no cenário brasileiro, mas também em relação às filosofias políticas do ocidente. Assim como os liberais-sociais, são espécimes raros no universo da “nova” direita.

A sua proliferação por comunidades virtuais da web 2.0, que é praticamente seu único meio de atuação, retoma uma questão levantada no fim do capítulo 2: *existe uma correlação entre o fato dos libertarianos serem majoritariamente jovens, portanto nativos da internet, e o design carregado da Ideologia Californiana da web 2.0? Será política a própria estrutura da internet?* Uma análise séria da questão seria tema para outra pesquisa. Sem ter a pretensão de respondê-la, gostaria de compartilhar um *insight* sobre o tema obtido a partir de minhas convivências, presenciais e mediadas, com libertarianos: as comunidades virtuais, das quais muitos participam entusiasticamente, são muitas vezes autorreguladas. A internet é cheia de experimentos bem-sucedidos de autorregulação, talvez o mais famoso deles seja a wikipedia. A internet também é cheia de experiências de produção coletiva e voluntária, como programas *open source*: o próprio aplicativo utilizado em minha análise de redes vem sendo desenvolvido desta forma, e é completamente gratuito. Adicionalmente, muitos libertarianos também gostam de fazer trocas pela internet, de moedas virtuais como a bitcoin, e ocasionalmente de mercados na *deep web* que vendem coisas consideradas ilegais em muitos países. Vivenciar frutíferas experiências de cooperação voluntária autorregulada, e entender que elas às vezes não podem ser replicadas fora do mundo virtual por conta de regulações estatais, podem ser fatores a incentivar alguém a sonhar com um mundo autorregulado. Quando o Estado comete a temeridade de começar a tentar regular até o maravilhoso mundo autorregulado da internet, o sonho passa a se transformar em resistência. Finalmente, quando se descobre que aquela encomenda maneira da China pelo qual houve uma ansiosa espera de meses foi apreendida pela Receita Federal, é a gota da água! O ódio ao Estado se espalha, soldado pelo interesse individual. O design da web 2.0 certamente aumenta a possibilidade de experimentos

autorregulatórios bem sucedidos, sendo também um ambiente extremamente difícil – se não impossível – de ser completamente regulado.

Há um pouco de *novo* por toda a direita – embora aja mais em uma parte dela do que em outras – por efeito da mudança geracional nos costumes.

Esta parte da direita talvez seja *nova* por ser formada por uma geração mais tolerante a certas mudanças nos costumes e nos valores da sociedade: é raro, por exemplo, encontrar alguém que queira revogar o direito do divórcio mesmo entre os mais reacionários em nossa sociedade. Podemos encontrar muitos que sejam contra o divórcio, mas não encontraremos praticamente nenhuma voz, pública ao menos, que seja contra o *direito* do divórcio, sendo importante lembrar que a conquista deste direito foi arduamente combatida pelos setores conservadores poucas décadas atrás. Da mesma forma, podemos pensar um exemplo ainda mais extremo: os conservadores brasileiros eram em grande parte a favor da escravidão no século XIX, mas não se encontra uma única voz que hoje peça o retorno da escravidão. Se existem hoje setores da direita favoráveis à legalização da maconha é porque a opinião da sociedade de forma geral vem se modificando de forma favorável a esta pauta. Pode-se dizer que as bandeiras essenciais da direita, em especial as relacionadas à economia e à ordem social, se mantêm as mesmas, o que muda são aquelas relacionadas aos costumes e a moral.

A própria esquerda se modifica de maneira semelhante – embora também seja razoável dizer que ela tende a se modificar antes que a direita –, pois o que se chamou de *new left* foram justamente os setores da esquerda que abandonaram a ortodoxia marxista para abraçar as novas bandeiras de seu tempo. Se foi válido chamar a *new left* de *nova* por isso, me parece justo que se atribua à direita o mesmo direito.

Agora, respondendo diretamente a pergunta *nova direita ou velha direita com wi-fi?*:

existe sim uma nova direita, mas ela é pequena, quase insignificante, o “PSTU da direita”, na ironia do sociólogo Carlos Alberto de Almeida (VOITCH, 2012), gotas em um oceano. Poder-se-ia atribuir – com justiça – o rótulo de *nova* direita a liberal-sociais e libertarianos, mas eles não parecem querer este rótulo, e nem o resto da direita demonstra estar muito disposto a lhes fazer esta concessão. Talvez eles realmente não se encaixem na divisão de cadeiras da Revolução Francesa: não sejam nem direita, nem esquerda, e sim outra coisa, não explicável em chave binária.

Esta é uma forma de abordar a questão, existe outra, mais simples e a qual me exige de participar das guerras taxonômicas da direita. Podemos identificar na chamada nova direita, não necessariamente novos pacotes ideológicos, mas à presença de novos atores, cujas trajetórias diferem daquelas de atores tradicionais ligados à direita: como a vinculação direta ao empresariado, partidos políticos, forças armadas ou grupos religiosos. Atores os quais embora possam ser referenciados a alguns dos grupos tradicionais de atores da direita brasileira - e talvez apoiem abertamente alguns destes grupos - surgem de forma relativamente independente a estes.

Considerações sobre o alcance do estudo

Este estudo é uma tentativa de compreender, no ambiente da web 2.0, os grupos ideológicos e as articulações formadas por estes que, principalmente a partir de 2013, foram sendo chamados de nova direita, e embora estes frequentemente se associem com fenômenos externos à web 2.0: mídia e atores políticos tradicionais e, de forma mais dramática, com diversas manifestações de rua a partir de 2013; certamente existem distinções entre as manifestações da direita no Facebook e outras redes da web 2.0, e entre estas e as manifestações da direita nas ruas.

Primeiramente é possível apontar para o fenômeno do descompasso ideológico entre as lideranças das manifestações e os manifestantes identificados nas manifestações de rua (MONTEIRO, 2016), fenômeno identificado de forma muito similar no final da década de 1980 por Pierucci (1987). Embora esse descompasso também possa ser encontrado em minha cartografia – vide aqueles grupos de teor ideológico mais difuso, focados em discursos antipetistas e anticorrupção –, foram mais numerosos, em minha amostra, grupos com um maior grau de “pureza” ideológica. Isso possivelmente reflete os processos de filtragem aos quais submeti minha cartografia. Em segundo lugar, minha análise menciona apenas de forma superficial o papel exercido por *think tanks* nacionais e internacionais na formação de diversos desses grupos¹³³, relações investigadas em profundidade por Camila Rocha (VELASCO E CRUZ et al, 2015) e Marina Amaral

¹³³ O MBL, por exemplo, surgiu inicialmente a partir de um grupo ligado aos Estudantes pela Liberdade, organização estudantil de ideologia liberal ligado a outras instituições liberais nacionais e internacionais.

(2016).

Um estudo das redes sociais não compreende todo o universo político: elas não são o *lócus* clássico da política, são, afinal, meios de comunicação, mas radicalmente descentralizados e em uma escala inédita na história de nossa espécie, que possibilitam novas formas de expressar, organizar e sentir a política. A motivação deste trabalho foi a de compreender aqueles atores que, a partir do ambiente descentralizado da web 2.0, conseguiram angariar graus de projeção e influência – nem que apenas intelectual – os quais dificilmente teriam alcançado através dos meios mais tradicionais de comunicação de massa. Se estes atores oriundos da *web 2.0* irão substituir os atores mais tradicionais da mídia e da política, ou se eles serão apenas absorvidos por estes, apenas o tempo irá responder.

Deixo aqui uma pequena lista de sugestões para estudos futuros, ou seja, uma lista de tudo aquilo que eu gostaria de ter feito, mas que as contingências não permitiram:

a) Análises mais abrangentes dos conteúdos textuais de postagens no facebook, possivelmente através dos métodos utilizados por Malini (2016) no estudo de redes no Tweeter;

b) Uma análise mais aprofundada da atuação dos principais atores destas redes em organizações externas: think tanks, empresas, Ong's, mídia tradicional, partidos políticos, possivelmente a partir dos métodos utilizados por Minella (2007a; 2007b) em seus estudos de redes transassociativas de bancos na América Latina;

c) Análises biográficas dos principais atores destas redes, com ênfase em seus backgrounds sociais e educacionais, com vistas a identificar a existência, ou não, de perfis em comum entre estes, assim como entre os centros de formação ideológica.

Finalmente gostaria de expressar minhas esperanças de que este trabalho ajude a compreender fenômenos mais amplos que os discursos da nova direita na *internet*, fenômenos como a *espetacularização* da política, a reformulação dos espaços da direita brasileira a partir de suas experiências na rua, as relações entre juventude e o antiestatismo da direita, ideologias políticas e identidades e como se dão as disputas simbólicas - tanto dentro da própria direita, como no universo político mais amplo -, como ocorrem aquilo que Grün (2008) chamou de disputas cognitivas, metapolíticas, disputas pela interpretação hegemônica da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACORDA BRASIL. **Comunicado**: Acorda Brasil rompe com Aliança dos Movimentos do Vem Pra Rua. 06/05/2015. Disponível em: <<http://acordabrasil.org/acorda-brasil-rompe-alianca-movimentos-vem-pra-rua/>>. Acesso em: Ago 2015.

AGUIAR, Alexandre Magno Fernandes Moreira. **O que realmente pensam os conservadores**. 1 Mai. 2010. Disponível em: <<http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/conservadorismo/11035-o-que-realmente-pensam-os-conservadores.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.,GEWANDSZNADJER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo, Pioneira, 2 ed. 2001.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em Comunicação Digital. In: **Sessões do Imaginário**. Porto Alegre, Ano 13, n. 20, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>>. Acesso em: Abril, 2015.

AMARAL, Marina. **A nova roupa da direita**. 25 Jun. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-roupa-da-direita-4795.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

AZEVEDO JR., Paulo Ricardo. **Congresso aprova lei que, na prática, legaliza o aborto no Brasil**. 9 Jul. 2013. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/congresso-aprova-lei-que-na-pratica-legaliza-o-aborto-no-brasil>>. Acesso em Jan 2015.

_____. **Marxismo Cultural e o Comunismo**. [Vídeo]. 8 Fev. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wwOyDgRACxA>>. Acesso em Out 2014.

AZEVEDO, Reinaldo. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. 02/09/2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota/>>. Acesso em: Fev. 2015.

_____. **Quem paga Olavo de Carvalho para ele atacar expoentes da tese pró-impeachment?**. 25 Mai. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/quem-paga-olavo-de-carvalho>>

para-ele-atacar-expoentes-da-tese-pro-impeachment/>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Um espanto! Deltan antecipa a sentence de Lula e até a condenação.** 17 Mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/um-espanto-deltan-antecipa-a-sentenca-de-lula-e-ate-a-condenacao/>>. Acesso em: Mar. 2017.

BANNON, Steve. DHI conference at the Vatican. 2014. In: FEDER, J. Lester. **This i show Steve Bannon sees the entire world.** 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/lesterfeder/this-is-how-steve-bannon-sees-the-entire-world?utm_term=.qeMWWlINXD#.ongkkDDleY>. Acesso em: Mar. 2017.

BLACKSMITH OLIVER. **Aborto um ataque real, empreiteiras do aborto instrumentalizam senadoras.** [Vídeo]. 23 Mar. 2012. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=XMMZ9mvyEXU>>. Acesso em Out 2014.

BOBBIO, Norberto. 1994. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política.** 2 ed. UNESP, São Paulo, 2001.

BOKHARI, Allum; YIANNOPOULOS, Milo. **An establishment conservative’s guide to the alt-right.** 29 Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>>. Acesso em: Mar. 2017.

BORGES, Alexandre. **O dono do mundo.** 13 Ago. 2013. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/15385-o-dono-do-mundo.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

BRANDÃO, Marcelo. **Manifestação em Brasília faz enterro simbólico da “velha política” brasileira.** 17 Mar. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/manifestacao-em-brasilia-faz-enterro-simbolico-da-velha-politica-brasileira>>. Acesso em: Mar. 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Bobbio defende o ‘compromisso’ entre liberalismo e socialismo.** 5 Dez. 1994. Pdf.

CARSON, Kevin. **The Left-Rothbardians, Part I: Rothbard.** 28 Set. 2012. Disponível em: <<https://c4ss.org/content/12938>>. Acesso em: Mar. 2017.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. 3 ed. 1996. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/livros/neindex.htm>>. Acesso em: Mai 2017.

_____. **Do marxismo cultural**. 2002. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/06082002globo.htm>>. Acesso em: Mai 2017.

_____. **Por que o brasileiro vota na esquerda**. 1 Set. 2006. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/060901zh.html>>. Acesso em: Out. 2014.

_____. **Rodericus Constantinus Grammaticus**: o anti-estudante ou o Homem do Mím. 2007a. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/homem_mim.html>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Barbárie Mental**. 15 Fev. 2007b. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Disfarçando o mico**. 16 Fev. 2007c. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/mico.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Recado atrasado a Rodrigo Constantino**. 3 Mar. 2007d. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/homem_mim_5.html>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Por que não sou liberal**. 8 Mar. 2007e. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/070308jb.html>>. Acesso em Set. 2015.

_____. **A maior trama criminosa de todos os tempos**. Set-Dez 2007f. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **A revolução globalista**. Set-Out 2009. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/semana/0909digestoeconomico.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Demolindo Otávio de Ramalho**. 4 Mai. 2012. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/120504msm.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Videoconferência de lançamento de ‘O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota’**. 21 Out. 2013. Disponível em: <<http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/cultura/14621-videoconferencia-de-lancamento-de-o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Eleições e fraude**. 28 Out. 2014. Disponível em: <<https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2014/10/28/eleicoes-e-fraude>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Diário Filosófico de Olavo de Carvalho: o impeachment de Dilma Rousseff**. 31 Ago. 2016. Disponível em: <<http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/cultura/16695-2016-08-31-23-04-50.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Conservadores de boa estirpe**. 16 Mai 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaو/artigos/conservadores-de-boa-estirpe-7gwqwx6swhg0i4gd9l0hrgpt7>>. Acesso em: Mai 2017.

CASTRO, Gabriel. **O incrível caso do país sem direita**. In: *Veja*. 03/04/2011. s/p. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-incrivel-caso-do-pais-sem-direita>>. Acesso em: Fev. 2015.

CELETI, Filipe Range. **Uma defesa do defusionismo, ou uma aula para filipe altamir**. 11 Jul. 2014. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/uma-defesa-desfusionismo-ou-uma-aula-para-filipe-altamir/>>. Acesso em: Mar. 2017.

CHAGAS, Aldé Escobar. A febre dos blogs de política. In: **FAMECOS**, n.33. Porto Alegre, 2007. p.29-40.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A Nova Direita Brasileira: ideias, retórica e prática política. In: **Insight Inteligência**, n. 72, 2016. p. 25-41.

CHANG *et al.* **Visualizing the Republic of Letters**. Santa Terese: Standfort, 2009. Disponível em: <http://web.stanford.edu/group/toolingup/rplviz/papers/Vis_RofL_2009>. Acesso em: Jul. 2015.

CONSTANTINO, Rodrigo. **O Tumulo do Fanatismo**. 8 Fev. 2007a. Disponível em:

<<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/o-tmulo-do-fanatismo.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Resposta a Olavo**. 12 Fev. 2007b. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/resposta-olavo.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Fides et Ratio**. 13 Fev. 2007c. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/fides-et-ratio.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **A desonestidade de Olavo**. 15 Fev. 2007d. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/desonestidade-de-olavo.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **A vaidade de Olavo**. 17 Fev. 2007e. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/vaidade-de-olavo.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **O prego do Olavo**. 27 Fev. 2007f. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2007/02/o-prego-do-olavo.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **Uma Vez Embusteiro...** 12 Fev. 2008a. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2008/02/uma-vez-embusteiro.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **O Desespero de Olavo**. 19 Fev. 2008b. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2008/02/o-desespero-de-olavo.html>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **A direita tacanha e o astrólogo embusteiro**. 26 Abr. 2012. [Vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fgasM4boDEY>>. Acesso em Out. 2014.

_____. **A doutrinação ideológica do ensino público desmascarada por uma educadora**. 26 Mar. 2014. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.com/historico-veja/a-doutrinacao-ideologica-no-ensino-publico-desmascarada-por-uma-educadora/>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Não existe liberal-conservador**. 7 Nov. 2017. Disponível em: < <http://rodrigoconstantino.com/artigos/nao-existe-liberal-conservador/>>. Acesso em: Mar. 2017.

CORDEIRO, Nivaldo. **O bestialógico do Constantino**. 9 Fev. 2007. Disponível em: < <http://www.nivaldocordeiro.net/obestialogicodeconstantino.html>>. Acesso em Out. 2014.

CORLONANO, Ítalo. **Quem é o que pensa a nova direita**. 30 Mar. 2014. Disponível em: < <http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2014/03/29/noticiasjornaldom,3228081/quem-e-e-o-que-pensa-a-nova-direita.shtml>>. Acesso em Jan. 2015.

CORNILS, Patrícia. **Facebook: um mapa das redes de ódio**. 11/03/2014. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/facebook-um-mapa-das-redes-de-odio-327.html>>. Acesso em: Jun. 2015.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2014. 127p.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. vol.1. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DIAGRAMA DE NOLAN. Disponível em: < <http://www.diagramadenolan.com.br/?locale=PT>>. Acesso em: Nov. 2014.

DIGITAL VISITOR. **Facebook's people talking about this' metric – what is it how & how to improve your score?**. 3 Jul. 2013. Disponível em: < <http://digitalvisitor.com/facebook-people-talking-about-this-metric-what-is-it-how-to-improve-your-score/>>. Acesso em: Mar. 2017.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____, René Armand. **O jogo da direita na Nova República**. Vozes, Petrópolis, 1989. 294 p.

EBELING, Richard M. **Milton Friedman and the Chicago School of Economics**. Pdf. 2006. Disponível em: <

file:///C:/Users/beto/Downloads/12-06-richard_ebeling.pdf>. Acesso em: Fev 2017.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2001. 949p.

FELICIANO, Marco Antonio. **Pronunciamento 26/02/2014 – Olavo de Carvalho**. [Vídeo]. 26 Fev. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CIFB9RXmli0&list=PLBzldT2BteHV3oVOgVCh_56p6uBvg0W3x>. Acesso em Out. 2014.

FISHER, Max. **What is Donald Trump's Foreign Policy?**. 11 Nov. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/11/12/world/what-is-donald-trumps-foreign-policy.html?_r=0>. Acesso em: Mar. 2017.

FONSECA, Joel Pinheiro da. **O que há de novo na Nova Direita?** 31 Jan. 2014. Disponível em: <<http://www.fabioostermann.org/blog/o-que-h-de-novo-na-nova-direita>>. Acesso em Jan. 2015.

FRANCIS, Samuel. **The Paleo Persuasion**. 16 Dez. 2002. Disponível em: <<http://www.theamericanconservative.com/articles/the-paleo-persuasion/>>.

FRANK, Robert H. **The Other Milton Friedman: A Conservative With a Social Welfare Program**. 23 Nov. 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/11/23/business/23scene.html>>. Acesso em: Fev 2017.

FRANCESCHET, Massimo. **Eingenvector Centrality**. [s/d]. Disponível em: <<https://www.sci.unich.it/~francesc/teaching/network/eigenvector.html>>. Acesso em: Mar. 2017.

FREITAS, Leandro Quintanilha de. **Medidas de centralidade em grafos**. Dissertação de Mestrado. UFRJ: COPPE, 2010. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_m/LeandroQuintanilhaDeFreitas.pdf>. Acesso em: Mar. 2017.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

GEHL, Robert W. **A Cultural and Political Economy of Web 2.0**. Tese de Doutorado. George Mason University, 2010.

GOÉS, Carlos. **O Salário Mínimo ajuda mesmo o trabalhador? Como funciona fora do Brasil?** 20 Jan. 2015. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/2015/01/o-salario-minimo-ajuda-mesmo-o-trabalhador-como-funciona-fora-brasil/>>. Acesso em Jan 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. 2002. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000240126>>. Acesso em: Jun. 2015.

GRÜN, Roberto. Guerra cultural e transformações sociais: as eleições presidenciais de 2006 e a “blogosfera”. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 621-666, set./dez. 2008.

INGRAM, Mathew. **Why Breitbart News will be the closest thing to a state-owned media entity**. 15 Nov. 2016. Disponível em: <<http://fortune.com/2016/11/15/breitbart-trump-media/>>. Acesso em: Mar. 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HAMOWT, Ronald *et al.* **The encyclopedia of libertarianism**. Thousand Oaks: SAGE. Pdf. 2008. 623p.

HOPPE, Hans-Hermann. **Os problemas com o conservadorismo atual e com uma ala do libertarianismo**. 2 Mai. 2014. Disponível em: <<https://mises.org.br/Article.aspx?id=1852&ac=86954>>. Acesso em: Fev 2017.

JÚNIOR, Valdenor. **As raízes liberais-libertárias: Quem são e o que defendem os Bleeding Heart Libertarians**. 2013. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/2013/11/as-raizes-liberais-libertarias-quem-sao-e-o-que-defendem-os-bleeding-heart-libertarians/>>. Acesso em: Ago 2015.

KEEN, Andrew. **O culto do Amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LABIC. Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit. 2014. Disponível em: <
<http://www.labic.net/grafos/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>>. Acesso em: Jun. 2015.

LEVIN, Yuval. The Great Debate: Edmund Burke, Thomas Paine, and the birth of right and left. New York: Basic Books. ISBN 978-0-465-04094-0. E-book. 2014.

_____. **A New Political Reality.** 9 Nov. 2016a. Disponível em: <
<http://www.nationalreview.com/corner/442040/new-political-reality-yuval-levin>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **The New Republican Coalition.** 17 Nov. 2016b. Disponível em: <
<http://www.nationalreview.com/article/442238/republican-party-after-trump-new-coalition-will-be-more-populist-nationalist>>. Acesso em: Mar. 2017.

LARA, Gabriela. Fundador do MBL se candidata à Prefeitura de Porto Alegre pelo PSL após deixar grupo. Disponível em: <
<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fundador-do-mbl-se-candidata-a-prefeitura-de-porto-alegre-pelo-psl-apos-deixar-grupo,10000067262>>. Acesso em: Mar. 2017.

LUCEMA, Eleonora de. Nova direita surgiu após junho, diz filósofo. 31 Out. 2014. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>>. Acesso em Jan. 2015.

MALINI, Fábio. O comunismo das redes – sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGCOM, 2007. 333p.

_____. **NAR, um script para analisar a semântica e a movimentação interativa no Facebook.** Disponível em: <
<http://www.labic.net/nar-um-script-para-analisar-a-semantica-e-a-movimentacao-interativa-nas-fanpages-do-facebook/>>. Acesso em: Jul. 2015.

_____. Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2007). **Ciências da Comunicação na Região Sudeste.** São Paulo, 07 a 10 de maio de 2008.

_____. Narrativas no Twitter: o fenômeno no Brasil e as suas implicações na produção do **Comum**, n.31, p. 121-142, 2012.

_____. **Introdução à Teoria dos Grafos e Análise de Redes Sociais.** [Arquivo]

<http://pt.slideshare.net/fabiomalini/introduo-teoria-dos-grafos-e-anlise-de-redes-sociais>>.

_____. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias rede. In: **XXV Encontro Anual da Compós**. Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016.

MARTINS, Paulo Eduardo. **SBT PR – A perseguição aos cristãos e o silêncio da imprensa**. [Vídeo]. 24 Set. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xcbb2h6wvqw>. Acesso em Out. 2014.

MARTINUZZO, Marcel. MALINI, Fábio.. A Blogosfera Política como Inteligência de Enxame. **XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. Vitória, 13 a 15 de maio de 2010.

MARWICK, Alice E. **Status Update: Celebrity, Publicity and Self-Branding in Web 2.0**. Tese de Doutorado. New York University. 2010.

MAUAD, João Luiz. **Por que digo não ao fusionismo**. 15 Jul. 2014. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/por-que-digo-nao-ao-fusionismo/>>. Acesso em: Mar. 2017.

MCDONALD, W. Wesley. Prescription. In: **First Principles: the home of intellectual conservatism**. Revista Eletrônica. 2011. Disponível em: <<http://www.firstprinciplesjournal.com/articles.aspx?article=648&them=e=cotho&loc=b>>. Acesso em: Out. 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **Entrevista de José Guilherme Merquior à VEJA**. 1981. Disponível em: <<http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/entrevista-jose-guilherme-merquior/>>. Acesso em: Out. 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo: Antigo e Moderno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 260p.

MINELLA, Ary Cesar. Globalização financeira e as associações de bancos na América Latina. Civitas - **Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 245-272, maio 2007a. ISSN 1984-7289. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/120/115>>. Acesso em: mar. 2017.

_____. Representação de classe do empresariado financeiro na América Latina: a rede transassociativa no ano 2006. In: **Rev. Soc. Polit.**, Curitiba, 28, p. 31-56, jun. 2007b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n28/a04n28.pdf>>. Acesso em: mar. 2017.

MISES, Ludwig Von. The social function of democracy. In: **Socialism: economic and sociological**
<http://www.huffingtonpost.com/searchanalysis>. Indianapolis: LibertyPress, 1981. P.71-75.

MORAES, Reginal C. **Neoliberalismo – de onde vem, para onde vai?**. São Paulo: Senac, 2001. Disponível em: <
https://reginaldomoraes.files.wordpress.com/2012/01/livro_neoliberalismo.pdf>. Acesso em Jul. 2015.

MORTARI, Marcos. **“Estado mínimo” separa líderes dos protestos e manifestantes pró-impeachment**. 26 Ago. 2015. Disponível em: <
<http://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/4245209/estado-minimo-separa-lideres-dos-protestos-manifestantes-pro-impeachment>>. Acesso em: Mar. 2017.

MURPHY, Robert P. **The Chicago School versus the Austrian School**. 20 Jun 2011. Disponível em: <
<https://mises.org/library/chicago-school-versus-austrian-school>>.

NOGUEIRA, Paulo. **A ‘nova direita’ brasileira lembra cada vez mais a velha direita venezuelana**. 31 Out. 2014. Disponível em: <
<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-nova-direita-brasileira-lembra-cada-vez-mais-a-velha-direita-venezuelana/>>. Acesso em Jan. 2015.

NOGUEIRA, Paulo. **A ‘nova direita’ brasileira lembra cada vez mais a velha direita venezuelana**. 31 Out. 2014. Disponível em: <
<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-nova-direita-brasileira-lembra-cada-vez-mais-a-velha-direita-venezuelana/>>. Acesso em Jan. 2015.

NYQUIST, Jeffrey. **Fantasy, Fraud, and Socialism**. 10 Ago. 2010. Disponível em: <
<http://www.financialsense.com/contributors/jr-nyquist/fantasy-fraud-and-socialism>>. Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Quando os conservadores adotam o erro**. 12 Abril 2014. Disponível em: <
<http://www.midiasem mascara.org/artigos/globalismo/15118-quando-os-conservadores-adotam-o-erro.html>> Acesso em: Mar. 2017.

_____. **Golitsyn’s Methodology and the Trump Administration**. 20 Fev. 2017. Disponível em: <
<http://www.jrnyquist.com/golitsyn-s-methodology.html>> Acesso em: Mar. 2017.

OCC ALERTA BRASIL. **Temer o novo agente do Foro de São Paulo:** a verdade sobre Temer, PT, PMDB e PSDB. 22 Mai. 2016. Disponível em: < <http://occalertabrasil.blogspot.com.br/2016/05/temer-o-novo-agente-do-foro-de-sao.html>> Acesso em: Mar. 2017.

OSTERMANN, Fábio Maia. **Os liberais e o espectro político unidimensional:** direita, esquerda ou algo mais? Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Porto Alegre: PUC-RS, 2014a.

_____. **Ser liberal é defender que casais homossexuais tenham o direito de ter armas para proteger suas plantações de maconha.** 5 Mar. 2014b. Twitter: @FabioOstermann. Acesso em: Mar. 2017.

PARSONS, James. **Facebook's war continues against fake profiles and bots.** 22 Mai. 2015. Disponível em: < http://www.huffingtonpost.com/james-parsons/facebooks-war-continues-against-fake-profiles-and-bots_b_6914282.html>. Acesso em: Mar. 2017.

PEREIRA, Moacir. **Professor Sérgio Colle metralha professor Paulo Pinheiro Machado.** 31 Mar. 2014. Disponível em: < <http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2014/03/31/professor-sergio-colle-metralha-professor-paulo-pinheiro-machado/?topo=67,2,18,,67>>. Acesso em Out 2014.

PEW. **Political Polarization in the American Public.** 2014. Disponível em: < <http://www.people-press.org/2014/06/12/political-polarization-in-the-american-public/>>. Acesso em Jan. 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As Bases da Nova Direita. In: **Novos Estudos**, n. 19, Dez. 1987. Disponível em: < http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/53/20080623_as_bases_da_nova_espera.pdf>. Acesso em: Jul. 2015.

PRADO FILHO, Kleber. TETI, Marcela Montalvão. A Cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. In: **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p.45-59, jan./jun. 2013.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil:** ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Ibrasa, 1981. 156p.

RICHMAN, Sheldon. **O salário mínimo prejudica os mais vulneráveis.** 17 Jan. 2014. Disponível em: < <http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/salario-minimo-prejudica-vulneraveis/>>. Acesso em Out 2014.

ROBINSON, Edward. **For Libertarian Utopia, Float Away on ‘Startup’ Nation**. 30 Mai 2014. Disponível em: < <https://www.bloomberg.com/news/articles/2014-05-30/for-libertarian-utopia-float-away-on-startup-nation>>.

ROCKWELL, Llewellyn H. **Mises and Liberty**. 15 Set. 1998. Disponível em: < <https://mises.org/library/mises-and-liberty>>. Acesso em: Mar 2017.

RODRIGUES, Fernando. **Aliança de grupos contra Dilma racha em dia de protesto em Brasília**. 15/04/2015. Disponível em: < <http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2015/04/15/alianca-de-grupos-contradilma-racha-em-dia-de-protesto-em-brasilia/>>. Acesso em: Ago 2015.

ROTHBARD, Murray N. Milton Friedman Unraveled. In: **Journal of Libertarian Studies**, vol. 16, no. 4, pp. 37-54. Pdf. 2002. Disponível em: < https://library.mises.org/sites/default/files/16_4_3.pdf>.

ROTHBARD, Murray N. **The New Banner Interview with Murray N. Rothbard**. 1972. Disponível em: < <https://mises.org/library/new-banner-interview-murray-n-rothbard-0>>. Acesso em: Mar. 2017.

SÁ SILVA e outros. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I - Número I - Julho de 2009 (pp. 1-14).

SALERNO, Joseph T. Mises and Hayek Dehomogenized. In: ROBBINS, John W.; SPANGLER, Mark (organizadores). **A Man of Principle: Essays in Honor of Hans F. Seeholz**. Pennsylvania: Grove City College Press, 1992. P.114-144.

_____. **Rothbard Vindicated**. 4 Set. 2009. Disponível em: < <https://mises.org/library/rothbard-vindicated>>. Acesso em: Mar 2017.

SILVA, Ricardo. História intelectual e teoria política. In: **Revista de Sociologia e Política**, vol. 17, n. 34, pp. 301-318, 2009.

SINGER, André. 2000. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro: A identificação Ideológica nas Disputas Presidenciais de 1989 e 1994**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. In: **Novos estudos – CEBRAP [online]**. 2013, n. 97, pp. 23-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

33002013000300003&lng=en&tlng=es.%2010.1590/S0101-33002013000300003>. Acesso em: Set. 2015.

SOCHA, Eduardo. **Entrevista – Andrew Keen**. 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-andrew-keen/>>. Acesso em: Ago 2015.

SOUZA, Maria Clara Paixão de. **Um breve panorama**. Disponível em: <<http://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>>. Acesso em: Jul. 2015.

SPRINGER *et al* (Orgs). **The Handbook of Neoliberalism**. New York: Routledge. 2016. 312p.

STOREY, Kate. **Who is Steve Bannon? 17 thing to know about Donald Trump’s Chief Strategist**. 14 Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.cosmopolitan.com/politics/a8288455/who-is-steve-bannon-trump-chief-strategist/>>. Acesso em: Mai 2017.

SUNSTEIN, Cass R. **Republic.com 2.0**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

TUCKER, Jeffrey A. **Against Libertarian Brutalism**. 2014. Disponível em: <<https://fee.org/articles/against-libertarian-brutalism/>>. Acesso em: Nov 2016.

VELASCO E CRUZ, S. *et al* **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. 304p.

VOITCH, Guilherme. **Jovens se organizam e tentam criar legendas da ‘nova direita’**. 14 Mar. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/jovens-se-organizam-tentam-criar-legendas-da-nova-direita-4305063>>. Acesso em Jan. 2015.

WATSON, Steve. **Bilderberg 2015: encontro será nos Alpes austríacos**. 2015. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/15658-2015-02-05-20-48-27.html>>.

WE ARE SOCIAL. **Internet use in Brazil**. 2017. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/wearesocialsg>>. Acesso em: Mai 2017.

WOERDENBAG F., João Luiz. **Lobão traz Olavo de Carvalho e Rodrigo Constantino, ao vivo e em cores**. [Vídeo]. 30 Jan. 2014. Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=WVG5HKkwjZo>>. Acesso em Out. 2014.

YIANNOPOULOS, Milo. **Does feminism make women ugly?** 26 Jul. 2015. Disponível em: < <http://www.breitbart.com/big-government/2015/07/26/does-feminism-make-women-ugly/>>. Acesso em: Mar. 2017.

ANEXOS

Anexo I – Lista das páginas excluídas manualmente na cartografia de 2016

1st Special Forces Command - Airborne	FBI - Federal Bureau of Investigation	Portal Brasileiro
ABC News	FBI Community Outreach	Portal Praias Brasil
ABIME (associação brasileira de imprensa de mídia eletrônica)	Fecomercio GO	Portal Praias Brasil
Abril em Londres	Federal Senate	Portal R7
Academia da Força Aérea - AFA	Financial Times	Portal São Paulo
Acunpuntura por Alexandre Chut	First Draft News	Pragmatismo Político
ADPF - Associação nacional dos delegados da polícia federal	FNE - Federação Nacional dos Enfermeiros	Pré-Enem AlfaCon
Aeronáutica Brasileira	Folha Ciência e Saúde	Prefeitura de Leopoldo de Bulhões
Agence France-Presse	Folha de São Paulo	Prefeitura Municipal de Cidade Ocidental
Agência Brasil	Folha do Povo	Programa Hoje em Dia
AGU Advocacia Geral da União	Folha Poder	Proureb - Promotorias de Justiça de Defesa da Ordem Urbanística
Anadep - Associação	Folha	Público

Nacional dos Defensores Públicos	Política	
Animal Shame	Forbes	Rádio ABC
Aparecida de Goiânia	Força Aérea Brasileira	Reclame Aqui
Apple Brasil	Força Aérea Brasileira	ReclameAQUI para Facebook
ArchDaily	Força Aérea Brasileira (FAB)	Rede Bodytech de Academias
Arena SBT	Fox News	Rede Globo
Artesanatos Martinha	Futebol Picante	Rede Record
Associação Esportiva Jataiense	G1	Rede Record
Associação Nacional dos Procuradores Municipais	Gadoo	Rede Record
AUTOPRO - CAPAS DE ESTEPE ESPECIAIS	Gazeta Social	Rede TV!
Avaaz	Gestão de Produto de Moda	Reporters without borders
Aventuras na História	Globo Repórter	Restaurant e Eleven
Ayrton Senna da Silva	Goianésia Esporte Clube	Reuters
Bahia Notícias	Goiania Esporte Clube	Revista Bula
Band Page	Goiás	Revista EXAME
Barack Obama	Goiás	Revista Istoé
BBC Brasil	Goiás Esporte Clube	Revista Mundo Estranho

BBC Mundo	Greenpeace Brasil	Revista Nabuco
BBC News	Greenpeace International	Revista Superinteressante
BBC Persian	Greenpeace España	Revista Voto
Bela Vista de Goiás	Gshow - O entretenimento da Globo	Sabrina Sato
Bloomberg	Guia do Estudante	SBT
Bom dia Brasil	Harvard Business Review	SBT Brasil
Brasil Business ON LINE	HBO	SBT Brasília
BRASIL pode ter 1 milhão de fãs antes de qualquer outro país !!!!...	History	Science of Us
Brazilian Air Force	HuffPost Brasil	Secretária da Educação do Estado de São Paulo
Câmara dos Deputados	HuffPost Business	Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho
Canal do Produtor	Hug Pugs	Secretária de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo
Caras Brasil	iba	Senado Federal
Carta Capital	IG	SIEG - Sindicato dos Enfermeiros do Estado de Goiás
CBN	Imóveis a venda em Miami	Sistema Ambiental

		Paulista
CBN Rio	Inc. Magazine	Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
Chevrolet Brasil	INFO	Sucesso FM 98 Valparaíso - GO
Cidade Alerta	InfoMoney	Superior Tribunal de Justiça (STJ)
CLAUDIA Online	Inhumas	TechCrunch
Clube dos Repórteres Políticos de Goiás	Isso É Brasil	Terra
Clube Recreativo e Atlético Catalano	Itaberaí	The Economist
CNN	Jornal da Globo	The Guardian
Co. Exist	Jornal da Record - JR	The Huffington Post
Compassion Over Killing	Jornal do SBT	The Humane Society of the United States - Farm Animal Protection Campaign
ConJur	Jornal do SBT	The New York Times
Conselho Nacional de Justiça (CNJ)	Jornal do Sbt Brasília	The Next Web
Conselho Superior da Justiça do Trabalho - CSJT - Brasil	Jornal do SBT Manhã	The Noite com Danilo Gentili
ConstroiCerto	Jornal Hoje	The Wall Street Journal
Contato Animal	Jornal Nacional	The Wall Street Journal em

		Português
Contato Comunicação	Jornal NH	Time
Controladoria Geral da União - CGU	Jornal Opção	To Save The Whale film
Correio Braziliense	Jovem Pan Online	Tribunal de Justiça de São Paulo
Correio do Poder	Laura Pausini	TV Cultura
Correio dos Pireneus	Le Monde.fr	TV Senado
Cristovam Buarque	Luciana Genro	Twitter
Dani Alves	Lula	U.S Army Infantry
Der Spiegel	Manguetown	U.S Army Special Operations Command
Desaparecidos - Missing	Marinha do Brasil	U.S. Army
Diario Clarín	MdeMulher	U.S. Government Accountability Office (GAO)
Diario da Manhã	MG Hair Design	U.S. Marine Corps
Diario de Pernambuco	Ministério da Saúde	United Nations
Diário do Poder	Ministério da Saúde - HIV/Aids	United States
Dilma Rouseff	Ministério Público do Distrito Federal e Territórios - MPDFT	United States
Dilma Rousseff	Ministério Público do Estado de São Paulo	United States Air Force
Dilma Rousseff	Ministério Público do Estado do Rio de	UOL

	Janeiro - MPRJ	
Doações para animais	Ministério Público do Trabalho	UOL entretenimento
Educar para Crescer	Ministério Público Federal - MPF	UOL Notícias]
El País	Monte Cristo Esporte Clube	UOL Política
El País Brasil	Multishow	US Air Force Academu (official)
Em Tempo	National Geographic	US Open Government
Encontro Brasilia	National Geographic Channel	USAF Security Forces Humor
Época	NBC News	Valor Econômico
Época Negócios	Newsweek	Veja
Época São Paulo	Nicole Büchler Fotografias	Veja Entretenimento
Estadão	Nike Futebol	Veja Rio
Eu amo meu filho	Noticias das forças armadas brasileiras	Veja São Paulo
Exame	Noticieros Televisa	Venezuela
Exame PME	O Globo	Vida Simples
Exame.com	O Popular	Vila Nova Futebol
Exército Brasileiro	O POVO Online	Vila Nova Futebol Clube
Fábio Jr.	ODIARIONET	Você RH
Facebook	Outback Brasil	Você S/a
Facebook and Privacy	Ouvidoria do Ministério Público do Trabalho	Wired

Facebook Brasil	Palácio do Planalto	World BBC News
Facebook for Developers	Pet Care	WWF
Facebook Security	Planeta Sustentável	WWF-Brasil
Fantástico - o show da vida	Polícia Federal - PF	Yahoo Notícias
Fantástico - o show da vida	Política Estadão	Yasmin Lingerie
Fast Company	Poll	YouTube
	Portal Administradores	Zero Hora